Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 61.º N.º 20 725
Dezembro 1981
Sexta-feira

11

15$00

Admitido esta manhã na Assembleia

PS e PCP vão estudar moção de censura?

PS e PCP admitiram esta manhã, na Assembleia da República, a possibilidade de virem a apresentar uma moção de censura ao Governo.

Tudo começou com uma interpelação ao executivo da AD apresentada pelos comunistas sobre a problemática da habitação. Carlos Brito, líder parlamentar do PCP, abriu os trabalhos com uma intervenção de fundo, analisando a actividade do «Governo Balsemão II», que está a fazer 100 dias, focando em especial as questões relacionadas com a habitação, as propostas de lei das grandes opções e do OGE («apresentadas tarde e a más horas e ainda por cima feridas de ilegalidade e inconstitucionalidade») e os «monstruosos aumentos de preços dos medicamentos que a AD pretende impor».

António Arnault, em seu nome pessoal e no do PS, apoiou a declaração de Carlos Brito e propôs que, para além da interpelação sobre a habitação, viesse a ser apresentada uma outra sobre o sector da saúde, acrescentando depois: «E porque não uma moção de censura ao Governo?»

Perante os aplausos das bancadas da oposição e um evidente mal-estar nas bancadas da AD, o líder parlamentar em exercício do PSD, Silva Marques, replicou e, quanto à moção de censura, realçou que a oposição, como minoria, não podia deitar abaixo o Governo. Foi então que Carlos Brito respondeu, com alguma ironia, que neste momento está convencido que a oposição já não é minoria e, voltando-se para Arnaut, disse: «Se nos entendermos, o PS e nós, não teremos dificuldades em apresentar a moção de censura. Estamos disponíveis para o fazer.»

À hora de encerrarmos esta edição estavam a ser discutidos dois projectos e uma proposta de lei sobre o objector de consciência. **(Mais noticiário sobre a AR na página 5).**

Futebol da UEFA

Sorteio "dá" ao Porto belgas de Liège

Em Zurique (Suíça) efectuou-se hoje o sorteio das competições do futebol uefeiro: o FC Porto, único obrevivente português vai defrontar o Standard de Liége para a «Taça das Taças», com jogos a 3 e 17 de Março, respectivamente na Bélgica e nas Antas.

O restante cartaz indica: Tottenham Hotspur (Inglaterra) -Eintracht Francfort (RFA); Légia de Varsóvia (Polónia) - Dynamo Tbilissi (URSS) e Lokomotive Leipzig (RDA) - Barcelona (Espanha).

Taça dos Campeões: Dynamo de Kiev (URSS) - Aston Villa (Inglaterra); Liverpool (Inglaterra) -C.S.K.A. de Sófia (Bulgária); Universite Craiova (Roménia) -Bayern de Munique (RFA); e Anderlecht (Bélgica) - Estrela Vermelha, de Belgrado (Jugoslávia).

Taça UEFA: Real Madrid (Espanha) - Kaiserslautern (RFA); Valência (Espanha) - Goeteborg (Suécia); Hamburgo (RFA) -Neuchatel Xamax (Suiça) e Dundee United (Escócia) - Radnicki (Jugoslávia).

Mitterrand já está em Lisboa

Pág. 24

Espanha: tudo está em questão

Pág. 14

O roubo rocambolesco do Tesouro de Guimarães

Fugiu do Miguel Bombarda a acusada número um

Acusada de implicação no roubo do Tesouro de Guimarães, um «golpe» que envolveu antigos do ELP e do MDLP, uma mulher que transitou das Mónicas para o Hospital Miguel Bombarda conseguiu agora evadir-se (encontrava-se ali sob prisão), tornando ainda mais difícil que venham a ser encontrados os autores do furto e recuperadas as valiosíssimas peças desaparecidas. O «DL», que tem sondado os bastidores do caso, publica hoje o resultado das suas investigações. **Págs. 12 e 13**

Hoje no "Sete Ponto Sete"

Entrevista com Edgar Morin

Dois mil e cem contra seis

Apesar da emissão "pirata" houve mesmo greve na TV

O primeiro dia de greve dos trabalhadores da RTP cumpriu-se ontem com uma adesão que, segundo fontes sindicais, se aproxima quase dos cem por cento. A paralisação, em prol da revisão das tabelas salariais, prossegue nos próximos dias 13 e 14. Apesar da emissão «pirata» procedente do Porto, a verdade é que, pela primeira vez na história da Televisão, o público se apercebeu (a preto e branco e com todas as cores possíveis) de que os trabalhadores da RTP se encontravam mesmo em luta. Em números redondos, são cerca de 2100 trabalhadores – e também em números redondos (pois que há sempre cumplicidades escondidas) unicamente seis colaboraram com o Conselho de Gerência da RTP. Os piquetes de greve (ver foto) não usaram de qualquer coacção física: estiveram tão-só presentes como símbolo de um direito conquistado pelo povo português – o direito cívico à greve. **Pág. 11**

PCF prepara o XXIV Congresso discutindo relações com o PSF

PARIS (serviço da IPS), **por LEYLA BARTET**) – A preparação do XXIV Congresso do Partido Comunista Francês (PCF) pôs em evidência a existência de correntes internas que se definem em relação às duas preocupações maiores do partido: as relações com os socialistas e o programa para os próximos anos.

Os comunistas franceses vão reunir-se entre os dias 2 e 17 de Fevereiro próximo, no subúrbio operário de Saint Quen, a Norte de Paris, para discutir o projecto de resolução adoptado pelo Comité Central a 9 de Outubro último.

Segundo a corrente que permaneceu fiel aos princípios do eurocomunismo – que a direcção do PCF abandonou nos últimos tempos – o «atraso» do partido evidenciado na sua derrota eleitoral das presidenciais de Abril explica-se pelo afastamento de um modelo de socialismo «com as cores da França». O Partido Comunista perdeu nessas eleições cerca de 5 por cento dos votos conseguidos em anteriores eleições.

Num crescente estudo de François Hincker, chefe de Redacção do extinto semanário comunista «Nova Crítica», denuncia-se a demora na aplicação das decisões do Congresso de 1956 relativas a uma União da Esquerda. Para Hincker, a imagem «anti-unitária» que o PCF teve nas últimas eleições deve-se aos seus retrocessos e reticências na formação de um bloco de esquerda e a sua crítica sistemática ao Partido Socialista (PS).

Para a direcção do PCF, ao contrário, o problema é outro, exactamente oposto. Segundo um relatório apresentado ao Comité Central pelo secretário geral, George Marchais, a estratégia de unidade que o Partido pôs em prática a partir de 1962 enfraqueceu as suas posições e beneficiou directamente os socialistas.

Por seu turno, Jeanette Thorez, viúva de Maurice Thorez, que foi secretário-geral do PCF, fez chegar há alguns dias ao Comité Central uma carta na qual atribui a responsabilidade do actual enfraquecimento do partido à sua direcção. A viúva de Thorez repudia, além disso, as afirmações da direcção, que atribui o «retrocesso» a erros cometidos entre 1956 e 1962. A senhora Thorez foi membro do Comité Central do PCF nessa época, afastando-se depois, em 1968, por não partilhar das críticas do partido à intervenção soviética na Checoslováquia.

A direcção do PCF entende que as posições ferreamente pró-soviéticas que o partido manteve desde o 14.º Congresso, de Julho de 1956, iniciaram o seu atraso político, determinaram o seu estancamento e o seu posterior e progressivo enfraquecimento.

Roger Bourderon: uma pedrada no charco

A viúva de Thorez cita, em contrapartida, as teses desse congresso em relação à união

George Marchais, secretário-geral do PCF

entre socialistas e comunistas e de apoio ao caminho socialista por via eleitoral. Juntamente com outros militantes que também tiveram responsabilidades de direcção naquele período, a senhora Thorez classifica a actual direcção de «oportunista» e responsável pela debilidade do partido.

Parece evidente, em todo o caso, que a margem de jogo político do Partido Comunista está dada pelo desenvolvimento do PS. A sua participação minoritária, mas efectiva, no actual governo, permite-lhe difundir uma imagem positiva do comunismo, mas ao mesmo tempo dificulta o esboço de uma estratégia frente aos socialistas. Assim, o historiador Roger Bourderon, militante do PCF, chama a atenção, numa publicação do Partido, para «a ausência durável de uma análise de fundo acerca do Partido Socialista».

Com efeito, o documento apresentado pelo Comité Central ao Congresso não explica porque resulta «negativo» o crescimento do PS nos últimos anos. Porém, se parece evidente que os comunistas franceses consideram a alternativa «social-democrata» como uma forma de prolongar a ordem social existente, como se justifica então, não só a sua participação no actual governo como ainda a defesa pública que dele fazem os seus dirigentes?

É provável que o PCF considere que a possibilidade de ampliar as suas bases populares pode beneficiar-se da posição que oferecem os quatro Ministérios comunistas. Em todo o caso, Jack Ralite, titular da pasta da Saúde, leva por diante um ministério classificado de «exemplar» nos círculos do presidente Mitterrand. Ralite decidiu, há pouco, efectuar uma «viagem francesa da saúde», visitando hospitais e empresas para controlar o seu funcionamento.

Assim pôde denunciar as carências da maior parte das fábricas e centros industriais em matéria de higiene e segurança. Depois da aprovação pública ao seu desempenho feito por Mitterrand, na sua primeira conferência de Imprensa de Setembro, Ralite tomou importantes medidas no sector: anunciou a supressão da desumana Lei de 1838 sobre internamento psiquiátrico, suprimiu o sector privado nos hospitais, decidiu um importante apoio a farmácias mutualistas. Junta-se a isto gestos muito apreciados pela opinião pública, como as visitas de surpresa aos hospitais durante a noite para verificar as condições de atenção aos doentes.

Outro tanto ocorre com Anice le Pors, ministro da função Pública, e com Charles Fiterman, ministro dos Transportes. Este último é considerado pelo presidente como «o mais trabalhador do gabinete».

Em todo o caso, as decisões que foram adoptadas no próximo Congresso do PCF a respeito do programa futuro, deverão considerar a sua delicada e complexa relação com o PS. Mas, precisamente porque se trata dum tema controverso e definitório em termos da existência e importância do PCF, duas opiniões se perfilam a este respeito no seio dos militantes.

Para alguns, o projecto de resolução adoptado pelo Comité Central define a política do partido. É o seu manifesto e o seu programa e deve ser, neste sentido, apoiado e defendido pelos militantes. Outros consideram, em contrapartida, que este documento é apenas uma proposta de análise e de directivas cuja exactidão deverá ser verificada e estudada para assegurar o seu realismo.

O diário «L'Humanité», órgão oficial do PCF, publica as contribuições, às vezes opostas, dos militantes, de maneira a que o debate em contraste com o costume nestes casos – seja público e não interno.

As eleições municipais e regionais de 1983 constituem um objectivo não demasiado remoto e os resultados que então o PCF obtiver permitir-lhe-ão avaliar a eficácia da linha que for adoptada no próximo Congresso.

BIG-BEN

BOUTIQUES

ANUNCIA

Que a partir de 8 do corrente pode também visitar-nos no CENTRO COMERCIAL DE ALVALADE - LOJA 6 – TELEF. 804927 e ainda

Av. Ressano Garcia, 34 - D – Telef. 535720
R. do Carmo, n.º 51 - 5.º C
Centro Comercial Pão de Açúcar
Loja 8 em Cascais - Telef. 2841519

JURISTAS DEMOCRATAS

MANIFESTAÇÃO
12 DEZEMBRO

CONCENTRAÇÃO: MARQUÊS

(Esquina F.P. Melo) às 14.30 h

NAS COMPRAS DE NATAL

10% desconto

Brindes de Boas-Festas em Brinquedos e Confecções

ROSARINH

Rua Augusta, 260 – Telf. 325767 – Lisboa

Assembleia Municipal de Beja

MOÇÃO

1 — Considerando que a Constituição da República consagra as amplas aspirações de liberdade, de democracia política, económica e de progresso social da esmagadora maioria do povo português;

2 — Considerando que pelas razões atrás citadas, a Constituição mereceu a aprovação de 94% dos Constituintes;

3 — Considerando que a Constituição responde às necessidades inerentes à nossa democracia pluralista;

4 — Pelo que fica exposto:

a) — A Assembleia Municipal de Beja reafirma a sua fidelidade à letra e ao espírito da Constituição;

b) — Apela aos deputados para reverem a Constituição observando rigorosamente o seu espírito; e

c) — Manifesta-se contra a subversão da Constituição da República.

Assembleia Municipal de Beja, 28 de Novembro de 1981

(Aprovada por maioria — APU, PS e UDP —, com uma abstenção da AD)

JOVEM

A CONCENTRAÇÃO É AQUI

MANIFESTAÇÃO!

15H Marquês Pombal - Terreiro do Paço

12 SÁBADO

AD FORA DO GOVERNO

União Sindicatos Lisboa — União Sindical Setubal — CGTP-IN Lisboa — Cintura Industrial Setubal

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA

TELEFS.: 23846-22346-25245 — APARTADO 72
3001 COIMBRA CODEX

SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

Até às 15 horas do dia 16 de Dezembro de 1981, aceitam-se propostas em carta fechada e lacrada para os seguintes fornecimentos, para o 1.º trimestre de 1982:

— Pão
— Carne congelada
— Carne fresca
— Legumes
— Fruta
— Peixe fresco
— Peixe congelado
— Ovos
— Géneros alimentícios
— Vinho, vinagre, laranjada e cerveja

A abertura das propostas, far-se-á no dia 17 de Dezembro de 1981, pelas 16 horas.

As restantes condições estão patentes nos Serviços de Aprovisionamento.

Hospital Geral da Colónia Portuguesa do Brasil — Covões — 3000 COIMBRA
Tel. 20115 --28106

OS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

política de A a Z

O preço do voto livre

ESTRANHO sudário de queixas, agravos e saudade, a esconder mal um despeito que não desarma, verniz superficial de um ódio que resiste ao tempo e ao cansaço, a entrevista, concedida, a um redactor do «Diário de Notícias», pelo vice-primeiro-ministro, ministro da Defesa Nacional e presidente do CDS, Doutor Diogo Freitas do Amaral.

Generosamente lhe chamou o jornalista «uma aprofundada análise da situação política portuguesa». Mas, para além da lágrima de saudade de Francisco Sá Carneiro que presumimos ler na lamentosa referência ao acerto das suas previsões, são queixas contra os «aliados», ataques a adversários, – estes com uma especial animosidade para o presidente da República – e afirmações de um conservadorismo inequívoco. Toda uma argumentação especiosa e demagógica preenche o espaço jornalístico dedicado às declarações do presidente do CDS e da UEDC (União Europeia das Democracias Cristãs) e o cristianismo político do líder centrista não sabe esconder um triste, e pouco cristão, sentimento de raiva pelo facto do Povo Português não ter aprovado «um ponto» do projecto global de sociedade apresentado pela «Aliança Democrática».

Com efeito, na opinião do Doutor Freitas do Amaral e citamos o texto: «Não é fácil – nem sei mesmo se será possível – que a Aliança Democrática continue a apresentar-se, não como uma simples coligação de poder, mas como um projecto de sociedade, como um projecto global de modernização e reforma estrutural da sociedade portuguesa, se essa aliança puder ser substituída por alianças diferentes em determinados pontos do território nacional.» E, seguidamente, precisa o seu pensamento: «Quer dizer, um projecto global de sociedade implica uma maioria parlamentar, um Governo, um projecto comum de revisão da Constituição, um presidente da República **(este ponto não foi aprovado pelo povo português)** *e uma atitude comum relativamente ao poder local e às eleições autárquicas. Era o que se dizia no acordo constitucional da AD.» (O sublinhado é nosso).*

Não é só o Doutor Freitas do Amaral que se recusa a tirar as consequências políticas do «ponto» (do projecto global da AD) que «não foi aprovado pelo Povo português». Não seria cómodo, para os dirigentes da «coligação», e acaso para outros membros da «classe política», reconhecer que a vitória do candidato Ramalho Eanes nas eleições presidenciais de há um ano significou para a «Aliança Democrática» uma pesada derrota política e moral. Mas mais: a vitória do candidato Ramalho Eanes sobre o «candidato da AD», evidenciou a existência de uma nova maioria, de uma maioria diferente da que tinha proporcionado à coligação do PSD, do CDS e do PPM uma representação parlamentar maioritária.

Este facto político não pode ser interpretado, redutivamente, como a derrota da «Aliança Democrática» quanto a um «ponto» do seu «projecto global de sociedade». A perda da eleição do «seu» candidato à Presidência da República – e pelo Povo português «este ponto não foi aprovado» – representava a impossibilidade de levar à prática o «projecto global de sociedade».

Quando afirma que as «previsões» de Francisco Sá Carneiro «no essencial ... têm ... vindo a confirmar-se», o Doutor Freitas do Amaral, reconhecendo embora que não é legítimo afirmar que «o agravamento da situação portuguesa se deva apenas à reeleição de Ramalho Eanes, confessa: «Não há dúvida, no entanto, de que se tivéssemos conseguido fazer eleger o general Soares Carneiro, teríamos hoje uma muito maior possibilidade de vencer a crise com menos sacrifícios para o povo português.»

E a razão de ser desta afirmação vem a seguir: «o general Soares Carneiro era, como nós, favorável a um referendo constitucional que permitisse superar eventuais impasses que surgiram na revisão constitucional». Não nos surpreende a afirmação. O Doutor Freitas do Amaral confirma o propósito «golpista» que inspirava a candidatura do general Soares Carneiro e passa, como se de um simples detalhe se tratasse, sobre o facto: «este ponto não foi aprovado pelo Povo português». Denotando o instrumento do «golpe», o Povo português repudiou o conteúdo programático desse mesmo «golpe». Os condutores da política da «Aliança Democrática», e designadamente o Doutor Freitas do Amaral, têm dificuldade em admiti-lo.

Não ocultando, também, até onde iria a política «restauracionista», no caso da vitória do general Soares Carneiro nas «eleições presidenciais ter dado um novo fôlego à vitória da AD nas «eleições legislativas», o Doutor Freitas do Amaral, traça um balanço, algo fantasioso e acentuadamente demagógico, dos prejuízos advindos da circunstância do Povo português ter reprovado o «ponto Soares Carneiro».

Citamos o vice-primeiro-ministro: «Isso significa, por exemplo, que o artigo da Constituição que estabelece a irreversibilidade das nacionalizações realizadas depois de 25 de Abril era um artigo que poderia ser alterado. Com a reeleição do general Ramalho Eanes, e com o seu compromisso assumido perante o eleitorado de não consentir o referendo consititucional, torna-se impossível tocar em tal artigo. Isto representa um preço muito alto – que eu gostaria que fosse estimado, mas admito milhões de contos – que tem de ser pago pelo povo português, agravando a dívida do Estado e agravando o Orçamento, o que impede que apliquemos os recursos disponíveis em acções de carácter social, na educação, na saúde, na previdência, na habitação.»

Podemos, portanto, concluir que tudo seria mais favorável – para as finanças do Estado e para o bem dos portugueses – se o Povo tivesse dado a sua concordância ao «golpe referendário» de que seria instrumento o candidato presidencial da «Aliança Democrática». Votando Ramalho Eanes, o Povo errou. Errou contra os seus interesses – a educação, a saúde, a previdência, a habitação, agravou a dívida do Estado, aprofundou o défice do Orçamento. Derrotando a «Aliança Democrática» e fazendo a prova da existência de uma nova maioria, o Povo mostrou que Oliveira Salazar tinha razão. Mostrou que não era civicamente maior, mostrou que não estava apto para as escolhas democráticas, para a governação em Democracia.

Porque é isto que disse o Doutor Freitas do Amaral. Porque, leitores, é imprudente responder com uma gargalhada a esta repetição do discurso de Salazar. Um Professor fez-se eco do outro Professor. É um regresso à teoria da menoridade cívica dos Portugueses. É; novamente, o «salazarismo».

Maus ventos para 1982

Silva Falcão

O povo português começa a alarmar-se seriamente com o seu futuro. Sente-se o facto na vida quotidiana, através a vivência com pessoas de diferentes actividades e níveis de vida, de diferentes zonas geográficas, até através de pessoas de opostas sensibilidades políticas. Bastantes apoiantes da coligação no Poder reconhecem agora (e não é tarde de mais) como foi errado o voto concedido a quem tantas promessas formulou na altura das últimas eleições legislativas para não as cumprir minimamente. Compreende-se o fenómeno: o inapagável 25 de Abril nunca poderia ser uma vara mágica que anulasse os efeitos de meio século de obscurantismo. As promessas feitas assentavam na ideia fulcral da mudança. Os preços seriam contidos na sua marcha ascensional, o desemprego seria debelado, cada português viria a possuir habitação própria, a criminalidade iria ser debelada, o ensino entraria numa fase de acerto, a terceira idade veria minorados os seus sofrimentos, deixariam de existir as elevadíssimas taxas de mortalidade infantil e seriam anuladas as gritantes assimetrias sociais. Tudo isto foi prometido. Mas nada, mesmo nada foi cumprido, muito pelo contrário.

São as condições materiais que ditam o comportamento das massas e as grandes viragens da História, que muitos teimam em ignorar. O povo consciencializa-se mais e mais de que estamos efectivamente em tempo de mudança. Mas terá de ser uma mudança de cariz diferente, oposto aquela mudança que se processa, que é a via do regresso aos monopólios e multinacionais e à exploração mais acentuada da classe trabalhadora e, também, à proletarização da pequena burguesia. É a tentativa de sacrificar até ao estrangulamento o poder de compra da generalidade das pessoas para assim servir os interesses do grande capital, alimentando o luxo desmedido de uma minoria reduzida, que não possui em muitos casos limites de ordem moral, com a prática de requintadas orgias e alucinantes bacanais, ao ritmo da «Cavalgada das Valquirias» de Wagner. Porque uma verdade surge como incontroversa: não existe qualqser fatalismo a envolver a grave crise económica. Não existem quadrados mágicos na economia, como afirmou negativamente em data recente o então ministro Morais Leitão. Existe, sim, uma política de classe que favorece o grande capital à custa das populações. O resto é conversa. Com renovadas promessas que renovadamente se não cumprem. Importa ganhar tempo. Ir aguentando e amortecendo a queda vertical do capitalismo, cujo estertor irá provocar miséria, e sofrimento nas classes laboriosas. Se estas estiverem pelos ajustes, é óbvio.

Após o falhanço claro e rotundo do Governo Balsemão I, eis que se descortinam os efeitos do Governo Balsemão II. A sua incoerência só não vislumbra, quem mesmo não o quer fazer. Repare-se que foi anunciada como prioridade das prioridades o desenvolvimento económico do País. Pois, semanas depois da apresentação do programa do Governo, surge o dr. João Salgueiro a indicar que a economia portuguesa necessita de um período de arrefecimento. Em que ficamos? No aquecimento da economia através do desenvolvimento ou no seu arrefecimento? Esta incoerência pode ser explicada por uma razão simples mas insólita. Passaram entretano nas barreiras alfandegárias do aeroporto da Portela as pastas dos patrões do Fundo Monetário Internacional, onde estavam inclusas as ordens dos nossos colonizadores. Essas ordens contrariam a ideia de desenvolvimento. Ao imperialismo não convém a libertação económica dos países colonizados. Há que assegurar a dependência dos povos que alguns pensam estar sujeitos a permanente e definitiva submissão.

Integram-se nesta linha os grandes princípios programáticos do Orçamento Geral do Estado para 1982. Estes princípios virão a criar maiores dificuldades ao já tão sacrificado povo português. Nesse Orçamento estão previstos mais 134,7 milhões de contos do que o total previsto para este ano. Qual o significado deste aumento para o nível de vida dos portugueses? Um novo atentado, pois serão as populações que terão que suportar os efeitos da crise para que não contribuíram.

Socorramo-nos das «Lições de Finanças Públicas» do professor Teixeira Ribeiro. Lê-se na página 368: «A lei tributa determinada pessoa, a qual é, portanto, o contribuinte de direito; se essa pessoa paga o imposto e este fica definitivamente a seu cargo, ela é também o contribuinte de facto.

Mas o contribuinte de direito talvez consiga transferir parte ou a totalidade do imposto que pagou para outra pessoa, que é quem vem verdadeiramente a suportá-lo; se o conseguir, esta última será o contribuinte de facto.

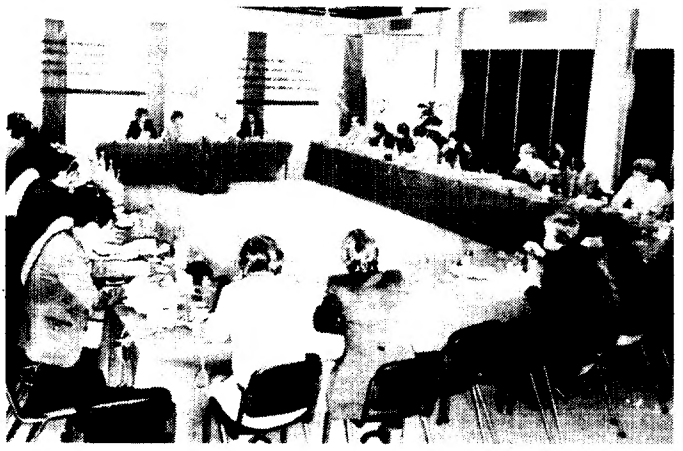
Sobre o contribuinte de direito dá-se a incidência legal; sobre o contribuinte de facto dá-se a incidência real do imposto e à transferência do encargo tributário do contribuinte de direito para outra pessoa, que nessa altura é o contribuinte é o contribuinte de facto, chama-se repercussão.»

Temos assim que há dois conceitos de impostos, em terminologia de finanças públicas, o de impostos directos e o de impostos indirectos, de acordo com a sua repercussão. Os impostos directos são aqueles que são efectivamente suportados por quem os paga. Os impostos indirectos são transferíveis para terceiras pessoas. Exemplos? O imposto profissional é suportado por quem o paga, não existe hipótese de transferência: trata-se de um imposto directo. A contribuição industrial é normalmente considerada como um custo e é transferida para o comprador: trata-se de um imposto indirecto.

À luz destes conceitos, o aumento dos impostos previstos para 1982 terão um dos dois efeitos: ou irão aumentar os preços, no caso dos impostos indirectos, ou irão afectar directamente o rendimento disponível das pessoas. Este rendimento disponível é um indicador de enorme

Continua na pág. 4

ponto a ponto



● Com a participação de delegações de 23 países, iniciou-se ontem em Lisboa um seminário sobre «a juventude e o direito ao trabalho», promovido pela Federação Mundial da Juventude Democrática (FMJD) e pela Juventude Comunista Portuguesa (JCP).

O seminário, integrado na preparação da décima primeira assembleia da FMJD, a realizar no próximo ano, visa designadamente, segundo os respectivos organizadores, «traçar linhas de acção comuns» para todas as organizações filiadas naquela organização internacional.

Do programa da reunião, que termina amanhã constam também um encontro com o secretário-geral do PCP, e um comício no Barreiro na noite de hoje.

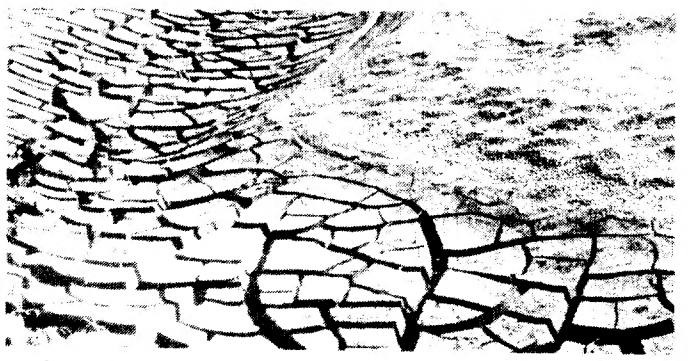
● O maestro e compositor **Fernando Lopes Graça** vai ser homenageado no próximo fim-de-semana em Tomar, sua cidade natal. A homenagem a Lopes Graça, no seu 75.º aniversário, é promovida conjuntamente pela Câmara local, Sociedade Banda Republicana Marcial Nabantina, Sociedade Filarmónica Gualdim Pais, Conservatório Regional de Música e Centro de Cultura Popular de Tomar.

● Para comemorar o cinquentenário da publicação do romance «A Selva» de **Ferreira de Castro,** vai ser descerrado amanhã, no parque municipal de S. João da Madeira, um busto do escritor. A iniciativa que fica a dever-se à Associação dos Amigos de Ferreira de Castro e à Câmara Municipal daquela localidade, encerrará o ciclo das comemorações evocativas da publicação de «A Selva».

● O Instituto de Defesa Nacional promove de segunda a quarta-feira, em Lisboa, um seminário sobre o tema «ordenamento do território e a defesa nacional».

O seminário integra-se no quadro de actividades do Instituto para o ano em curso e nele participam diversas individualidades de sectores relacionados com o tema em análise.

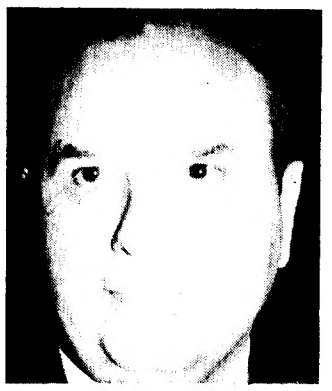
Esta realização do Instituto fecha um ciclo de seminários que incluiu temas como «a Zona Económica Exclusiva e a Defesa Nacional» e «Indústria Nacional e Defesa Nacional».



● O Conselho de Ministros tomou ontem várias medidas «para fazer face às consequências da **prolongada seca**» – refere o comunicado oficial.

A legislação aprovada – diz o texto – será divulgada «muito em breve».

O Conselho registou a passagem do Dia Internacional dos Direitos Humanos e realçou «esse valor essencial, inerente à dignidade da pessoa humana, e que não pode estar dependente das políticas concretas nos diversos estados».



● A Juventude Social-Democrata criticou as declarações do **ministro dos Assuntos Sociais** sobre a cobertura dos custos da assistência apontando para um agravamento dos utentes.

Em comunicado da comissão permanente da comissão política nacional, a JSD «diz não, frontal e inequivocamente» às medidas anunciadas sobre a futura política de Saúde do Governo e pede «uma revisão global das intenções» do executivo neste campo.

Voto português na ONU contra agressão a Angola

O embaixador de Portugal nas Nações Unidas, Rui Medina, condenou ontem, durante um debate na Assembleia Geral da organização, as agressões da África do Sul contra Angola.

Numa declaração de voto sobre uma série de resoluções da Assembleia Geral sobre a Namíbia, o representante português reafirmou também que Portugal reconhece o direito à autodeterminação e independência daquele território, de acordo com a resolução do Conselho de Segurança.

Esta resolução, aprovada em 1978, prevê a realização de eleições para uma assembleia constituinte para o território e tem servido de base aos esforços diplomáticos do grupo de contacto para encontrar uma solução para a questão.

O embaixador português afirmou que essa solução teria de ser pacífica e aceite internacionalmente. Das seis resoluções aprovadas ontem, Portugal votou a favor de quatro, tendo-se abstido em duas.

As razões para as abstenções, citadas por fontes diplomáticas portuguesas, foram as referências nas resoluções legitimando a luta armada como meio para a obtenção da independência da Namíbia, a recomendação de medidas visando o isolamento total da África do Sul, e outras referências críticas, consideradas «discriminatórias», aos Estados Unidos.

O diplomata português sublinhou ainda o seu apoio a um parágrafo de uma das resoluções recomendando o estabelecimento em Luanda de um escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para a Namíbia.

Portugal "quer" força de intervenção EUA

O apoio logístico português à Força de Intervenção Rápida Norte-Americana será negociado caso a caso e não terá natureza sistemática, segundo afirmou ontem em Bruxelas o secretário de Estado da Defesa, Carlos Pardal, que substituiu Freitas do Amaral nas reuniões ministeriais do Eurogrupo e do Comité dos Planos de Defesa (CPD) da NATO Carlos Pardal declarou, no entanto, que o Governo português «manifestará sempre uma grande abertura para colaborar com a Força Especial Americana, mas «esse princípio não dispensará uma análise casuística das situações e, portanto, a necessidade de consultas prévias».

Segundo o secretário de Estado, esta atitude geral foi igualmente assumida pela Alemanha Federal e países mais directamente associáveis às acções da Força de Intervenção, essencialmente destinada a «proteger» a estrutura do abastecimento petrolífero Ocidental no Médio Oriente.

Ainda no âmbito das questões ligadas ao relacionamento de Lisboa com a NATO, Carlos Pardal, reafirmou, na sessão do CPD, a necessidade de acelerar o programa de construção de três fragatas destinadas à Marinha de Guerra Portuguesa. Os navios serão financiados por países da NATO numa percentagem situada entre 50 e 60 por cento do seu custo total, estimado em 600 milhões de dólares (cerca de 39 mil milhões de escudos).

A Espanha na NATO

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Gonçalves Periers, disse ontem em Bruxelas, que a adesão da Espanha à NATO não implicará qualquer alteração nas zonas de Comando Militar da aliança que interessam a Portugal. O ministro escusou-se a referir detalhes dos debates no seio do Conselho do Atlântico, dado o carácter secreto da reunião, mas sublinhou que o «Governo cumpriu o seu duplo objectivo de concorrer para a entrada da Espanha na NATO protegendo simultaneamente os interesses estratégicos portugueses».

Gonçalves Pereira sublinhou que o Governo português sempre manifestou, neste processo o seu apoio à entrada da Espanha, sem o qual não seria possível a adesão, dada a regra da unanimidade que preside às decisões assumidas no seio da Aliança. A regra da unanimidade funcionará mais uma vez depois da plena adesão da Espanha, quando se tratar de abordar os termos da inclusão do país vizinho na estrutura militar integrada da organização.

Maus ventos para 1982

Continuação da pág. 3

importância no quadro de uma análise macroeconómica.

Sabe-se que não é o montante de salários nominais que fornece a indicação do nível económico das populações, na medida em que os salários nominais não reflectem as variações dos níveis dos preços. São os salários reais, que tomam já em conta esses níveis de preços, quem define melhor o poder de compra das pessoas. Mas há a realidade do pagamento de impostos ao Estado, cujas variações não são reveladas através os salários reais e a sua evolução. Daí a necessidade de um novo indicador que considere já os aspectos de tributação fiscal. Esse indicador é o de rendimento disponível. O rendimento disponível pessoal será o montante dos salários nominais deduzidos dos impostos pagos. Mas este rendimento disponível é um rendimento disponível nominal. O rendimento disponível real será este rendimento disponível deflacionado, isto é, o rendimento disponível corrigido através um índice de preços, normalmente o índice de preços no consumidor.

O mencionado acréscimo de impostos previstos para 1982, no valor de 134,7 milhões de contos irá afectar o montante do rendimento disponível real por duas vias. Em primeiro lugar, haverá que contar com a diminuição do rendimento disponível nominal através a dedução dos impostos. E vale a pena referir o agravamento considerável do imposto profissional. São propostos 32,5 milhares de contos para 1982, quando foram cobrados 18.087 milhares de contos em 1980 e foram orçamentados 24,4 milhares de contos para 1981. Deve registar-se que para este agravamento contribui bastante o início de pagamento de imposto profissional por parte dos funcionários públicos. Em segundo lugar há que esperar novos aumentos de preços por repercussão dos impostos indirectos, que os consumidores virão a pagar de facto.

O aspecto grave é que este agravamento de impostos é concomitante com o desenvolvimento do actual processo inflacionário. Afirmar que a taxa de inflação se irá situar em 1982 a níveis como 15 ou 19 por cento constitui manobra de diversões, destinada a refrear a subida dos salários. Tal afirmação não apresenta uma base de justificação e promessas... leva-as o vento. Pode afirmar-se, sim, pelo contrário que a política de liberalização dos preços, **pivot** da estratégia do Fundo Monetário Internacional, conduz ao agravamento das taxas de inflação.

Maus ventos soprarão assim na economia portuguesa em 1982, designadamente no tocante ao nível de vida das classes já hoje desprotegidas. Esses maus ventos constituem preocupante prenúncio das tempestades que se adivinham no horizonte: a queda vertical do poder de compra das populações, abaixo de níveis de vida mínimos. Mas confia-se na classe trabalhadora, na pequena burguesia e seus aliados. A condição material das massas e consequente luta, representa sempre um factor determinante das grandes mudanças sociais. A grave crise económica é uma crise de sistema, não de homens. A solução da crise passa pela socialização. É a única solução. A França fornece o mote, o início de uma promissora caminhada, na senda da libertação do Homem.

A SIDERURGIA NACIONAL
ESTÁ A CRESCER, VOCÊ PODE CRESCER COM ELA.

OBRIGAÇÕES |SN 81|

Emissão de 1 200 000 de obrigações ao portador, no valor nominal de 1000$00.
Emissão tornada firme pelo Banco Pinto & Sotto Mayor.

Subscrição
9 a 15 de Dezembro de 1981 sujeita a rateio.

Taxa real de 20,9 %
Rendimento correspondente às taxas actualmente em vigor (líquido de imposição de impostos).

Amortização
Ao par, por sorteios anuais.

Taxa de juro nominal
Do 1.º Cupão 20 %. Para cada um dos cupões seguintes a taxa de juro será correspondente à taxa básica de desconto do Banco de Portugal em vigor no 1.º dia de cada período de vencimento de juro, acrescida do diferencial de 2 %.

Vantagens fiscais
Isenção de Imposto de Capitais.
Isenção de Imposto Complementar.

Pagamento dos juros
Datas de vencimento:
15 de Janeiro e 15 de Julho de cada ano.
O 1.º pagamento terá lugar em 15 de Julho de 1982.

Prémios de reembolso
O valor da amortização de cada obrigação será acrescido de:
na 1.ª amortização 45$00
na 2.ª amortização 60$00
na 3.ª amortização 75$00
na 4.ª amortização 95$00
na 5.ª e última amortização 115$00.
1.ª amortização em 15 de Janeiro de 1984.

Títulos definitivos
Serão entregues até à data de pagamento do primeiro cupão.

Títulos
Ao portador, de 1 e 10 obrigações ou certificados.

Cotação
Nas bolsas de valores de Lisboa e Porto.

Informe-se e peça folheto explicativo aos balcões de qualquer instituição de crédito bancário.

A SIDERURGIA NACIONAL
ESTÁ A CRESCER, FAÇA O SEU DINHEIRO CRESCER COM ELA.

SIDERURGIA NACIONAL, EP
Sede: Rua Braamcamp, 7
1297 LISBOA CODEX
Telefone 533151/9

CENTRO NACIONAL DE PENSÕES

PAGAMENTO DE PENSÕES E 13.º MÊS ATRAVÉS DE BANCOS, EM DEZEMBRO

A exemplo dos anos anteriores, informam-se os pensionistas que recebem as suas pensões através de Bancos, que os pagamentos serão efectuados do dia 17 ao dia 23 de Dezembro.

A distribuição dos pensionistas pelos dias de pagamento será a seguinte, de harmonia com o número de beneficiário:

Dia 17 — Pensionistas cujo número de beneficiário termine em 0 e 1;
Dia 18 — Pensionistas cujo número de beneficiário termine em 2 e 3;
Dia 21 — Pensionistas cujo número de beneficiário termine em 4 e 5;
Dia 22 — Pensionistas cujo número de beneficiário termine em 6 e 7;
Dia 23 — Pensionistas cujo número de beneficiário termine em 8 e 9.

Lisboa, 10 de Dezembro de 1981

Pela Comissão Instaladora

assembleia da república

Deputados consideram viagem de Eanes "alto serviço prestado a Portugal"

A Assembleia da República aprovou ontem por maioria, com as abstenções do PPM e de um social-democrata, um voto de congratulação apresentado pela ASDI pela recente viagem do Presidente Eanes a Moçambique.

O voto da ASDI considerava que «ficou reforçado o lugar de Portugal no mundo e foi dado um passo significativo para o estabelecimento de novas relações da Europa com África».

No voto, depois de aprovado, a assembleia congratulou-se com «o alto serviço prestado a Portugal pelo Presidente da República com a sua visita a Moçambique, Zâmbia e Tanzânia».

Além disso saúda os povos visitados e afirma «a sua convicção de que o caminho da amizade e trabalho com esses povos será persistentemente prosseguido».

Os deputados, Jorge Miranda (ASDI), António Arnaut (PS), Natália Correia (PSD), José Gama (CDS), Veiga de Oliveira (PCP), Herberto Goulart (MDP) e António Vitorino (UEDS), fizeram depois intervenções de apoio ao voto da ASDI.

O PPM explicou a sua abstenção por considerar que «é tarde para se falar do começo do reencontro entre Portugal e Moçambique dado que este teve início com Sá Carneiro», acrescentando que «é cedo para se falar do êxito da viagem, sobretudo, quando não estão suficientemente esclarecidos alguns dos seus aspectos que parecem lesivos da dignidade da nação portuguesa».

Projecto de lei do PCP sobre os pescadores

O deputado António Mota (PCP) apresentou depois um projecto de lei do seu partido sobre a criação de uma escola de pesca no Norte do País. De seguida, a assembleia discutiu um projecto de lei, também do PCP, sobre o abaixamento da idade de reforma dos pescadores, que foi defendido por Carlos Espadinha e Zita Seabra, do PCP e apoiado por Ludovico Costa, do PS.

Rocha de Almeida e Faria dos Santos, do PSD e Rui Pena, do CDS, criticaram o projecto.

O PSD disse nomeadamente que o projecto «acaba por cometer a injustiça de igualar no acesso à reforma antecipada, quer o que devotou longos anos à vida do mar, quer aquele que em tal profissão exerceu apenas 15 anos de actividade».

O projecto foi depois votado e rejeitado pela maioria AD, mas suscitou o apoio de todas as bancadas da oposição.

Entretanto, a ASDI e a UEDS retiraram os recursos que tinham apresentado à admissão de uma proposta do Governo referente a Trás-os-Montes.

Antes da ordem do dia, o deputado José Gama (CDS) criticou a oposição por se ter oposto na Comissão de Revisão Constitucional à participação dos emigrantes nas eleições presidenciais. Magalhães Mota (ASDI) criticou depois a intervenção de Gama dizendo nomeadamente que este ultrapassou o consenso verificado na Comissão de Revisão Constitucional.

Revisão Constitucional

A Comissão Parlamentar de Revisão Constitucional reuniu-se ontem pela última vez em 1981, tendo já apreciado os projectos de alteração de 272 dos 312 artigos da Constituição – disse Margarida Salema (PSD).

Na sua próxima reunião, em Janeiro, a Comissão vai de novo debater o capítulo referente às regiões autónomas, que já ultrapassou, embora adiando de momento uma decisão sobre este assunto.

Várias outras questões, sobre os quais não houve ainda consenso ou não foram tomadas decisões definitivas pelos partidos, serão reexaminadas em 1982.

A Comissão, uma vez feito um primeiro exame a todos os 312 artigos e aos respectivos projectos de revisão, vai retomar o debate de todos aqueles que «foram deixados para trás» por implicarem soluções de mais difícil consenso.

A subcomissão que prepara previamente o trabalho do plenário da Comissão reuniu-se hoje de novo.

Saúde: PSD contra CDS

O deputado Jaime Ramos, porta-voz parlamentar do PSD para as questões de saúde, criticou ontem as medidas preconizadas pelo ministro dos Assuntos Sociais, Luís Barbosa (CDS), sobre o pagamento pelos utentes dos serviços de saúde.

«O défice orçamental do sector da saúde não pode ser resolvido à custa dos utentes, multando a doença, como pretende o ministro» – disse.

«A comparticipação por parte dos utentes é anticonstitucional, injusta, fere o programa da AD e, não sendo esclarecida de acordo com as possibilidades de cada um, vai contra o próprio programa do Governo» – acrescentou.

Jaime Ramos salienta que «Portugal consagra à saúde apenas três por cento do seu Produto Interno Bruto, enquanto os restantes países europeus lhe consagram cerca de nove por cento», e contesta que seja «o sector da saúde a pagar a crise económica».

Este deputado opôs-se ainda à anunciada entrega dos hospitais concelhios às Misericórdias, considerando que estas têm mais vocação para gerir outros organismos, nomeadamente de apoio aos jovens e à terceira idade.

«Os hospitais concelhios devem estar integrados numa estrutura de âmbito nacional, embora de gestão descentralizada, e não entregues a organismos locais» – disse ainda.

Deputados do CDS reúnem com MF

Os deputados do CDS reuniram-se ontem à noite em S. Bento com o ministro das Finanças, João Salgueiro.

Este teve recentemente um encontro com o grupo parlamentar do PSD, depois de uma outra reunião alargada às três bancadas da AD. O ministro teve também reuniões com deputados dos partidos da oposição e com a Comissão Parlamentar de Economia.

Em todos estes encontros o assunto debatido foi a proposta de lei do OGE para 1982 que vai ser apreciado no Parlamento na próxima semana.

O grupo parlamentar do CDS reúne-se na sexta-feira em S. Bento com os ministros centristas do actual Governo.

Governo AD reconstituiu "sacos azuis"

— *denunciam autarcas do PS*

A «reconstituição dos antigos sacos azuis ao dispor dos governadores civis» e os passeios dos membros do Governo pelo «País distribuindo sem critério conhecido cheques pelas freguesias» – foram ontem denunciados pelos autarcas do PS, no decorrer de uma conferência de Imprensa realizada na Assembleia da República e com a presença de Mário Soares.

Acusando o Governo de não cumprir a Lei de Finanças Locais – «as receitas previstas – disseram – no Orçamento 82 para as autarquias totalizam 53 milhões de contos, quando a verba a que temos direito, de acordo com a Lei de Finanças Locais é de 89,7 milhões», aqueles autarcas socialistas anunciaram a intenção de propor alterações ao capítulo do OGE referente às autarquias.

Foi dito ainda que no «conjunto de três anos do actual mandato dos órgãos autárquicos, os municípios receberam menos cerca de 80 milhões de contos do que deviam receber pela Lei das Finanças Locais».

«O recurso ao crédito para fazer face às dificuldades decorrentes destes cortes orçamentais é perfeitamente insignificante e o seu juro deixou de ser bonificado desde 1980», denunciaram também os autarcas socialistas.

Direitos humanos

Declaração Internacional foi publicada há 33 anos

Há trinta e três anos que foi proclamada a Declaração Internacional dos Direitos Humanos pela Assembleia Geral das Nações Unidas, sem um único voto em contrário. Num período relativamente curto a declaração foi escrita, transformando-se num documento histórico que estabelece as normas para a realização dos direitos humanos.

A declaração foi considerada na altura como um primeiro passo para a formulação de uma «Carta Internacional de Direitos Humanos», à qual seria atribuída força jurídica e moral. Foi apenas em 1976, três decénios mais tarde, que as Nações Unidas se lançaram no início desse empreendimento global e que a Carta Internacional dos Direitos Humanos se tornou realidade com a entrada em vigor de três instrumentos significativos.

Esses documentos foram o Pacto Internacional de Direitos Económicos, Sociais e Culturais, o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos e o Protocolo Facultativo a este último pacto. Os pactos requeriam que os países que os ratificassem reconheçam ou protejam uma ampla gama de direitos humanos e as disposições facultativas estabelecem procedimentos que permitem que os indivíduos, da mesma maneira que os Estados, aleguem violações de direitos.

CENTRO HOSPITALAR AVEIRO/SUL

FORNECIMENTO DE GÉNEROS ALIMENTARES
AO CENTRO HOSPITALAR AVEIRO-SUL
(HOSPITAIS DE AVEIRO E ÁGUEDA)

CONCURSO NR 1/82 PARA O 1.º TRIMESTRE DE 1982

1. PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL
1.1 — Batatas
1.2 — Massas alimentícias
1.3 — Açúcar
1.4 — Pão
1.5 — Especiarias e diversos

2. PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL
2.1 — Carnes de Talho
2.2 — Carnes de criação
2.3 — Produtos de charcutaria
2.4 — Lacticínios
2.5 — Ovos
2.6 — Peixe

3. PRODUTOS DE ORIGEM MINERAL
3.1 — Sal

4. GORDURAS ALIMENTARES

4.1 — Óleos e gorduras vegetais
Óleos e gorduras animais

5. BEBIDAS E OUTROS PRODUTOS
5.1 — Águas minerais
Sumos de fruta
Cerveja
Vinho branco, tinto
Vinagre

Os Cadernos de Encargos estão patentes na Secção de Compras e serão enviados a quem os solicitar, indicando as referências dos géneros que se propõem fornecer. As propostas, em papel selado, devem ser entregues no Serviço de Compras até às 15 horas do dia 21/12/1981 em sobrescrito lacrado, com referência do Concurso no exterior, sendo abertas às 15 horas do dia seguinte, perante os concorrentes que queiram assistir.

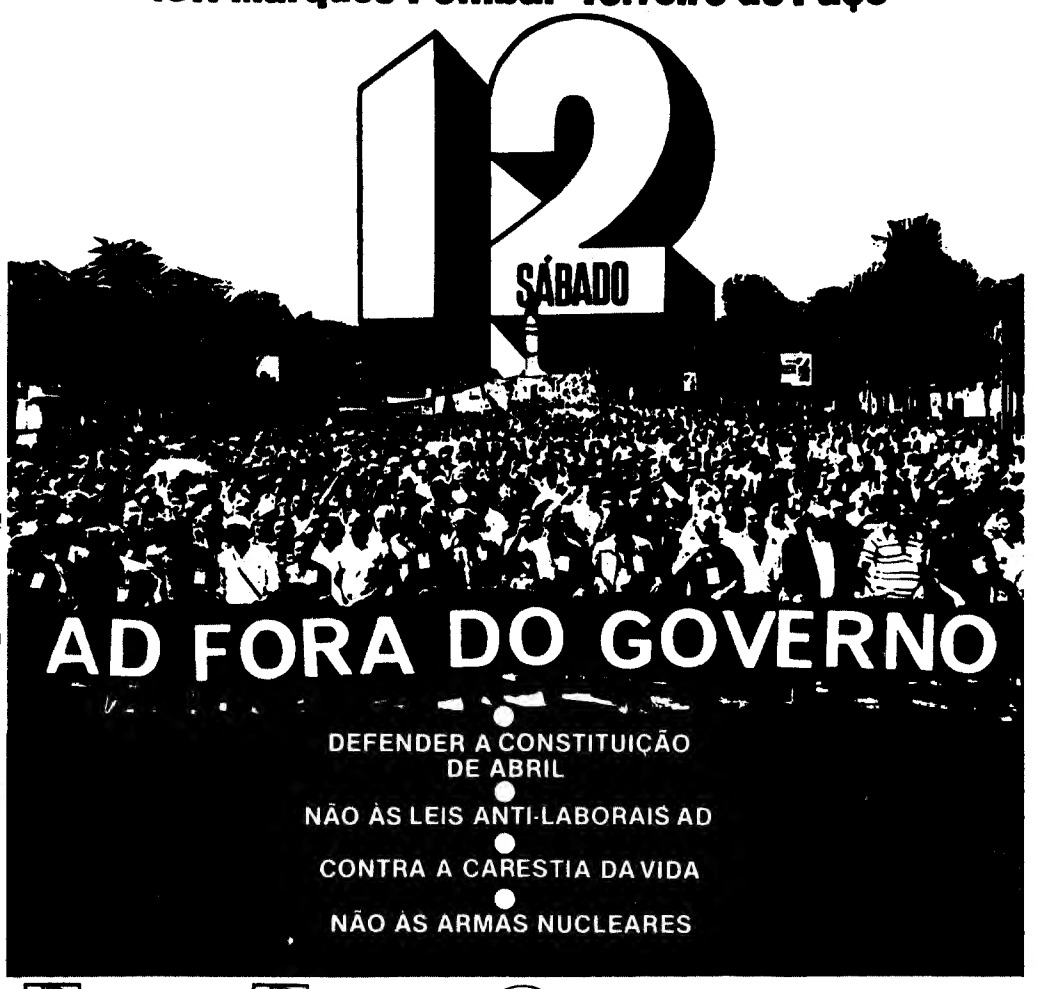
SÓ HAVERÁ LICITAÇÕES VERBAIS EM CASO DE IGUALDADE DE PREÇOS.

C.H.A.S., 2 de Dezembro de 1981

CENTRO HOSPITALAR AVEIRO-SUL
O CHEFE SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS HOSPITALARES
(APROVISIONAMENTO)
(Fernando Martins Pereira Pinto)

MANIFESTAÇÃO!

15H Marquês Pombal - Terreiro do Paço



União Sindicatos Lisboa · União Sindicatos Setúbal · Cintura Industrial Lisboa · Cintura Industrial Setúbal

Sindicatos dos Têxteis do Sul; Indústria e Comércio Farmacêutico; Celulose, Gráfica e Imprensa do Sul e Ilhas; Ind[illegible] de Bebidas; SNTCT; Livre dos Pescadores; Agricultura de Lisboa; Cerâmicos e Cimentos de Lisboa; TUL; Hotela[illegible] Sul; Hidratos de Carbono; STAL; Vidreiros; Indústrias Químicas do Sul; SIESI; Rodoviários; Comércio e Ser[illegible] Construção, Mármores e Madeiras; Espectáculos; Ferroviários; Marinheiros Mercantes; Metalúrgicos de Lisboa; Função Pública; Músicos; Portaria e Vigilância; Carnes; Técnicos de Desenho; Telecomunicações; Aduaneiros; alçado; CML; Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca; Serviço Doméstico; SINTEL; Transportes Fluviais; Tabacos; Enfermeiros; Professores; Médicos; Metalúrgicos do Sul; Conservas de Setúbal; Carnes de Setúbal; Construção Civil de Setúbal; Pescadores de Setúbal; Químicos do Sul; Corticeiros do Sul; Rodoviários do Sul; Cerâmicos do Sul; Agrícolas de Setúbal e Ferroviários do Sul.

PUB

AOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS ELÉCTRICAS

A HORA É DE MOBILIZAÇÃO E LUTA

LUTAR CONTRA A CARESTIA DA VIDA;
DIZER NÃO ÀS LEIS ANTILABORAIS;
DEFENDER A CONSTITUIÇÃO DE ABRIL;
DIZER NÃO ÀS ARMAS NUCLEARES.
QUE A «AD» SAIA DO GOVERNO

Camaradas,

O momento que atravessamos é fonte de profundas preocupações e o nosso futuro apresenta-se carregado de graves ameaças, em virtude da política antinacional e antioperária praticada pelo Governo AD/Balsemão, que está a conduzir o país para um verdadeiro desastre nacional.

TEMOS DE MUDAR ESTE ESTADO DE COISAS

Os preços dos géneros sobem todos os dias; a inflação já atingiu os 25%; os impostos vão ser aumentados e criados impostos novos e o desemprego não pára de crescer.

De mãos dadas com o patronato, o Governo AD/Balsemão pretende liberalizar os despedimentos, impor um tecto salarial que estabeleça salários de fome e miséria e liquidar as conquistas de Abril, alterando radicalmente a Constituição da República.

Não satisfeito ainda, o Governo alia-se ao imperialismo norte-americano e fomenta a instalação de armas nucleares em Portugal.

O GOVERNO «AD» QUER IMPOR-NOS UM TECTO SALARIAL

Para anular os efeitos do aumento do custo de vida e da inflação e repor o poder de compra tão seriamente atingido, nas propostas de revisão das tabelas salariais do CCTV/FMEE e do AE/EDP, a nossa Federação apresentou 30% de aumento global.

Arrastando a sua resposta, o Conselho de Gerência da EDP apresentou uma contraproposta de 15% e a ANIMEE ainda menos, apenas de 14%.

Contra esta situação é necessário lutar lado a lado com todos os trabalhadores como aponta o Movimento Sindical Unitário.

VAMOS DIZER NÃO ÀS LEIS ANTILABORAIS AD

Correspondendo aos insistentes pedidos do patronato, o governo AD/Balsemão quer liberalizar os despedimentos, através da proposta de Lei n.º 70/11. Tal proposta é o ponto de partida da revisão de toda a legislação laboral, visando retirar direitos e regalias conquistadas pelos trabalhadores após o 25 de Abril.

Se esta proposta fosse aprovada os nossos postos de trabalho ficariam seriamente ameaçados, e o espectro do despedimento seria uma constante no nosso dia-a-dia.

Os trabalhadores mais velhos, as mães trabalhadoras, os trabalhadores-estudantes e, sobretudo, os activistas sindicais, seriam os primeiros a conhecer o desemprego, com todo o cortejo de misérias que este arrasta.

DEFENDER A CONSTITUIÇÃO

Para levar a cabo a sua política golpista, o Governo AD/Balsemão pretende rever inconstitucionalmente a Constituição, Lei Fundamental da República.

Procurando o apoio de certos sectores democráticos a AD tenta vibrar um autêntico golpe de Estado, passando para o seu Governo as competências militares que actualmente cabem ao Conselho da Revolução e ao Presidente da República. Todas estas manobras se fazem à porta fechada, de costas para o Povo.

Exigir que não sejam feitos acordos de traição e que a revisão se faça respeitando os limites materiais que a própria Constituição impõe, e consignando os princípios da Carta Reivindicativa dos Trabalhadores Portugueses, é um dever de todos os trabalhadores, de todos os democratas e patriotas.

AD FORA DO GOVERNO

Temos de mudar este estado de coisas. Temos de impor uma nova política e um novo governo.

Mas tal mudança só se conseguirá através da luta. Luta contra o aumento do custo de vida. Luta contra o tecto salarial e pela garantia das nossas reivindicações. Luta contra as leis antilaborais. Luta pela defesa da Constituição e contra as armas nucleares.

É esse o caminho que estão trilhando os trabalhadores têxteis, os químicos, os do Metropolitano, e tantos outros.

É esse o caminho que irão seguir todos os trabalhadores, participando activamente na **Grande Manifestação de 12 de Dezembro, às 15 horas,** do Marquês de Pombal à Praça do Comércio, gritanto bem alto:

- **PELA DEFESA DA CONSTITUIÇÃO DE ABRIL**
- **NÃO ÀS LEIS ANTILABORAIS AD**
- **CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA**
- **NÃO ÀS ARMAS NUCLEARES**
- **AD FORA DO GOVERNO**

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS ELÉCTRICAS DO SUL E ILHAS

Lisboa, 4 de Dezembro de 1981

A DIRECÇÃO

MANIFESTAÇÃO

12 DE DEZEMBRO — 15 HORAS
MARQUÊS DE POMBAL — PR. COMÉRCIO

PUB.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS ELÉCTRICAS DO SUL E ILHAS

A Assembleia de Delegados Sindicais do SIESI, **reunida no passado dia 26 de Novembro, aprovou, por** unanimidade e aclamação, **as moções que abaixo se transcrevem. É de assinalar que esta Assembleia foi a mais participada de sempre, desde a entrada em funcionamento deste órgão.**

Moção de Apoio à Manifestação de Sábado, dia 12

— Considerando que a AD e o seu governo agravam cada vez mais o custo de vida estimado em 25% durante 1981 e apadrinha a actuação do patronato de boicote à livre negociação colectiva, procurando agora provocatoriamente impor um tecto salarial de 16% já a tentar ser aproveitado pela ANIMEE nas negociações do CCTV/FMEE.

— Considerando o governo AD/Balsemão/Amaral se propõe rever as leis laborais e, seguindo a vontade do patronato, já entregou na AR as leis dos despedimentos e dos contratos a prazo, autênticas ofensas aos trabalhadores, que estes impedirão pela resistência e luta que sejam concretizadas.

— Considerando que para garantirmos as nossas reivindicações, temos de defender a Constituição de Abril, que a AD quer subverter e destruir, procurando retirar poderes ao Presidente da República, com o objectivo de dominar as Forças Armadas, impondo uma hierarquia militar fascizante, além de pretender impor o desaparecimento do controlo da constitucionalidade das leis, até agora da responsabilidade do Conselho da Revolução, contando, para isso com a colaboração da Direcção do P.S. objectivo que todos os democratas, se necessário, pela luta impedirão.

— Considerando que o governo AD/Balsemão/Amaral, submisso à Administração Reagan, negoceia bases militares e aceita fazer do País um paiol nuclear, desprezando, inclusive o Movimento de Opinião Pública Nacional e Internacional que aponta a exigência do desarmamento e da paz;

A Assembleia de Delegados do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas, reunida em sessão plenária no dia 26 de Novembro de 1981 decide:

1 — Manifestar a sua total adesão às medidas aprovadas pelo Secretariado da CGTP-IN, em 4/11/81, que correspondem integralmente à disposição dos trabalhadores e reafirmam a sua confiança no Secretariado para que venha a tomar todas as medidas que se mostrem convenientes;

2 — Apoiar a convocação da USL, USS, CIL e CIS duma grande Manifestação, em 12 de Dezembro, para defesa da Constituição de Abril, contra as leis antilaborais AD e o aumento do custo de vida, contra as armas nucleares em Portugal, para que a AD saia fora do governo, e pela constituição de um governo verdadeiramente democrático.

3 — Reafirmar o propósito de defesa da Constituição, lutando contra os objectivos golpistas da AD, os trabalhadores lutarão sem tréguas em defesa dos princípios da Carta Reivindicativa dos Trabalhadores Portugueses.

A Assembleia de Delegados

Moção de solidariedade com a Reforma Agrária

— Considerando que a Reforma Agrária é a maior conquista da Revolução do 25 de Abril e que o Movimento Operário, particularmente o Movimento Sindical Unitário, não a deixarão destruir, manifestando sempre a maior solidariedade aos trabalhadores rurais da Zona de Intervenção da R.A., vítimas da repressão e arbitrariedades dos governos antipopulares, com maior agravamento com os governos reaccionários da «AD»;

— Considerando que os trabalhadores rurais do Alentejo e Ribatejo, não permitirão a destruição das UCP's e Cooperativas, como pretende o governo «AD» ao serviço dos latifundiários, pois estando consagradas na C. República, a Reforma Agrária constituem uma realidade fundamental para a economia nacional e para o povo Português;

— Considerando que os milhares de hectares de terra, o gado e as máquinas roubadas às UCP's e Cooperativas, e entregues aos latifundiários, terão de regressar às mãos dos trabalhadores, permitindo, assim o prosseguimento da A.R., e o respeito pela legalidade, como é indicado por muitos acordãos do STA, que o MAP enlameado na corrupção não acata, sobre desintervenções ilegais nas UCP's e Cooperativas;

— Considerando que a luta pela R. Agrária não está desligada da luta mais geral dos trabalhadores e do povo português, no sentido de expulsar a «AD» da área do poder, encontrando uma alternativa Democrática;

A Assembleia de Delegados Sindicais do SIESI declara:

1) Apoiar activamente a jornada de luta e protesto, sobre a forma de concentração, convocada pelas organizações representativas dos trabalhadores da Zona da R. Agrária, para dia 26/11/81, junto da A. República, como forma de sensibilizar o povo Português para a difícil situação dos trabalhadores, vítimas do roubo, agressão, e destruição das UCP's e Cooperativas pelo MAP do governo «AD», exigindo outra política que respeite a C. República, só possível com o afastamento da «AD» da área do poder.

2) Apoiar em articulação com o M.S.U., sob a direcção da C.G.T.P.-I.N., outras acções locais, regionais ou nacionais, no sentido de continuar a denúncia e combate à política do governo Balsemão/Freitas do Amaral, em relação à destruição da Reforma Agrária exigindo o fim imediato da ofensiva do MAP, contra as UCP's e Cooperativas.

Lisboa, 26 de Novembro de 1981

A ASSEMBLEIA DE DELEGADOS SINDICAIS

Nem o Governo contava com a entrevista à RDP-1

Posições de Eanes sobre revisão constitucional provocam efervescência na Aliança Democrática

Continua a provocar alguma efervescência no seio da Aliança Democrática a entrevista concedida pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, à Antena 1 da RDP, e transmitida na passada terça-feira, 8. Nessa entrevista, como os nossos leitores estarão lembrados, o Presidente, interrogado sobre se admitia a possibilidade de renunciar ao seu cargo no caso de a revisão da Constituição provocar «uma alteração da substância do seu mandato», respondeu:
«...Essa alteração não pode de maneira nenhuma contrariar, repito, aquilo que constituiu o compromisso assumido, não apenas por mim, mas perante as formações partidárias, perante o eleitorado. Se porventura isto não fosse respeitado, algo no funcionamento democrático tinha sido pervertido».
Dada a importância das declarações do Presidente, reproduzimos aqui o registo magnético que fizemos da entrevista (no que toca à revisão constitucional), para um exacto esclarecimento dos nossos leitores.

Eu queria interrogá-lo agora sobre a revisão constitucional e até porque de certo modo e segundo julgo saber a revisão constitucional modificará de alguma forma o quadro dos seus poderes como Presidente da República. No Congresso do PSD, o Presidente deste partido disse mesmo, no discurso que fez aos congressistas que, em seu entender, os poderes do Presidente sairiam reduzidos da reunião constitucional. Em todo o caso, eu queria em 1.º lugar que o Presidente se situasse, claramente, como parte interessada que é na revisão constitucional e por várias razões, desde logo porque é órgão de soberania e depois porque tem necessariamente de tudo isso uma leitura e uma interpretação, pergunto-lhe como é que reagiu, o que é que se lhe oferece dizer sobre os que dizem ou defendem que a revisão constitucional não se deve aplicar ao actual Presidente da República?

Eu começaria por dizer que a revisão constitucional por força das próprias normas constitucionais é feita sem interferência do Presidente da República. E isso não significa que eu não tenha preocupações em relação à revisão constitucional e não acompanhe a evolução de todo o processo e não esteja inclusivamente interessado em pronunciar-me sobre isso na altura devida, e a altura devida será após a clarificação dos resultados.

Ao longo da campanha, a minha posição acerca da revisão da Constituição foi claramente explicitada, eu diria até claramente formalizada. Espero que o entendimento que serviu de base a essa formalização seja inteiramente respeitado, tal como é normal em democracia, tal como é de esperar pelas obrigações democraticamente assumidas.

É evidente que para mim, o problema não é tanto um problema de redução de competências, de atribuições, é sobretudo a modificação da Constituição de tal maneira que ela se ajuste à nossa realidade e se ajuste sobretudo à situação de perturbação e crise que vivemos. Desde que isso seja conseguido, o resto parece-me obviamente menor.

Eu de qualquer modo, perguntava-lhe se perante a revisão constitucional o Presidente Eanes concluir que lhe é efectivamente alterada a substância do seu mandato e os pressupostos que levaram à sua reeleição, admite a hipótese de vir a renunciar ao mandato?

Em relação a essa questão não tenho a posição inteiramente definida. Eu aguardo que a revisão da Constituição esteja claramente definida para perante ela ver qual é a posição que devo adoptar.

Eu fui eleito num determinado quadro com determinadas responsabilidades. É evidente que esse quadro e essas responsabilidades podem ser juridicamente alteradas. Entendo, no entanto, que essa alteração não pode de maneira nenhuma contrariar, repito, aquilo que constituiu o compromisso assumido, não apenas por mim, mas perante as formações partidárias, perante o eleitorado. Se porventura, isto não fosse respeitado, algo no funcionamento democrático tinha sido pervertido.

Um desses aspectos é que a revisão constitucional parece caminhar num certo sentido de parlamentarização do regime, nomeadamente quanto à possível supressão da responsabilidade política do governo perante o Presidente da República. O que é que pensa sobre isto?

Penso que a parlamentarização do regime já mostrou quais eram as suas vantagens e quais eram os seus inconvenientes. E já demonstrou historicamente. Cabe pois aos indivíduos que o povo português mandatou para fazerem a Constituição terem em consideração esses aspectos, não se deixarem, de alguma maneira, motivar pelo imediatismo e pelas pessoas, personalizar portanto um pouco a revisão da Constituição. Terão de ter em consideração sobretudo creio eu, é aquilo que é a realidade portuguesa, aquilo que é a crise portuguesa, e sobretudo aquilo que são os interesses nacionais. Se tiverem em consideração tudo isso, eu estou convencido de que encontrarão uma solução suficientemente equilibrada e dinamicamente democrática.

Uma das questões também controversas da revisão constitucional é ainda tudo o que se prende às Forças Armadas. Isso também tem sido exaustivamente analisado, a única matéria sobre o que eu gostaria de ouvir o Presidente da República é a seguinte: tem o chefe de Estado a dignidade de Comandante Supremo das Forças Armadas. Será este no seu entender um conceito dinâmico e permanentemente actuante e pergunto-lhe como ou será apenas para uso em tempo de guerra ou em situações de emergências ou estado de sítio?

Eu não responderia apenas à sua última questão, começaria por dizer que a história portuguesa, designadamente a história recente mostra a importância que as Forças Armadas têm na evolução democrática do regime, na sua estabilidade democrática. Creio que demonstra também que sempre que pretenderam de alguma maneira usar as Forças Armadas de uma maneira menos correcta, as Forças Armadas acabaram por constituir um motivo de forte perturbação.

Isto significa que eu entendo que se deve afastar tudo aquilo que seja, de longe ou de perto, a partidarização da nomeação dos chefes militares. Creio que essa partidarização acabará necessariamente por prejudicar o funcionamento normal do regime.

Quanto à chefia suprema das Forças Armadas, as Forças Armadas constituem uma instituição fortemente hierarquizada em que a acção de comando se tem de exercer diariamente. E a acção de comando efectivo exerce-se a partir do CEMGFA. O Comandante Supremo apenas em situações de crise ou emergência actua. E eu espero que não haja uma situação desse tipo na medida em que isso seria extremamente preocupante por todas as razões, mas preocupante também porque a situação do País é como sabe uma situação economicamente preocupante.

AVISO

Torna-se público que está aberto concurso para o preenchimento de uma vaga para o Serviço de Reprografia.

TIPÓGRAFO DE 2a. CLASSE

OFERECE-SE:

- Remuneração de acordo com a correspondente letra da tabela de vencimentos da Função Pública - (Letra P - 14.100$00)
- Possibilidade de ingresso do quadro após período experimental

EXIGE-SE:

- a) Nacionalidade Portuguesa; b) idade não inferior a 18 anos; c)sanidade mental e fisíca para o desempanho do cargo; d) ausência de pena disciplinar; e) cumprimento dos deveres militares ou de obrigação de serviço equivalente; f) escolaridade obrigatória; g) bilhete de identidade válido.
- Alguma experiência de fotografia e montagem e impressão de off. set.

MODO E PRAZO DE CANDIDATURA:

Os requerimentos de admissão ao concurso dirigidos ao Presidente da Câmara em papel selado e com indicação do endereço, devem ser acompanhados dos documentos comprovativos do preenchimento dos requesitos atrás referidos e de todos os elementos eventualmente revelantes para apreciação da candidatura.

No entanto os candidatos são dispensados da apresentação dos documentos comprovativos dos requisitos referidos nas alíneas a), d) e f) se declarem no mesmo requerimento, sob compromisso de honra, que preenchem aquelas condições.

Os requerimentos devem dar entrada na Secretaria Geral da C.M.B. no prazo de 30 dias após a data deste aviso.

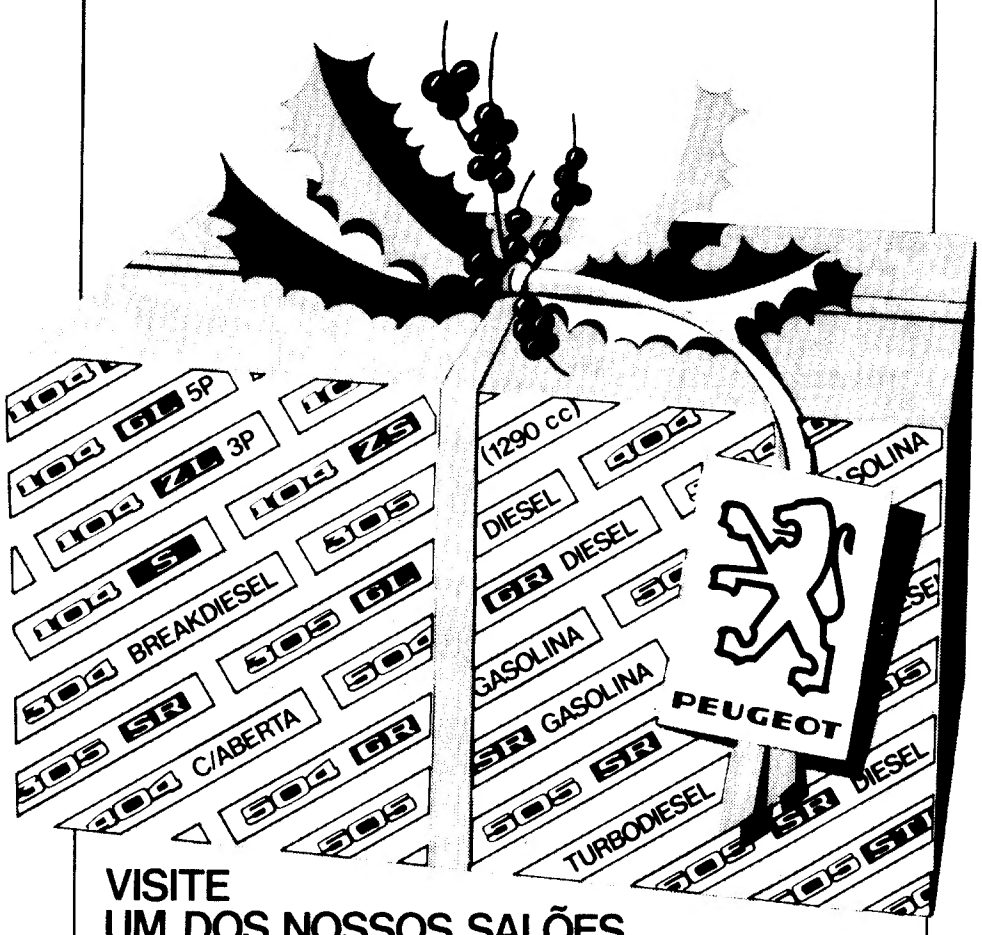
BARREIRO, 30 de Novembro de 1981

O Presidente da Câmara

HELDER DA SILVA NOBRE MADEIRA

informação
CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

PASSE AS FESTAS JÁ NO SEU
PEUGEOT, SÓ TEM A GANHAR...
PEUGEOT



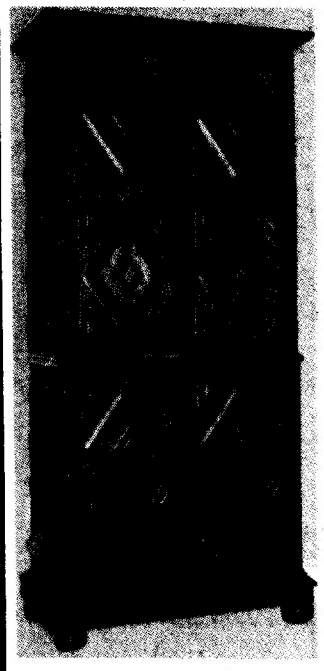
VISITE
UM DOS NOSSOS SALÕES
MOCAR, S.A.R.L.
Av. António Augusto de Aguiar, 19-A LISBOA
Av. Duque de Ávila, 66-B LISBOA
PEUGEOT

de ontem para hoje

República de Coimbra ameaçada de despejo

A «Real República dos Pyn-Guyns» poderá ser despejada no próximo dia 18 segundo sentença judicial do Tribunal de Coimbra ontem conhecida. Trata-se da primeira «república» de estudantes a ser alvo de uma acção de despejo movida pelo senhorio com base na legislação em vigor sobre o arrendamento urbano. As acções de despejo, que ameaçam já mais três «repúblicas», fundamentam-se no facto de o estudante em nome do qual foi celebrado o contrato de arrendamento não residir na «república». A «República dos Pyn-Guyns» foi fundada em 15 de Janeiro de 1955 e por ela passaram desde então várias centenas de estudantes. Entre eles contam-se o actual governador civil de Vila Real, Aires Querubim, os jornalistas José Gomes Bandeira e Armando Figueiredo, o poeta Rui Namorado, o pedagogo Severo de Melo e o presidente da Associação Académica de Coimbra durante a crise de 1969, Alberto Martins.

Na Biblioteca Nacional: mobiliário açoriano em exposição



Na Biblioteca Nacional, ao Campo Grande, foi ontem à tarde inaugurada uma exposição fotográfica da autoria de Francisco Ernesto de Oliveira Martins subordinada ao tema «Mobiliário açoriano – elementos para o seu estudo». A iniciativa pertence à Secretaria de Educação e Cultura do Governo Regional dos Açores e à Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Tráfico de droga: sete detenções em Ponta Delgada

A Polícia Judiciária de Ponta Delgada enviou ontem a tribunal um volumoso processo, em que incrimina sete indivíduos na comercialização e cultivo de estupefacientes na ilha de S. Miguel. A PJ, revelou que os sete indivíduos de vários níveis sociais e etários, encontram-se detidos na Cadeia de Ponta Delgada a aguardar o julgamento. Há cerca de três meses, a PJ descobriu em S. Miguel duas plantações de liamba, cultivadas por alguns dos detidos.

Agricultores denunciam: especulação com produtos da lavoura

A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) exigiu ontem do Governo a afixação dos preços dos produtos para a lavoura nos respectivos sacos e embalagens. Em comunicado divulgado em Coimbra, a CNA diz que sempre que se verificam aumentos dos preços, os agricultores acabam por ter de pagar a preços mais altos os produtos que os comerciantes adquiriram a preços antigos. A CNA afirma que tal situação conduziu a que se estejam a verificar por todo o País práticas fraudulentas e lucros ilícitos, designadamente com os adubos que, adquiridos a preços antigos, estariam a ser vendidos com o recente aumento de 45 por cento.

Apreendidas em Lisboa: 540 garrafas de uísque falsificado

Nos subúrbios de Lisboa foi apreendido pelas autoridades, numa instalação em funcionamento clandestino, uísque falsificado no valor de 361 contos segundo anunciou ontem a Direcção-Geral de Fiscalização Económica (DGFE). A apreensão, fruto de «aturadas diligências, com as consequentes vigilâncias nocturnas», como refere a DGFE, verificou-se em Odivelas, numa oficina de embalagem de uísque encerrada há mais de um ano e com o equipamento penhorado por falta de pagamento de impostos. Às 540 garrafas, distribuídas por 45 caixas de 12 cada, juntaram-se 500 litros também de uísque em «stock» mas prontos a serem igualmente engarrafados em vasilhas já previamente rotuladas.

Surpreendidos no Porto: onze veículos com mercadoria ilegal

Funcionários da Direcção-Geral de Contribuições e Impostos, apoiados por forças da PSP e da Guarda Fiscal, apreenderam ontem nas estradas de acesso ao Porto onze veículos que seguiam com mercadorias em situação ilegal. Na operação, com a designação de código «Porto II», foram ainda levantados sete autos pela PSP por infracções ao Código da Estrada e apreendida uma viatura ligeira que seguia ilicitamente.

Seminário em Matosinhos: «geologia mineira nos jazigos portugueses»

A divulgação do interesse da geologia na prospecção mineira é o principal objectivo de um seminário que ontem se iniciou no laboratório da Direcção-Geral de Geologia e Minas, em S. Mamede de Infesta, Matosinhos. Durante os trabalhos serão debatidos, entre outros, aspectos relacionados com as «Pirites – problemática do tungsténio e da scheelite», «Geologia mineira nos jazigos portugueses», «Geologia e prospecção de argilas» e «Rochas ornamentais e calcárias».

Fabricar e vender: é tudo crime...

Operação no Martim Moniz para apreensão de "jeans"

Agentes da Fiscalização Económica apoiados por guardas da PSP desencadearam na manhã de ontem uma operação na Praça do Martim Moniz e apreenderam centenas de «jeans» – calças de ganga – falsificadas.

Foi no meio de grande burburinho, com mirones à mistura, que sete vendedores, acompanhados da mercadoria, foram conduzidos para a esquadra situada na referida praça lisboeta, onde foram levantados autos de notícia.

«Isto é uma desgraça. Nós é que pagamos as favas. Prendam os falsificadores e deixem-nos ganhar a vida», gritava uma vendedeira enquanto um agente da Fiscalização Económica contava as «jeans» falsificadas.

Interrogado, um agente da Fiscalização Económica limitou-se a dizer que a operação estava sustentada na lei em vigor, mais propriamente «no conteúdo do artigo 217 do Código de Propriedade Industrial».

Efectivamente, o artigo citado estabelece que «os que venderem ou puserem à venda ou em circulação produtos ou artigos com marca contrafeita, imitada ou fraudulentamente usada incorrem na multa de 200 escudos a dez mil escudos que poderá ser agravada com prisão de 15 dias a seis meses.

Durante a operação no mercado do Martim Moniz os agentes da FE verificaram que alguns vendedores exibiam facturas onde não figura o nome e morada dos fornecedores.

Os fornecedores que passaram facturas com identificação completa serão agora levados a tribunal.

Uma hora depois da intervenção dos agentes da FE os ânimos começaram a ficar ao rubro. Alguns transeuntes incitavam os vendedores à resistência.

A operação de fiscalização terminou sem incidentes. Uma vendedeira afirmava com as lágrimas nos olhos: «Mas eu não sabia que era proibido vender as «jeans» falsas.»

Mais tarde, uma fonte oficial disse à ANOP que o levantamento de autos no Martim Moniz, com a consequente apreensão da mercadoria, apontava para um «efeito moralizador com impacto para alertar os vendedores para este tipo de ilegalidade.»

Recorda-se que a Fiscalização Económica vai enviar também a tribunal cerca de 30 industriais, retalhistas e armazenistas envolvidos na falsificação das «jeans».

A mesma fonte oficial acrescentou que os maiores «circuitos da especialidade» estão situados na região nortenha e que as deligências vão continuar por todo o País.

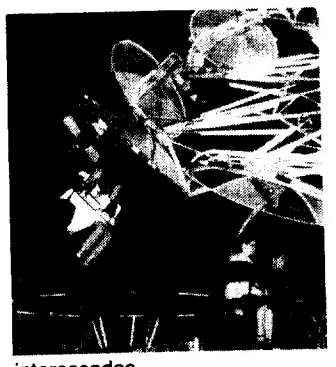
Entrecampos entre a vida e a morte

"É Natal, é Natal" na Feira Popular

Os homens da Feira Popular não querem que ela morra. Depois do grande sucesso que obtiveram com as comemorações do S. Martinho, vão utilizar o recinto de Entrecampos para animar o Natal lisboeta.

A presente iniciativa, que hoje começa e se prolonga até ao dia 23, funcionará entre as 19 e as 24 horas dos dias úteis. Aos fins-de-semana, o «bazar» encontra-se aberto entre as 15 horas e a meia-noite.

A petizada tem que fazer em Entrecampos: um circo foi ali especialmente montado. A ideia de base, para todos, é a promoção de artigos portugueses visando a facilidade da sua aquisição pelos interessados.



Os visitantes encontrarão na Feira Popular desde o vinho do Porto do produtor ao borrego e ao porco do lavrador, passando pelos frutos secos, o cabrito, a doçaria regional e o tradicional bolo-rei. Mas há também queijos, fumados e enchidos, a par de artesanato, brinquedos e móveis. Some-se-lhe o vinho e a jeropiga.

Os lucros desta iniciativa destinam-se, como é habitual, a financiar a Colónia Balnear Infantil de «O Século», cada vez mais ameaçada pela concessão de um Luna Parque, em exclusivo, a uma empresa especialmente constituída para o efeito.

Os feirantes agora ameaçados pela política de Abecásis contribuíram, durante o ano corrente, com 12 mil contos para a Colónia Balnear Infantil.

"Roby": onze dias de fuga ...e o tribunal não sabe

A fuga de Jorge Monteiro Veríssimo, conhecido por «capitão Roby», ocorrida há 11 dias, da prisão do Linhó, ainda não foi comunicada ao Tribunal da Boa Hora, em Lisboa.

Um funcionário do Segundo Juízo Criminal, primeira secção do Tribunal da Boa Hora, disse que enquanto a fuga de Jorge Monteiro Veríssimo não for comunicada pelo director do estabelecimento prisional não serão tomadas medidas quanto ao fugitivo.

O director adunto da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais declarou à ANOP que o responsável pela prisão do Linhó já participou a fuga às autoridades competentes, admitindo a existência de atraso nos correios.

O «capitão Roby» estava a cumprir uma pena se sete anos de prisão naquele estabelecimento prisional, acusado por cerca de 70 mulheres de lhes ter feito promessas de casamento e, dessa forma, lhes arrancar dinheiro e objectos de valor.

A fim de obter autorização para receber a visita da família, o «capitão Roby» teria alegado ao director da prisão que «o seu casamento corria perigo, uma vez que há três meses não via os filhos».

Esta é a segunda fuga do «capitão Roby». A Primeira foi em 1977, quando, preso nos calabouços da Polícia Judiciária de Lisboa, convenceu uma agente da corporação que tinha o carro estacionado muito longe e que se ficasse próximo da sede da Polícia estaria mais seguro.

O agente da Judiciária acedeu aos pedidos e, chegado próximo do carro, permitiu que Jorge Monteiro conduzisse ele próprio a sua viatura.

A fuga durou pouco e, dias depois, Jorge Veríssimo era preso num hotel.

Animação de Natal
de 11 a 23 Dez.

CIRCO NO RECINTO DA FEIRA PARA AS CRIANÇAS

NO PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES FUNCIONA O BAZAR DA FEIRA POPULAR

Dias úteis das 19 às 24 h
Fins-de-semana das 15 às 24 h

PROMOÇÃO DE ARTIGOS PORTUGUESES E FACILIDADE DA SUA COMPRA PELA POPULAÇÃO DE LISBOA

VINHO DO PORTO (PRODUTOR) • FRUTOS SECOS • CABRITOS • BORREGOS • PORCO DO LAVRADOR • DOÇARIA REGIONAL • BOLO REI • QUEIJOS • FUMADOS • ENCHIDOS • ARTESANATO • BRINQUEDOS • MÓVEIS • ELECTRODOMÉSTICOS • VINHO • JEROPIGA

APROXIMAR O PRODUTOR DO CONSUMIDOR
APROXIMAR A PROVÍNCIA DA CAPITAL

Facilitar as compras, eis o que pretende a Feira Popular ao lançar o BAZAR DA FEIRA

mercado de artesanato

82 FEIRA POPULAR de LISBOA

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA DA ZONA SUL E AÇORES

MOÇÃO

MANIFESTAÇÃO DIA 12 DE DEZEMBRO 15 HORAS, M. POMBAL - T. PAÇO

CONSIDERANDO

— Que a Constituição de 1976 consagra direitos, liberdades e garantias e reflecte as transformações democráticas conquistadas pelo Povo Português em 25 de Abril de 1974;
— Que rever a Constituição não é subverter o regime democrático vigente mas respeitar as regras do jogo aprovadas em 1976;
— Que o Governo pretende liberalizar os despedimentos e pretende, com a aprovação de outra legislação (sobre férias e faltas, por exemplo), retirar direitos adquiridos;
— Que o Governo pretende impor um tecto salarial de 15% contra a taxa de inflação da ordem dos 25%.
— Que a Paz é um bem de todos os trabalhadores pois representa melhor saúde, educação, alimentação, emprego e que o Governo está a submeter o País a interesses que não são os nacionais nomeadamente permitindo o estacionamento de armas nucleares no território nacional.

O PLENÁRIO DE CORPOS GERENTES REUNIDO EM 4/12/81 ALERTA OS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA PARA A NECESSIDADE DE:

1 — Repudiar a actuação do Governo nomeadamente as medidas de extinção e privatização de organismos públicos, transferências de pessoal e alargamento do Quadro Geral de Adidos, imposição de impostos, política de redução do poder de compra, negação do exercício do direito Constitucional de negociação colectiva.
2 — **Apoiar a Manifestação convocada pela CGTP-IN para 12/12/81** visando defender a Constituição, dizer não às leis antilaborais do Governo, lutar contra a perca do poder de compra, dizer não às armas nucleares em Portugal.
3 — Reafirmar que a resolução dos problemas dos trabalhadores portugueses passa pelo afastamento deste Governo, desta política.

Lisboa, Dezembro de 1981

Imunobiologia renal em questão

O precursor do uso clínico de drogas supressoras do tipo «imuran», que tornaram possíveis (a partir de 1960) progressos espectaculares em transplantação de órgãos, chega hoje a Lisboa e proferirá amanhã, ao meio dia, uma conferência na Faculdade de Medicina do Campo Santana, em Lisboa, sobre o tema «Transplantação do rim, fígado e pâncreas».

A deslocação a Lisboa do prof. Roy York Calne, o cirurgião inglês que há vinte e um anos descobriu a forma de utilizar drogas supressoras em transplantação de órgãos, é para visitar a unidade de transplantação renal da CVP e também se insere no programa da VIII Reunião Anual da Sociedade Portuguesa de Imunologia, que promove amanhã (a partir das 9 e 30) uma mesa-redonda sobre imunobiologia de transplantação renal na Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa da Universidade Nova de Lisboa. O precursor do uso clínico de drogas supressoras em transplantações está entre nós a convite da Gulbenkian.

Emigrantes em França contestam política de Emigração da AD

Dez associações de emigrantes portugueses em França dirigiram-se recentemente ao Presidente da República e ao presidente da Assembleia da República, numa exposição contestando vigorosamente a política (ou a ausência de uma política), no sector da Emigração, por parte do actual Executivo da AD. A contestação abrange o Conselho e o Congresso das Comunidades, os acordos luso-franceses sobre Emigração. Na sua exposição, as associações exprimem a sua solidariedade para com a jornada de luta de amanhã, dia 12, em Lisboa, e reclamam a demissão do Governo.

O Conselho e o «chamado Congresso das Comunidades» – diz o documento, que Eanes em Belém e Oliveira Dias em S. Bento receberam por estes dias – «são estruturas que o Governo instituiu para fins que nada têm a ver com a defesa dos interesses dos emigrantes. É uma reafirmação do que já foi dito aqui há meses no controverso Congresso das Comunidades e repetido na primeira reunião do Conselho. Oito meses depois, as associações lembram que nada foi feito da parte do Executivo de Lisboa, apesar de instantes recomendações oportunamente apresentadas, e respeitantes a problemas como o número de deputados pela Emigração, o voto dos emigrantes nas eleições presidenciais, a questão da dupla nacionalidade, e a entrada de Portugal na CEE com respectivas consequências para os trabalhadores portugueses emigrados.

Quando da recente reunião em Lisboa da comissão mista luso-francesa para tratar de problemas, entre outros, os respeitantes à emigração, o Governo aceitou, depois de sucessivas insistências nesse sentido, que três representantes da Emigração portuguesa em França viessem a Portugal para integrarem a parte técnica da delegação portuguesa. Que se passou entretanto? Os três representantes vieram, mas «sofreram a afronta», a suprema humilhação de ser considerados «como menores, como crianças», reservando-se-lhes «uma dependência duma sala de espera onde apenas lhes chegavam uns vagos ecos do que se passava entre as delegações que discutiam a sua sorte».

Daqui que a exposição proteste, e «indignadamente», contra «a violência feita aos emigrantes ao serem impedidos de participar efectivamente na comissão mista do acordo luso-francês de emigração». As associações dizem que «rejeitam categoricamente qualquer acordo firmado pelos Governos português e francês sem a sua participação. Consideram-no um simulacro de acordo feito com o objectivo de escamotear as responsabilidades das duas partes na não solução dos verdadeiros problemas com que os emigrantes se debatem».

A exposição reclama a demissão do actual Executivo, alegando não poderem «aceitar que Portugal perca a sua independência e se afunde economicamente como consequência da inoperância, incompetência e irresponsabilidade do actual Governo».

A exposição foi enviada através da Associação dos Originários de Portugal, secção de Villejuif, e identifica tanto as associações que a subscrevem como os conselheiros que pessoalmente se responsabilizam pelo documento.

Saneamento básico

Recolha de lixos sólidos fundamental para populações

PORTO, 11 – Um dos problemas mais significativos e preocupantes no domínio do saneamento básico é a recolha e eliminação dos detritos sólidos. Essa recolha, a par do abastecimento de água, drenagem e tratamento de águas residuais, são factores de relevo na manutenção das condições sanitárias das populações e na defesa do meio ambiente.

O director-geral do Saneamento Básico presidiu (em representação do ministro das Obras Públicas e Transportes) à sessão inaugural do Encontro-/81 – Resíduos Sólidos, efectuada no auditório da Faculdade de Economia desta cidade e fez aquelas declarações de ordem técnico-social.

Este Primeiro Encontro/81 – Resíduos Sólidos prolonga-se até amanhã e a sua organização é a da Estação de Tratamento de Lixos (ETL), visando debater a problemática dos lixos urbanos. Nele participam entidades interessadas na área do Grande Porto, as Câmaras Municipais do Porto, Gondomar, Maia, Valongo e Espinho, além de especialistas de organismos estatais e universidades.

A ETL é sucessora da «Fertor» e apareceu em Dezembro de 1979 com a aquisição, por parte do Estado, das instalações de conversão de lixos em composto orgânico existentes em Ermesinde, Valongo.

REFORMADOS

Os reformados estarão presentes na Manifestação de 12 de Dezembro

A luta é de todos!
Pelos direitos dos trabalhadores do activo e do passivo!
Pela defesa da Constituição de Abril!
Pela defesa da Democracia!

Os reformados concentram-se na Praça dos Restauradores às 15.30 horas

A Comissão Permanente do MURPI

CLUBE RECREATIVO DO FEIJÓ

ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos do número cinco do Art.º 24.º do capítulo 5.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral a reunir em Sessão Ordinária na Sede Social, no dia 18 de Dezembro de 1981, pelas 21 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1.º — Eleição dos corpos gerentes para o exercício de 1982.
2.º — Analisar e deliberar sobre propostas da Direcção relativas à suspensão de sócios.

Não se verificando à chamada o número suficiente de presenças, a assembleia realizar-se-á em segunda convocatória no dia 29 do mesmo mês, no mesmo local, à mesma hora, com igual ordem de trabalhos e com qualquer número de associados.

Feijó, Sede Social, 9 de Dezembro de 1981

O PRESIDENTE DA MESA DA ASS. GERAL

Henrique Carlos Quaresma da Silva

UNIDADE NA ACÇÃO
A FORÇA DOS TRABALHADORES

TODOS À MANIFESTAÇÃO

DIA 12 DE DEZEMBRO ÀS 15 H.
MARQUÊS DE POMBAL — TERREIRO DO PAÇO

1 O trabalho desenvolvido pelos Dirigentes Sindicais e por todos os activistas de preparação para a grande manifestação do próximo dia 12 de Dezembro em Lisboa merece ser distinguido e saudado pela Comissão Organizadora, constituida pela USL, USS, CIL e CIS, na sequência da deliberação do Secretariado Nacional da CGTP-IN.

2 Ainda que imenso e de qualidade inegável, o trabalho dos dirigentes e activistas só foi tão bem acolhido e recebido pelos trabalhadores porque estes estão perfeitamente conscientes dos riscos da situação presente, revelam perfeita compreensão da necessidade de serem os trabalhadores a assumirem-se como agentes principais da mudança política que se impõe e é inadiável.

3 **O TRABALHO DESENVOLVIDO E A MOBILIZAÇÃO REVELEM ANTECIPADAMENTE UMA SIGNIFICATIVA ADESÃO À MANIFESTAÇÃO DE 12 DE DEZEMBRO.**

4 A situação política, na sua evolução desde que foi convocada a Manifestação, demonstrou à evidência que aumentaram as razões sérias de preocupação para os trabalhadores.
A revisão constitucional continua a fazer-se nos mesmos moldes no segredo de S. Bento, tentando a "AD" a todo o tempo subverter a Constituição e manter o propósito de destruição do regime democrático.
Veio o anúncio da imposição do tecto salarial, que nem sequer permite a reposição do poder de compra; conhecemos o OGE, com aumentos consideráveis de impostos e cortes significativos em sectores fundamentais como a saúde e a educação; está à discussão a lei dos despedimentos e dos contratos a prazo, conhecendo-se agora melhor os sinistros propósitos da "AD"; os preços aumentam ainda mais; sairam leis sobre a habitação, restringindo o direito de sucessão e manteve-se quase cortado o crédito para compra e construção.

5 A contestação laboral, muito naturalmente, aumentou. Como sempre, como prova da sua falta de razão, a "AD" recorreu à repressão para resolver os conflitos: a GNR e a PSP têm sido chamadas a apoiar os patrões e vários trabalhadores têm sido presos.
O Governo "AD"/Balsemão/Amaral cumpriu a vontade e as ordens do patronato de boicote à livre negociação colectiva, num grave atentado às leis, à Constituição e até às normas internacionais comunmente aceites publicando portarias de extensão afrontosas para a nossa dignidade e para a liberdade de negociação.

6 **EM SUMA, A CRISE AGRAVOU-SE ATÉ PELA SIMPLES MANUTENÇÃO DA "AD" NO GOVERNO. É CADA VEZ MAIS INADIÁVEL CORRER COM A "AD" DO GOVERNO!**

7 A situação presente, os objectivos do movimento sindical revelam uma imensa necessidade da unidade dos trabalhadores, de todos os trabalhadores.
A unidade, mais do que nunca, tem de ser assumida por cada um em torno do essencial, não perdendo de vista as posições democraticamente discutidas e assumidas.

8 A Manifestação de 12 de Dezembro, na sua convocatória, objectivos e palavras de ordem, resultou da discussão democrática no interior das estruturas sindicais e de CTs.
O respeito pela democracia, pelos trabalhadores e pelas suas organizações de classe exige que seja atacado tudo o que foi democraticamente discutido e aprovado.
É nesse sentido que se apela à concentração dos trabalhadores por concelhos e, dentro deles, por empresas, como forma, inclusive, de dar força à representação das empresas.
É ainda nesse sentido que a Comissão Organizadora assumirá toda a responsabilidade de fazer respeitar as decisões livre e democraticamente tomadas.

9 **A MANIFESTAÇÃO DE 12 DE DEZEMBRO VAI SER SEGURAMENTE UMA GRANDIOSA ACÇÃO DEMONSTRATIVA DE MATURIDADE SINDICAL, RESPEITO DEMOCRÁTICO E UNIDADE, DA VONTADE DE MUDANÇA POLÍTICA E DA DETERMINAÇÃO DE COLOCAR A "AD" FORA DO GOVERNO.**

ensino

MEU promove conferência e seminário sobre ensino à distância

Promovidos pelo Instituto Português de Ensino à Distância decorre de 14 a 18 do corrente, no Hotel Sheraton, em Lisboa, uma conferência e seminário internacionais sobre comunicação de massas e ensino à distância.

Cerca de vinte especialistas estrangeiros em ensino à distância e em meios de comunicação de massas, apresentarão comunicações sobre diversos temas, entre eles, Lord Perry of Walton, fundador da Universidade Aberta em Inlaterra, que pronunciará o discurso inaugural dos trabalhos. Outros participantes serão Michael Vorbeck, director do Serviço de Documentação Científica do Conselho da Europa.

Participam também especialistas e professores portugueses de diversos estabelecimentos de ensino superior e secundário.

A conferência encerrará com uma sessão pública às 21 e 30, no dia 15, em que o prof. Michel Tetu, do Canadá, secretário-geral de uma associação de universidades de língua francesa, falará sobre «Mass media e diálogo de culturas».

O Instituto Português de Ensino à Distância é um organismo do Ministério da Educação e Universidades criado em 1980 com vista à instalação de uma universidade aberta. De acordo com a notícia proveniente do MUE, o obuectivo desta primeira conferência e seminário é «assegurar o contacto internacional com especialistas de ensino à distância e de meios de comunicação de massas, com vista à formação do pessoal daquele instituto».

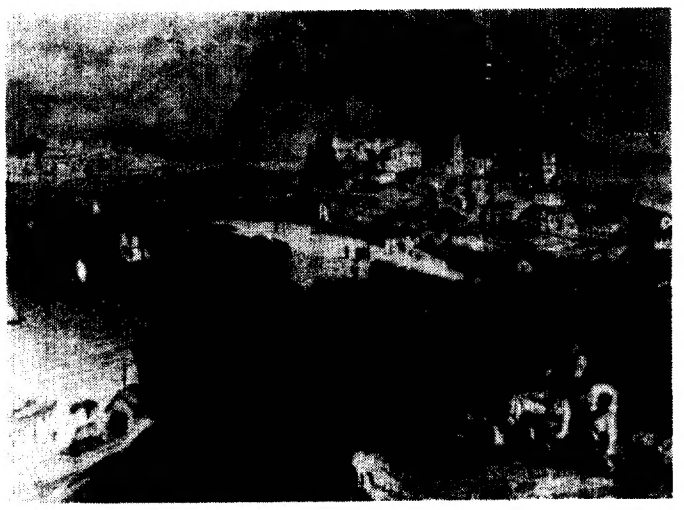
Um património a não esquecer

Almada (e seu termo) tem fortalezas insuspeitadas

Quem suspeita, ao cruzar o largo de Cacilhas, que ali já funcionou um forte destinado à defesa da pequena praia e da baía? Mas é a verdade. Um resquício da fortaleza é a actual porta de armas do quartel da Guarda Fiscal ali existente.

A revelação é feita em «Fortalezas de Almada e seu termo» de R. H. Pereira de Sousa, em edição patrocinada pelo Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Almada. No livro se faz um levantamento das cerca de 40 fortificações de que há notícias mas que geralmente são ignoradas pelo cidadão comum.

O centro de toda a defesa da outra banda, di-lo o autor, foi o castelo medieval de Almada, hoje votado a interesses mais actuais: está lá a GNR. Na altura, durante séculos, todas as fortalezas ou simples edificações de campanha, que irradiavam daquela fortaleza, tinham como objectivo retardar ou cortar o acesso ao Tejo, pelo que se situavam quase exclusivamente na faixa ribeirinha entre Almada e a Trafaria.



O castelo de Almada em 1830, com um corpo militar evoluindo junto da cerca

A tendência macrocefálica do nosso país vem do passado. Entre os séculos XII e os princípios do actual, o morro da Outra Banda foi quase sempre encarado como uma defesa para a capital, onde se mexiam os cordelinhos da política.

A importância nesse domínio não vinha apenas da margem do Tejo entre Cacilhas e Trafaria. Já então se encarava um hipotético invasor penetrando no País pelo Alentejo. A península da Arrábida assumia assim uma grande importância estratégica.

Mas admitindo que esse possível invasor conseguia cruzar todas as fortificações, de que são exemplo Sesimbra e Palmela, surgia Almada como último reduto.

O autor do livro descreve situações várias em que Almada teve um papel preponderante na defesa da capital. Os cercos, as resistências, tomadas do Tejo, como foi o caso durante as invasões francesas.

O invasor surgido do Alentejo também figura nas páginas de «Fortalezas de Almada». Tal verificou-se em 1833, durante acesas lutas entre liberais e miguelistas. Os primeiros, confinados em cerco no Porto, resolveram chegar por mar. Desembarcados em Cacela, no Algarve, vieram por aí acima.

Ao contrário do que acontece nos habituais exercícios da Nato, com desembarques no Alentejo, o inimigo bateu tudo por aí acima e o desfecho deu-se em batalhas na Cova da Piedade, Mutela e Cacilhas.

Com peripécias várias descritas no livro, o triunfo veio a caber aos liberais. Houve festa rija no Ginjal e em Cacilhas, presenciadas a partir de Lisboa pelos adeptos do liberalismo. Chegava-lhes daí algum alento...

O autor desta obra não esquece a importância actual das fortalezas que nomeia, susceptíveis de serem integradas no património quer a nível local, quer a nível nacional. A considerar.

Revista sul-africana coloca crianças portuguesas a par das do Uganda, do Camboja e do Afeganistão

A revista «Fair Lady», que se publica em Joanesburgo, África do Sul, publica no seu número de Dezembro corrente um anúncio duma organização internacional propondo aos interessados o apadrinhamento, com cobertura monetária, de crianças de quatro países, um dos quais Portugal. Não pareceria estranho, entretanto, se não fossem os restantes países, para cujas crianças o anúncio pede ajuda, o Uganda, o Camboja e o Afeganistão.

A organização anunciante é a «International Christian Aid». Trata-se, portanto, duma organização de orientação religiosa, animada no seu trabalho por aquilo que se costuma designar por boas intenções. Todavia, não deixará de ser embaraçador (para os portugueses) o facto de a referida organização colocar Portugal ao lado de países onde se verificam situações de extrema gravidade, como é amplamente reconhecido por diversas instâncias internacionais.

É certo que Portugal ocupa o último lugar nas escalas europeias respeitantes às realidades económicas, sociais e culturais. Todavia, entre o último lugar da Europa e a generalidade das situações que se verificam no Terceiro Mundo ainda vai uma relativa distância.

O facto poderá entender-se por duas razões. Por um lado, o desconhecimento da referida organização em relação à situação portuguesa. Por outro, a hipótese de a mesma organização actuar em poucos países, e Portugal ser dos países onde actua.

De qualquer modo, não se deve esquecer que este anúncio saiu na África do Sul, e numa revista dirigida a um público de preferência feminino. E da minoria branca, certamente.

THE BRITISH COUNCIL
INSTITUTO BRITÂNICO EM PORTUGAL

CURSOS DE LÍNGUA INGLESA

Inscrições para o Ano Lectivo 1981-82
2º Período

Cursos normais
Cursos intensivos
Cursos preparatórios para os exames da UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE

As matrículas e testes de avaliação de conhecimentos efectuam-se nos dias 22, 23, 28, 29 e 30 de Dezembro

As aulas têm início em 4 de Janeiro de 1982 e funcionam entre as 8.30 e as 22.00 horas sem interrupção, incluindo a hora do almoço

Horário da Secretaria: das 9.30 às 12.00 horas e das 15.00 às 19.00 horas

As propinas deverão ser pagas somente por cheque (conta própria ou adquiridos na C.G.D.)

PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONTACTE-NOS:
RUA LUIS FERNANDES, 3 (esquina Rua de S. Marçal)
Telefs.: 36 92 08 36 92 09 32 01 73 32 87 50

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA

TELEFS. 23846-22346-25245 -- APARTADO 72
3001 COIMBRA CODEX

SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO

Até às 15 horas do dia 21 de Dezembro de 1981, aceitam-se propostas em carta fechada e lacrada para o seguinte fornecimento:

— REAGENTES

A abertura far-se-á no dia 22 de Dezembro pelas 15 horas.
As restantes condições estão patentes nos Serviços de Aprovisionamento — Hospital Geral da Colónia Portuguesa do Brasil — Quinta dos Vales — S. Martinho do Bispo — Telefone -- 20115 -- 3000 COIMBRA.

Pel'O SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO

2100 menos 6

Apesar da emissão "pirata" a greve foi mesmo greve

Dois momentos, muito diferentes, do Centro Regional do Porto da Radiotelevisão Portuguesa: à direita quatro elementos que «furaram» a greve, proporcionando uma emissão «pirata»; e à esquerda, calmamente, profissionais que aderiram à paralisação nas suas instalações de trabalho

Os trabalhadores da RTP efectuaram ontem o primeiro dia de greve de uma série de três com objectivos de revisão contratual. A partir do Centro Regional do Porto, foi mandada para o ar uma emissão «pirata», tendo sido transmitidos dois blocos noticiosos, a Telescola e o programa «País, País». A programação anunciada não foi, no entanto, transmitida. Assim, por exemplo, não chegou aos «écrans» a transmissão directa do jogo de andebol Checoslováquia-Jugoslávia, que se processou naquela cidade, integrado no Campeonato do Mundo de Esperanças. De acordo com um elemento da Comissão Coordenadora da Greve, a paralisação foi «extraordinariamente positiva», visto que a adesão esteve próxima dos 100 por cento.

A emissão «pirata» contou com a colaboração dos jornalistas José Manuel Bento, Manuel Rocha, Antero Nunes e José da Silva. Dois técnicos vindos de Lisboa ajudaram ao «furo»: Oliveira Mendes, da supervisão da emissão, e Alberto Uva, da direcção do Canal I. Dos 2100 trabalhadores da RTP só 6 «furaram» – eis o que, em números redondos, se pode dizer.

O Conselho de Gerência, para justificar tão grande adesão à greve, adiantaria, entretanto, que os trabalhadores teriam utilizado a coacção física, o que já foi desmentido pelos visados. Aliás, no Lumiar, um piquete da PSP nada testemunhou de ilegal.

Ilegal, sim, e segundo a Comissão Coordenadora da Greve, foi a emissão vinda do Porto, uma vez que foram substituídos os grevistas por profissionais que «furaram» uma decisão de luta aprovada por unanimidade. Para a Inspecção de Trabalho seguiu já a participação relativa à agressão jurídica do direito de greve praticada, com conivência, pelo Conselho de Gerência da RTP.

Enquanto a greve prosseguia, o Conselho de Gerência da RTP e a Comissão Coordenadora da paralisação estiveram reunidos durante mais de seis horas, sem que, no entanto, tivesse sido possível chegar a qualquer acordo. E isso porque na tabela apresentada pelo CG são contemplados aumentos de 17 por cento retroactivos a 13 de Setembro, enquanto na proposta sindical se defendem aumentos, com a mesma retroactividade, de 30 por cento.

De todo o País, e nomeadamente dos meios sindicais e políticos, acumulam-se as adesões à luta dos trabalhadores da RTP, a qual prosseguirá, segundo o calendário de greve, nos próximos dias 13 e 14. Também o Sindicato dos Jornalistas manifestou a sua solidariedade, afirmando que o CG da RTP «ao negar o diálogo com os trabalhadores, reforça, uma vez mais, a situação de arbítrio em matéria laboral, num órgão importante da Comunicação Social e define qual a política que o Governo pretende levar à prática no sector».

SJ contra os aumentos na Saúde

O Sindicato dos Jornalistas criticou, em recente reunião, o aumento de preços de cuidados de saúde anunciado pelo Governo AD.

A Direcção do SJ considera «inaceitável que o Governo pretenda suprir as falhas do Orçamento Geral do Estado com o aumento dos encargos para os trabalhadores no acto de compra de medicamentos».

Acrescenta que o aumento das percentagens dos medicamentos que os utentes dos Serviços Médico-Sociais terão de pagar é «um grave recuo nas regalias alcançadas há longos anos num dos sectores mais sensíveis para a população, como é o da Saúde, já de si carenciado e ineficaz».

O Sindicato considera que as medidas «anunciadas numa reunião do patronato» se traduzirão a breve prazo num aumento do custo dos produtos e alerta para o rude golpe que a Casa da Imprensa sofreria com estas medidas, anunciando a intenção de se opor «por todos os meios legais ao seu alcance a esta medida governamental».

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Serviço de Aquisições

ANUNCIO

CONCURSO N.º 2-2148/81

Fornecimento de 120 caloríferos a gás, com válvulas de segurança termoeléctrica

Recebem-se propostas até às 15 horas do dia 17 do corrente mês, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11,30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 9 de Dezembro de 1981

PHILIPS

Seja craque no Videopac!

Telejogos com o COMPUTADOR G7000 da PHILIPS

Basquetebol • Batalha naval • Corridas de automóveis
Corridas de Sky • Flippers • Golf • Guerra das estrelas
Jogo do galo • Jogos de matemática • Mastermind,
num total de mais de 70 telejogos diferentes.
Saída periódica de novos jogos.

- Teclado alfanumérico
- Alimentador de 9 volts ligado à corrente, acopulado à tomada de antena do televisor.

ESPIRAL

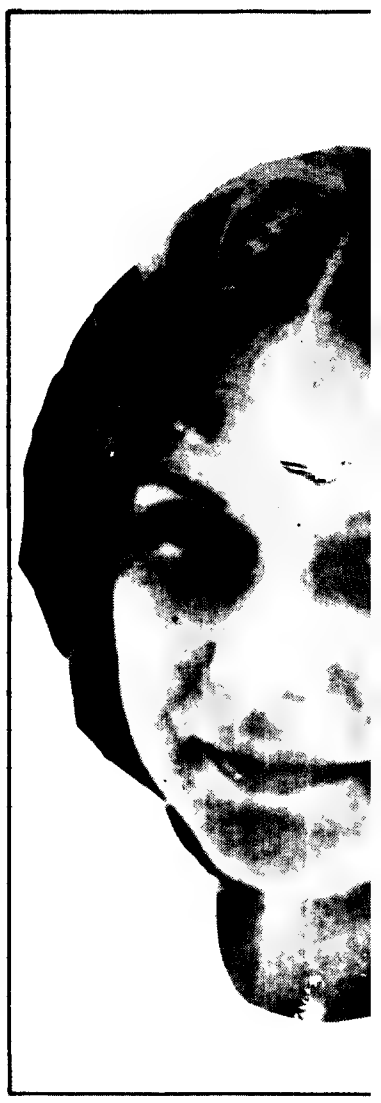
O G7000 da Philips é um divertido parceiro para todas as idades

PHILIPS - criamos o melhor para si

Lembram-se do roubo do

Seis anos depois de praticado, o roubo do histórico tesouro de N.ª S.ª da Oliveira, de Guimarães, pelo qual têm sido acusados elementos então pertencentes ao ELP/MDLP, continua a ser um caso envolto em «mistério» e onde os imprevistos se sucedem com alguma frequência. Processo já de si recheado de situações que alguns consideram «pelo menos estranhas», acaba de registar um novo episódio, desta vez um verdadeiro golpe de teatro que poderá comprometer decisivamente a descoberta da verdade (se é que já não está descoberta) e criar sérios obstáculos a que se possa avançar nos esforços para a localização do tesouro ou, pelo menos, para um melhor conhecimento da forma como teria sido desbaratado.

A coroa roubada em 1975, com cerca de 25 centímetros de altura e outro tanto de diâmetro, era uma magnífica peça de ourivesaria portuguesa do séc. XVIII. Com cerca de 1500 gramas de ouro, possuía ainda centenas de pedras preciosas (diamantes, esmeraldas, minas, e rubis) de diversos tamanhos



Maria Alice da Si

Fugiu do Hospital Miguel Bomb

(onde estava internada sob prisão)

a principal acusada do proces

Esse novo episódio, que o DL aqui revela em primeira mão, é nada mais nada menos do que a fuga, recentemente ocorrida, de uma das pessoas directamente acusadas de envolvimento pessoal no roubo do tesouro. Trata-se de Maria Alice da Silva Marques, referenciada e localizada pela Polícia Judiciária há cerca de dois anos e que em Maio último, face aos elementos entretanto recolhidos contra ela, foi finalmente detida, em Cascais, por ordem do Tribunal de Instrução Criminal de Guimarães, comarca onde o processo corre os seus trâmites. Embora estivesse desde então na Cadeia das Mónicas, a Maria Alice fugiu do Hospital Miguel Bombarda, em Lisboa, onde foi internada em meados de Agosto, sob prisão. A fuga viria a ocorrer, segundo uma das nossas fontes, nos primeiros dias de Setembro. Até à data, a Maria Alice ainda não foi localizada pelas autoridades, admitindo-se como muito provável que tenha saído do País ainda no decurso daquele mês.

Já referida na Imprensa, nomeadamente há cerca de um ano, como suspeita de ter participado no roubo do tesouro, Maria Alice da Silva Marques veria acumular contra si tal número de dados e de provas que o Tribunal de Guimarães não hesitou em promover a sua detenção. Nessa altura (Maio último, como dissemos) a Maria Alice residia em S. João do Estoril, comarca de Cascais, donde transitou para a Cadeia das Mónicas. Concretamente, como já tem sido noticiado, Maria Alice é acusada de ser a mulher que o ex-tenente da Marinha José Maria da Silva Horta tinha consigo, como colaboradora, quando executou o roubo do tesouro de N.ª S.ª da Oliveira, no Museu Alberto Sampaio, de Guimarães, em 16 de Novembro de 1975, crime de que igualmente se encontra acusado pelo mesmo tribunal. À data do assalto, a Maria Alice, que então ainda não tinha 30 anos, residia em Carcavelos, dando como profissão a de vendedora de imobiliários. Tendo trabalhado como secretária de um antigo dirigente do extinto Partido do Pogresso, gente depois também ligada ao ELP-/MDLP, teria sido por essa via que Maria Alice se relacionou com o ex-tenente Silva Horta, fugido do País por envolvimento do 11 de Março e residindo então quer em Espanha quer no Brasil, donde se deslocava clandestinamente a Portugal.

O «desaparecimento», como as autoridades prisionais chamariam ao golpe habilmente preparado e «executado sem grandes dificuldades, ao que parece», segundo uma das nossas fontes, de uma pessoa tão comprometida, como se vem presumindo, com um crime da gravidade daquele que é o roubo e destruição (parece que de forma irremediável) de um dos tesouros mais ricos e mais plenos de significado do nosso património histórico e cultural, constitui um verdadeiro escândalo. Escândalo tão grande que, como nos dizia uma das pessoas que a reportagem do DL contactou sobre este caso, «ainda vai acabar apenas no esquecimento, como se não houvesse responsabilidades para ninguém...»

Prioridade... para a fuga?

A Maria Alice fugiu do Hospital Miguel Bombarda umas três semans depois de ali ter sido internada com a ordem do director da Cadeia das Mónicas, na sequência de um pedido que tinha por base um conselho médico sobre o seu estado de saúde. Invocavam-se, segundo o DL apurou, problemas do foro psíquico. Segundo uma outra fonte, teria sido considerado o facto de então haver uma vaga naquele hospital, que foi imediatamente ocupada pela Maria Alice. No entanto, diz-nos a mesma fonte, só cerca de uma semana depois de ela ter fugido daquele hospital é que o Tribunal de Guimarães teria tomado conhecimento do facto...

O processo do roubo do tesouro de N.ª S.ª da Oliveira é, aliás, uma «razoável colecção de perplexidades», para usar uma opinião confiada ao DL nos finais do ano passado, quando este problema andou de novo nos jornais devido às tentativas da Imprensa de direita para ligar as forças de esquerda ao desaparecimento do tesouro. Segundo essa mesma fonte, o processo conheceu uma certa evolução dentro da Polícia Judiciária do Porto, tendo começado com diligências do inspector Mouro Pinto, da secção de roubos e furtos, para acabar por ir parar às mãos do inspector Lacerda e Megre, alheio àquela secção especializada. Recorde-se que há um ano, a propósito exactamente desta questão, a Imprensa, incluindo o DL e dois semanários, já se referiam ao facto de as investigações, conduzidas por um inspector «de quem se diz ter participado no Congresso dos Combatentes, uma iniciativa dos ultradireitistas», não estarem a ser levadas «até às últimas consequências», ao mesmo tempo que, apesar das provas acumuladas, não se promovia a detenção dos suspeitos. Essas demoras nas investigações, segundo uma outra fonte, seriam atribuídas ao facto de, a dada altura, serem já suficientemente fortes os argumentos que levariam ao ELP-/MDLP, via Silva Horta e Maria Alice, quando de início se julgou que a incriminação da esquerda, como responsável pelo roubo, não demoraria muito... Inclusivamente, foi-nos confiado que o processo teria estado parado, «a aguardar melhor prova», de acordo com a decisão do tribunal tomada com base na informação da PJ, quando era certo que nessa altura já se teriam encontrado pistas e dados que referenciavam os assaltantes e o ELP/MDLP.

Mas «perplexidade» não é apenas o «desaparecimento» de Maria Alice da Silva Marques do hospital onde estava internada sob prisão. As cortinas de fumo com que a Imprensa de direita tentou iludir a opinião pública, numa altura em que as investigações já não podiam deixar muitas dúvidas quanto à identidade dos culpados, só encontra paralelo no «esquecimento», disse ao DL uma outra fonte, a que são votadas pessoas com quem Silva Horta e Maria Alice estiveram na fase de execução do golpe no Museu Alberto Sampaio, em Novembro de 1975. Com efeito, muitas pessoas teriam ficado «alheias» ao processo, não sendo inquiridas, apesar dessa relação com o casal acusado do assalto e de lhe terem dado ajuda, quer em dormida, quer em transporte no próprio dia do roubo do tesouro de N.ª S.ª da Oliveira. E o mais estranho é que os investigadores da PJ sabiam (e foi dito nos jornais...) que o ex-tenente Silva Horta e a sua companheira e colaboradora Maria Alice dormiram, por exemplo, em casa de Rui Castro Lopo, em Chaves, na noite do dia em que o tesouro foi levado de Guimarães. Por outro lado, acresce ainda o caso do casal que levou o Silva Horta e a Maria Alice do Porto para Guimarães, na data do assalto ao museu e dali para casa do Rui Castro Lopo, em Chaves. Sabe-se que esse casal em cujo automóvel os outros dois se fizeram transportar ficou à espera numa rua próxima do Museu Alberto Sampaio, na cerca de meia hora gasta na execução do golpe e que ele era oficial da Força Aérea, alto e forte e ela, loura, mais baixa que a Maria Alice. Sabe-se ainda que o Tribunal de Instrução Criminal de Guimarães teria pedido à PJ que tentasse igualmente localizá-lo. Não o foi e, por certo, nunca o será...

É como se a PJ se desse ao luxo de não identificar cúmplices, sobretudo quando se chega ao ponto de... conhecer até a opinião que esse casal teria a respeito do roubo do tesouro de Guimarães, de cuja gravidade não se teria apercebido quando transportou e colaborou com os assaltantes... E sabe-se até que esse casal também participava em reuniões do ELP/MDLP, nessa altura muito concorridas de oficiais das Forças Armadas, onde o ex-tenente da Marinha e a sua companheira Maria Alice também estavam. Sabe-se isso tudo. Só não se sabe, acrescenta a nossa fonte, «é como é que sabe isso tudo...»

Deste modo, não deixa de ser estranho que essas pessoas não sejam chamadas para dizer o que sabem ou, ao menos, esclarecer a sua eventual cooperação em acções que levaram, afinal, à perda do tesouro da cidade de Guimarães. Também de acordo com uma opinião recolhida pelo DL ainda no decurso de 1980, as coisas poderiam ser vistas de outra maneira e então não se falaria em «perplexidades» neste processo, mas sim das perspectivas em que as pessoas se colocaram para privilegiar ou não certos dados e certos passos e, a partir daí, todo o rumo imprimido às investigações. Resta saber se não irá tudo dar ao mesmo...

De qualquer forma essa fonte afirmou ao DL que «muitos nomes», alguns dos quais vindos entretanto a público nos meios de comunicação, «num roubo desta natureza e desta gravidade para o património da Nação», não podem ser tratados como se não existissem ou «eventualmente nada tivessem a esclarecer» sobre este ca...

«Um facto incrível» e um escândalo

Alguns meses depois do roubo do tesouro de N.ª S.ª da Oliveira, dizia-se em Guimarães que o assalto tinha sido «ordenado por Vasco Gonçalves», então primeiro-ministro. Estas foram as palavras que o DL ouviu naquela cidade, em fins do ano passado, da boca de uma das pessoas a quem aquela «explicação» do roubo foi dada dentro do museu Alberto Sampaio, no decorrer de uma visita. Outras pessoas confirmaram-nos mais tarde que de facto aquela atoarda chegou a correr e a ser proferida em voz alta quer na cidade quer em algumas freguesias da diocese de Braga, a que Guimarães pertence.

Hoje, porque as coisas já se

PRISMA
VIAGENS E TURISMO LDA
Fim do ano 81
14 Sugestões diferentes!
AVIÃO
BRASIL - MADEIRA - PARIS - GENEVE
EM AUTOPULLMAN
10 maravilhosas viagens em
PORTUGAL — ESPANHA ANDORRA
e MARROCOS
VIAJE COM COMODIDADE CONFORTO
e SEGURANÇA
DISTRAIA-SE, ADMIRANDO PAISAGENS
INTERESSANTES
DIVIRTA SE NUM SENSACIONAL
«REVEILLON»
CONSULTE-NOS
Peça o nosso programa e informaçoes
no seu Agente de Viagens
Reserve já o seu lugar
Rua Ivens, 10 — 1200 LISBOA
Telfs.: 36 11 77 · 36 45 16 · 36 45 03

...o Tesouro de Guimarães?

...o da Silva Marques

...barda

...sso

consideram parcialmente esclarecidas, inclusivamente para as autoridades, ninguém teima em acusar as forças de esquerda de estarem por trás do assalto ao museu de Guimarães e da perda do fabuloso tesouro. Todavia, há pouco mais de um ano e, note-se bem, já depois de decorrido mais de um ano sobre a descoberta da identidade dos assaltantes, ainda a imprensa de direita tentou repor uma tese idêntica à que correu nas freguesias minhotas, embora com outras roupagens e com outros propósitos. As coisas só sucedem deste modo porque decorrido tanto tempo sobre o assalto e sobre a descoberta de pistas merecedoras de todo o crédito, parece haver a intenção (e o poder para a impor...) de «deixar arrastar tudo até que o desinteresse e o esquecimento desgastem irremediavelmente todo o processo». Nessas notícias tentou-se estabelecer ligações e levantar suspeitas com o fim claro de comprometer quer as Forças Armadas, quer o Conselho da Revolução (através de alguns dos seus membros) quer mesmo o Presidente da República, deixando no ar a insinuação de que a prisão dos responsáveis e o seu julgamento não se concretizavam devido a «proteccionismos» e a «cumplicidades». Concretamente, como os nossos leitores devem estar lembrados, porque a isso o DL se referiu, a circunstância de um dos acusados ser filho do almirante Silva Horta serviu para que se especulasse na imprensa da direita com os «melo-antunistas» e, mais uma vez, claro, com o CR que, afirmava-se, estariam a travar o andamento e a conclusão do processo. Essa imprensa chegou mesmo a estabelecer ligações entre o ex-tenente Silva Horta e sectores da esquerda, aludindo expressamente ao PCP.

De acordo com as diversas vozes dessa imprensa, dali a concluir-se que o tesouro de N.ª S.ª da Oliveira estava nas mãos de gente ou organizações de esquerda era um passo. Porém, essa mesma imprensa, tão pródiga na revelação de pormenores e conclusões a que os investigadores tinham chegado sobre este caso, já não disse que o ex-tenente era membro do ELP/MDLP (seria responsável pela zona de Aveiro) nem se referiu às pessoas com quem ele esteve por alturas do assalto e que lhe deram apoios de vária ordem, como se sabe e já veio a público. De facto, não é necessário repetir eque essas pessoas tinham igualmente ligação ao ELP/MDLP e que o casal Silva Horta/Maria Alice esteve nessa época em diversas reuniões daquela organização, de natureza mais ou menos clandestina, nomeadamente em Braga e nos arredores e numa outra cidade junto da fronteira espanhola. Recorde-se, entretanto, que a imprensa dessa época se referiu à colaboração e ao apoio logístico dados por membros da hierarquia católica da diocese bracarense a essas movimentações dos «elpistas» que, inclusivamente, só não teriam sido apanhados pelas autoridades graças à ajuda (entre outras) do clero.

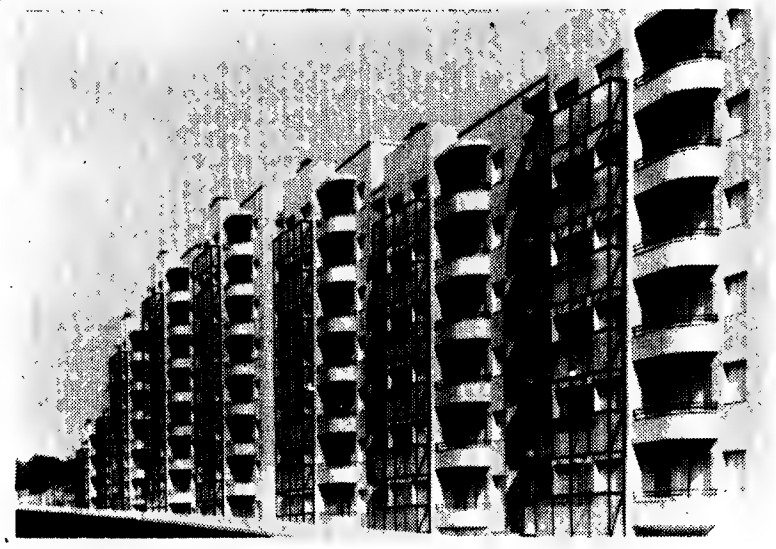
Deste modo, as tentativas para confundir as pessoas, numa altura em que se possuíam dados muito concretos que conduziam ao Silva Horta e à Maria Alice, não passavam de esforços para atacar as personalidades que sempre estiveram na mira dessa imprensa, fossem quais fossem os pretextos. Parece que de início houve um certo pânico, a descoberta dos assaltantes não deixou de ser incómoda... Mas depois, quando novos dados foram sendo conhecidos e tornados públicos, comprometendo de forma nítida o Silva Horta, a Maria Alice e o ELP-/MDLP, já os esclarecimentos não surgiram nas mesmas colunas onde se tentara fazer crer que o tesouro de Guimarães, joias históricas de significado nacional e orgulho daquela cidade, tinha sido roubado por gente com ligações à esquerda e o processo «silenciado» por personalidades ou entidades públicas.

As vicissitudes deste arrastado processo – quer se lhes chamem «perplexidades» ou «buracos», para usar as expressões que o DL ouviu – parecem assim ter nascido com ele e não vão ficar por aqui. Era esta a opinião que recolhemos junto de um magistrado a quem falámos no «desaparecimento» da Maria Alice do Hospital Miguel Bombarda, onde se encontrava sob prisão às ordens do Tribunal de Instrução Criminal de Guimarães. Para esse jurista trata-se de «um facto incrível» que compromete a acção da justiça e assume por isso o carácter de um escândalo e de um autêntico desafio àquelas autoridades que em todo este processo tentaram encontrar a verdade e responsabilizar quem devesse ser responsabilizado por um crime do calibre daquele que é o roubo e destruição de um tesouro de valor incalculável e de significado nacional. A perda desse tesouro é, sem sombra de dúvida, um acto inqualificável sob o ponto de vista histórico e cultural. Não obstante isso, seis anos depois do assalto e quase três já passados sobre a descoberta praticamente segura dos responsáveis, está «quase tudo na mesma»... ou pior, porque os acusados escapam-se sem dificuldade e aqueles que tiveram contactos ou interferências, a diversos níveis, com a acção dos acusados no Museu Alberto Sampaio são tratados como se nada ali tivesse acontecido em Novembro de 1975.

Amanhã:

Um Tesouro vendido aos bocados

O peitoral roubado, peça do séc. XVIII, era feito de prata dourada e pedras preciosas, com cerca de 25 por 20 centímetros e uma cruz de esmeraldas ao centro



TELHEIRAS SUL

ao Campo Grande

uma nova perspectiva para viver

134 andares de 4 e 5 assoalhadas aguardam a sua inscrição até 14 de Dezembro

2.960.000$00 a 3.440.000$00

Apoio de infraestruturas fundamentais:
— Unidades escolares
— Centro para a Terceira Idade
— Cinema e Centro Comercial

Informe-se no andar modelo em Telheiras Sul - Edifício G3/4
Rua Prof. Delfim Santos n.º 1 - 2A

Licença de construção n.º 66/81 · Prazo de entrega dos andares Junho de 82 · Direito de superfície Dec. Lei n.º 794/76

Serviços Comerciais da EPUL
Alameda das Linhas de Torres, 198 — Lisboa
EMPRESA PÚBLICA DE URBANIZAÇÃO DE LISBOA

DC3 - PUBLICIDADE

Líbano

A violência continua

Foram mortas no Líbano vinte e duas pessoas durante o dia de ontem, em atentados com explosivos e lutas armadas que se tornaram quotidianos nestes últimos tempos.

O balanço do atentado com automóvel armadilhado, que se verificou no bairro populoso de Bab El Tebbaneh, em Tripoli (Norte do Líbano) a segunda cidade do país, foi de 12 mortos e cerca de 80 feridos.

O atentado foi imediatamente seguido por combates renhidos, que duraram várias horas, entre a «resistência popular» (palestino-progressistas) e um partido próximo da Síria.

Por outro lado, houve um verdadeiro massacre numa aldeia da região montanhosa do Hermel (Norte do Líbano), onde por razões políticas foram mortas dez pessoas.

Em Luayze, arrabalde sudeste de Beirute, um recontro entre soldados do exército regular libanês e militares da «força árabe de dissuasão» (de efectivos sírios) fez três feridos.

Por último, a vaga de atentados com explosivos que dura há vários dias prosseguiu. Foram despoletadas várias cargas em vários pontos do país. Mas uma deles explodiu em pleno centro de Hamra, um bairro de Beirute, provocando importantes danos materiais.

Declaração de Cheysson

As declarações do ministro francês dos Negócios Estrangeiros sobre o papel da Europa no conflito do Médio Oriente e a possível venda de armamento francês a Israel provocaram várias reacções dos países árabes.

O dirigente da OLP, Yasser Arafat, declarou que as afirmações de Claude Cheysson representam uma grande mudança da política francesa em relação ao Médio Oriente e que não estão de acordo com a política tradicional seguida pela França.

Arafat sublinhou que esperava uma nova declaração do ministro em que fossem reconsideradas as afirmações feitas aquando da visita de Cheysson a Israel, no início da semana.

Os jornais do Kuwait e da Arábia Saudita interrogaram-se igualmente sobre as declarações de Cheysson.

A declaração do ministro francês, que apelava aos países europeus para não interferirem no conflito do Médio Oriente, provocou um pedido de esclarecimento dos Estados do Golfo Pérsico ao Governo francês.

O jornal «Arab News» da Arábia Saudita lembra a François Mitterrand o facto de Riade ser o principal fornecedor de petróleo da França e simultaneamente o principal importador de armamento francês.

Por seu lado, o ministro jordano dos Negócios Estrangeiros, Marwan El Kassen, pediu oficialmente ao encarregado de Negócios da Embaixada francesa na Jordânia que lhe forneça o «texto integral das declarações feitas por responsáveis franceses sobre a questão do Próximo Oriente nos últimos dias e após a recente visita a Israel de Claude Cheysson».

O Egipto rejeitou em bloco as declarações do ministro da Defesa israelita, Ariel Sharon, relativamente à possibilidade de se estabelecer um diálogo com os palestinos da Cisjordânia e de Gaza graças à nova política do Estado hebreu nesses territórios.

Um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros considera que «as últimas medidas israelitas aplicadas na Cisjordânia e em Gaza, designadamente no que respeita ao encerramento da Universidade de Bir Zeit, estão em total contradição com o discurso de Sharon sobre o estabelecimento de um diálogo entre israelitas e palestinos».

Tudo é possível em Espanha

Que caminhos vão percorrer os "capitães de Dezembro"?

Madrid (do nosso correspondente, Fernando Jauregui) – Cravos vermelhos foram o símbolo do «movimento dos capitães» em Portugal. Passados sete anos, espinhos são o símbolo do «movimento dos capitães» nascido em Espanha, sob um cariz político diametralmente oposto. Será que estes capitães de Dezembro, de formação e mentalidade claramente fascistas, irão triunfar?

No passado fim-de-semana, os espanhóis preparavam-se para festejar a jornada comemorativa do terceiro aniversário da Constituição democrática. Milhares de varandas e janelas estavam engalanadas com as cores nacionais, e os automóveis circulavam ostentando dísticos com vivas à Constituição e à liberdade.

Toda a alegria ficou de repente turvada, quando a Imprensa publicou um «manifesto», assinado por cem militares, capitães, tenentes e outros oficiais de patente inferior, de natureza claramente anticonstitucional. No manifesto, onde não foram esquecidos os elogios aos golpistas de 23 de Fevereiro, exigiam-se coisas tão antidemocráticas como estas: que a Imprensa deixasse de se ocupar de questões relativas às Forças Armadas e que o Governo fizesse o mesmo. Quer dizer: os militares anticonstitucionais querem autonomia e impunidade totais.

Que razões tinha dado à Imprensa para suscitar as iras dos «cem»? Poucas: o facto de ter condenado poucos dias antes um capitão embriagado, que, na companhia de dois alferes e uns trinta soldados, tinha «assaltado» uma discoteca em Madrid, e, de metralhadora em punho, se entretivera a ler proclamações franquistas. Ou então o facto de ter condenado um outro capitão, que na cidade galega de La Coruña, decidira prender, por sua conta e risco, sete jovens que participavam numa manifestação devidamente autorizada. Os «cem» parecem estar também indignados com o facto de a Imprensa democrática espanhola manifestar a sua estranheza face ao tratamento excepcionalmente benévolo reservado aos golpistas de 23 de Fevereiro. Igual estranheza tem essa Imprensa manifestado pelo facto de o principal cabecilha daquela triste jornada ter sido condecorado com a «medalha de sofrimentos pela pátria», e de o filho desse cabecilha ter sido condenado apenas a um mês de prisão por ter insultado gravemente o rei, chefe supremo das Forças Armadas.

Os signatários do «manifesto dos cem» queriam que a Imprensa espanhola silenciasse todas estas irregularidades, que a Imprensa espanhola não dissesse – e o certo é que se limitou a noticiá-lo sem mais comentários – que nas comemorações militares mais rcentes se têm omitido os tradicionais «vivas ao rei».

Um acto isolado?

O certo é que o manifesto está muito longe de ser um acto isolado. O comando supremo actuou energicamente proibindo qualquer nova adesão ao manifesto. Mas sabe-se que existem movimentos clandestinos que estão a promover novos apoios ao documento, apesar das duras penas aplicadas a alguns dos seus promotores (expulsão de cinco capitães subscritores, um dos quais filho do presidente do partido ultradireitista «Fuerza Nueva», Blas Pinar).

A ninguém restam dúvidas em Espanha de que o manifesto é mais um passo na escalada destinada a criar um estado de tensão antes da realização do julgamento dos 35 golpistas de 23 de Fevereiro. Todos contam com mais incidentes do estilo, semelhantes aos ocorridos com a famosa medalha de sofrimentos pela pátria atribuída ao general Milans Del Bosch.

Que se pretende afinal? É óbvio que se pretende impedir a todo o custo a realização do julgamento do 23 de Fevereiro, processo que o Governo de Calvo Sotelo tem vindo a retardar sistematicamente sem que se descubram razões para tal. Todos são unânimes em considerar que, caso o julgamento não venha a realizar-se, isso significará o triunfo **de facto** da intentona, embora não venha a produzir-se **de jure** um golpe de Estado segundo os cânones tradicionais.

Mas quem quer o golpe de Estado? Um golpe de Estado aqui e agora, porquê e para quê? É isso que se torna difícil de entender. O terrorismo abrandou de tal modo, que há muitos anos que não se assistia em Espanha a um período de acalmia tão duradouro como este, nessa frente. A situação económica, apesar de crítica, parece melhor, pois há indícios de uma recuperação – ligeira embora – para os próximos meses. Os sindicatos e os partidos políticos da oposição seguem um táctica de moderação surpreendente e, para muitos militantes, excessiva. Que razões poderá então haver para um golpe?

Nenhuma, a não ser, talvez a própria estrutura das Forças Armadas espanholas. Os «generais do ano dois mil» são menos democratas do que as pessoas bem-pensantes eram levadas a crer. Agora todos começam a lembrar-se daquele dia em que o «número um» da promoção dos majores que estudram com o rei na Academia Militar de Saragoça proferiu um discurso público perante o monarca, discurso no qual pronunciou quatro vezes o nome de Franco e nem uma só vez se referiu à defesa dos valores constitucionais. E mais grave ainda: os capitães e os majores espanhóis não só estão divididos entre si por causa das suas ideiais políticas e estratégicas (ao lado da minoria claramente golpista, haveria uma outra minoria, claramente constitucionalista, e uma maioria de indiferentes). Agora entram também em confronto com os altos comandos.

Consta que nos quartéis os jovens oficiais «duros» não se limitam agora a criticar abertamente o rei, mas vão mais longe condenando a hierarquia militar que consideram demasiado «mole». As medidas tomadas pela Junta dos Chefes do Estado-Maior para impedir adesões maciças ao «manifesto dos cem» valeram-lhe a inimizade dos militares «duros», que já tinham passado a odiar o rei desde o malogro do golpe de 23 de Fevereiro.

Assim estão as Forças Armadas espanholas no momento em que a Espanha assina o protocolo de adesão à NATO. Embora não existam sondagens dignas de crédito, parece que a maioria dos oficiais mais jovens seria a favor do ingresso na Aliança, como factor que contribuiria para uma maior profissionalização e capacidade técnica dos três ramos das FFAA. Mas o certo é que a situação interna do país continua a preocupar muito mais os oficiais espanhóis que todas as teorias de táctica internacional que se estudam no QG da NATO.

O difícil é prever o que irá acontecer. Face à grave crise que se vive no seio do partido governamental (UCD) alguns militares poderiam sentir-se tentados a servir-se desse pretexto para intervirem, uma vez mais, no processo político. Resta saber para que lado se inclinaria a maioria das Forças Armadas. Para o golpe? Para o respeito pela Constituição? Para o «deixar apodrecer» da situação? Para a indiferença pura e simples? Pouco falta para termos a resposta: todas as opções parecem estar em aberto, embora o certo seja que hoje os espanhóis já aprenderam a não dramatizar as coisas. Os espanhóis continuam confiantes. E é nesta confiança que temos de apostar para salvarmos a democracia.

Reagan apela ao regresso dos americanos que estão na Líbia

O presidente Ronald Reagan apelou ontem a todos os cidadãos americanos para que abandonem voluntariamente a Líbia «o mais depressa possível» e invalidou os passaportes para aquele país.

O secretário de Estado adjunto, William Clark, ao anunciar a decisão de Reagan, disse que ela era motivada pelo «perigo que o regime líbio constitui para os 1500 cidadãos americanos» que vivem naquele país. «Quero deixar bem claro que o presidente está disposto a tomar outras medidas legais a fim de que os americanos abandonem a Líbia se tal se mostrar necessário», disse Clark numa conferência de Imprensa.

Entretanto o Governo americano reforçou recentemente de forma considerável o seu controlo sobre as exportações, com destino à Líbia, de aviões e helicópteros, assim como de motores e peças destacadas para esses aviões, revelava ontem em Washington o último «Boletim da Administração das Exportações».

Enquanto isto o secretário norte-americano de Estado, Alexander Haig, afirmou ontem em Bruxelas que, após a proibição aos cidadãos norte-americanos de viajarem para a Líbia, Washington considerará outras medidas retaliatórias contra o regime de Moamar Khadafy.

O secretário de Estado, depois de afirmar que não poderia a nenhum estado europeu que seguisse o exemplo dos Estados Unidos, e que nem sequer antecipara uma tal eventualidade, referiu que a decisão de Reagan foi tomada para proteger os cidadãos norte-americanos na Líbia e não para «vitimar» essa nação.

Contudo, a maioria dos países aliados dos Estados Unidos no seio da NATO não está disposta a aderir a Washington, caso o presidente Reagan se decida por sanções económicas contra a Líbia – afirmavam, ontem, observadores em Bruxelas.

Esta posição ressalta das declarações feitas durante o Conselho do Atlântico Norte, bem como dos comentários de vários dos participantes, no fim do primeiro dia de reuniões.

O secretário de Estado, Alexander Haig informou os 14 restantes ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da NATO, sobre a «conjura» que teria sido urdida pelo coronel Kadhafy contra Reagan e outros dirigentes americanos. Mas nem todos os participantes se mostraram convencidos pelos argumentos de Haig. Assim, com uma ponta de ironia, o ministro francês das Relações Exteriores, Claude Cheysson, declarou aos jornalistas que «os argumentos de Haig, visivelmente, terão convencido apenas o próprio Haig».

Em sessão plenária, o ministro italiano Emílio Colombo rejeitou qualquer hipótese de sanções, salientando que já em Setembro findo os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE se tinham pronunciado a favor da manutenção de «canais de comunicação» com a Líbia.

Por seu turno, um porta-voz britânico revelou, sem fornecer pormenores, ter havido «contactos entre Washington e Londres, sobre a Líbia», após a descoberta da «conjura». Acrescentou que os pontos de vista dos dois Governos – americano e britânico – não foram coincidentes a esse respeito.

A agência oficial líbia JANA qualificou de «afirmações destituídas de todo o fundamento» as declarações do presidente Reagan segundo as quais «um perigo iminente ameaçava a segurança dos americanos que se encontram ou se dirigem para a Líbia».

Numa primeira reacção à decisão do presidente Reagan de pedir aos americanos que vivem na Líbia que deixem esse país, a agência JANA afirmou que «os americanos que trabalham na Líbia vivem em paz e segurança» e que a sua situação é melhor que a que poderiam ter nos Estados Unidos». «Se o presidente americano fala de terrorismo, deve fornecer as provas para confirmar as suas afirmações, mas verificou-se claramente que Reagan é um mentiroso e um cobarde».

A agência conclui acusando os Estados Unidos de «prepararem uma agressão contra a Líbia», sob o disfarce de uma «campanha falsa».

Associação Médica Americana contra guerra nuclear

A Associação Médica Americana (AMA) pediu aos seus membros que informem o presidente Ronald Reagan e o Congresso dos Estados Unidos «das consequências de um conflito nuclear».

A moção, aprovada por unanimidade, a hora adiantada da noite de quarta-feira pelo Congresso Anual da AMA reunido em Las Vegas, representa uma viragem importante para uma organização considerada conservadora. A AMA, porém, não propõe nenhuma acção específica aos seus membros.

A moção fora proposta pela Direcção da AMA que trisava, num relatório, que «não existe nenhuma resposta médica possível em caso de holocausto nuclear». «Nas zonas submetidas ao fogo nuclear» – acrescentava o relatório – «milhões de pessoas, entre as quais pessoal médico, teria morte imediata.

Outros milhões mais ficariam gravemente queimadas e expostas a radiações tóxicas e não poderiam receber sequer um tratamento médico apropriado por terem sido destruídas igualmente as instalações hospitalares.»

Processo de desvinculação da Grécia da NATO está em marcha

O primeiro-ministro socialista grego, Andreas Papandreou, afirmou, ontem que «o processo de desvinculação da Grécia em relação à NATO está em marcha».

O «Acordo Rogers» marcando a reintegração da Grécia na NATO, no Outono de 1980, e que punha em dúvida a definição do espaço aéreo grego, está parcialmente suspenso, acrescentou Papandreou.

O fcto de não ter havido comunicado final em Bruxelas, depois da reunião dos ministros da Defesa da NATO, na quarta-feira, prova, segundo o primeiro-ministro grego Andreas Papandreou «a enfermidade da NATO».

Papandreou baseou o seu discurso naquilo que considera como a ameaça turca contra as fronteiras orientais da Grécia, as suas ilhas e o seu espaço aéreo no mar Egeu. E justificou a recusa em aprovar o projecto de comunicado pelo facto de os seus parceiros da NATO não quererem incluir um parágrafo assegurando a protecção da Grécia pela Aliança em caso de agressão turca.

Estas garantias representam «um ponto crítico para a Grécia», acrescentou Papandreou, no seu discuro televisionado. «A Grécia nunca aceitará o ponto de vista da Turquia» relativamente ao espaço aéreo, águas territoriais e palataforma continental no mar Egeu, salientou, acrescentando que o «conflito greco-turco» se tinha transformado agora num problema interno «agudo» no seio da Aliança Atlântica.

A respeito da questão das «forças de intervenção rápidas» americanas, o primeiro-ministro defendeu «a nação árabe», precisando que a Grécia não dará facilidades militares contra países amigos.

Entretanto as autoridades de Bona desdramatizaram completamente o «fracassso» da reunião dos ministros da Defesa da NATO de Bruxelas, que terminou ontem, sem ter, pela primeira vez na sua história, publicado um comunicado final devido às exigências de Atenas, segundo declarou à «France Press» uma personalidade governamental.

Enquanto isto os quinze membros da NATO assinaram ontem à tarde o protocolo de adesão da Espanha no Tratado do Atlântico Norte.

Contudo a adesão de Espanha à NATO não serve a unanimidade das forças políticas

Moçambique: acção da Frelimo revelou contactos da "resistência" em Portugal

Caiu a principal base dos terroristas

As Forças Armadas moçambicanas comunicaram ontem terem concluído no passado dia 8, a ocupação da principal base inimiga em território nacional.

A base situava-se nas montanhas de Garragua, cerca de 80 quilómetros a oeste de Macate, no centro do país.

Participaram na ofensiva, de 5 a 8 deste mês, aviação, artilharia ligeira e pesada, infantaria motorizada e companhias de comandos das Forças Armadas moçambicanas, que dizem ter infligido pesadas baixas aos elementos da denominada «Resistência Nacional».

Os terroristas em debandada, deixaram seis cadáveres no terreno e notaram-se também numerosas sepulturas recentes, que jornalistas moçambicanos afirmam pertencerem a mais vítimas da acção destes últimos dias.

As Forças Armadas moçambicanas também comunicaram terem sofrido dois feridos e capturado diversos elementos inimigos, bem como 631 armas ligeiras, 71 tambores de 200 litros cada de combustível para helicópteros radiotransmissores fixos e portáteis e um motor para moagem de milho.

Pela documentação capturada na base ocupada, sabe-se que funcionava ali o comando operacional do movimento que coordena as acções de núcleos terroristas espalhados pela região central de Moçambique.

O comandante operacional era Afonso Dlhakama, coadjuvado pelo secretário-chefe Raul Manuel Domingos e pelo segundo secretário João Domingos.

Entre a documentação apreendida havia dois passaportes sul-africanos em nome de um mesmo indivíduo, um passaporte português e outro do Malawi – dizem jornalistas moçambicanos que estiveram em contacto com as Forças Armadas.

Na base havia um sector especialmente reservado a sul-africanos pertencentes ao Exército e aos serviços secretos do país vizinho – afirmaram militares moçambicanos.

Alguns dos documentos apreendidos relatam encontros de Dlhakama com militares sul-africanos e viagens suas a Portugal, Alemanha Federal e França.

Desde a Lusalite ao arcebispo de Braga

Em Portugal, Dlhakhama, contactou meio económicos que estiveram associados a Moçambique no tempo colonial nomeadamente elementos afectos à empresa LUSALITE, tendo as reuniões decorrido em Lisboa, Cascais e Porto, segundo a documentação apreendida.

Em 21 de Novembro de 1980 o «comandante» Afonso Dlhahama teria estado reunido com o arcebispo de Braga e com um cónego de nome Eduardo de Melo, tendo pedido a este último que lhe obtivesse uma audiência com o Papa e que lhe conseguisse padres para as zonas sob alegado controlo da «resistência» – dizem ainda os documentos que as Forças Armadas moçambicanas hoje mostraram aos jornalistas.

Por outro lado, em 25 de Outubro de 1980, o mesmo chefe da organização anti-Frelimo teria estado na localidade sul-africana de Zoabostad, em contacto com um coronel Van Mikerk, que lhe dera planos para acções a serem realizadas em Moçambique até ao mês em curso.

Segundo a acta da reunião, o coronel sul-africano propôs então que os abastecimentos à guerrilha passassem a ser feitos por via marítima e já não por via aérea, por esta apresentar algumas dificuldades e ser mais dispendiosa.

Os desembarques de armas teriam passado a ser feitos, desde o fim do ano passado, na região de Ampara, no litoral da província de Sofala, onde, por diversas vezes, a população chegou a detectar a presença de submarinos.

Segundo a agência moçambicana AIM a base agora ocupada situa-se a 20 quilómetros das fronteiras com o Zimbabwé e tem um diâmetro de aproximadamente dois quilómetros. Nela se calcula que vivessem mil elementos.

No 25.º aniversário do MPLA

Conluio Pretória-Washington denunciado pelo Presidente da RPA

A África do Sul e «os meios mais reaccionários do imperialismo» continuam a ser os principais inimigos da República Popular de Angola, afirmou ontem o Presidente José Eduardo dos Santos.

O chefe de Estado angolano estava a presidir em Cabinda, às cerimónias do 25.º aniversário da criação do Movimento Popular de Libertação de Angola, que, a 10 de Dezembro de 1977, se constituía em MPLA-Partido do Trabalho.

Eduardo dos Santos sublinhou, contudo, que as autoridades angolanas estão prontas «a qualquer momento» a discutir com o Governo americano uma «cooperação mútua e frutífera» entre os dois países. Ao mesmo tempo que denunciava o acolhimento dispensado ao dirigente da UNITA, Jonas Savimbi, durante a sua visita aos Estados Unidos, o presidente angolano disse que certos homens de negócios e cientistas americanos se opõem à política seguida pelo presidente Reagan em relação a Angola, principalmente à ajuda dada por Washington à África do Sul com o objectivo de manter «os seus interesses económicos e estratégicos».

«A invasão de grande envergadura que Angola sofreu no passado mês de Agosto» e a «ocupação de certas zonas do seu território» pela África do Sul só podia dar-se com o «assentimento dos meios mais reaccionários americanos» disse Eduardo dos Santos. Segundo ele, o atentado cometido no passado dia 30 de Novembro contra a refinaria de Luanda por um comando sul-africano e a tentativa de golpe de Estado «comanditada» pela África do Sul, demonstram bem o «carácter criminoso» do regime sul-africano.

A África do Sul tenta «impedir a reconstrução económica e social dos países vizinhos» utilizando «grupos fantoches» e intervindo directamente com as suas forças armadas, ou utilizando mercenários, afirmou ainda o presidente angolano.

Pretória procura também defender os mercados para os seus próprios produtos, tentando manter os países vizinhos num estado de dependência, acrescentou o presidente, referindo-se aos diversos atentados, tanto em Moçambique como em Angola ou na Zâmbia, visando principalmente objectivos económicos como os caminhos-de-ferro.

Mas Eduardo dos Santos denunciou sobretudo a ocupação ilegal da Namíbia pela África do Sul que utiliza «esse território como base principal para as suas agressões contra a RPA e a Zâmbia», sem que essa situação suscite um «protesto enérgico da parte dos países ocidentais».

Americanos satisfeitos com Savimbi

Depois da audiência concedida por Alexander Haig, secretário de Estado norte-americano, ao chefe da organização terrorista UNITA, Jonas Savimbi, e clarificando as relações de cumplicidade que os EUA mantêm com aquela organização, Savimbi teve direito a conferência de Imprensa em Washington.

Antes, porém, um responsável do Departamento de Estado, que recusou identificar-se, reiterou: «O Governo dos EUA considera a UNITA como força política legítima de Angola». Disse ainda que o seu país tenciona discutir com Luanda a retirada dos soldados cubanos. Manifestou, por outro lado, o seu regozijo pela vontade de dialogar que, segundo ele, Jonas manifestou. Mais disse que o diálogo UNITA – MPLA deveria preceder a retirada das tropas cubanas.

Na sua conferência de Imprensa, Jonas Savimbi disse que não foi a Washington pedir auxílio material e que, por isso, ninguém lho ofereceu. Acrescentou terem-lhe prometido apenas «prosseguir as consultas connosco, acerca das questões da Namíbia e de Angola».

Quanto à Namíbia, Jonas manifestou a opinião de que, se a SWAPO vier a governar a antiga colónia alemã, não existiriam problemas para a região, desde que os cubanos retirassem de Angola.

Recorda-se que a África do Sul tudo tem feito para esmagar a SWAPO, chegando já por mais de uma vez a anunciar que tinha aniquilado aquele movimento nacionalista.

Eleição do secretário geral da ONU

Depois do impasse surgem novos candidatos

Javier Perez de Cuellar e Sadruddin Aga Khan são os candidatos com mais possibilidades de serem eleitos para o cargo de secretário-geral da ONU. Esta é a opinião generalizada em diversos sectores da organização.

O peruano Perez de Cuellar, que até há poucos meses foi secretário-geral adjunto das Nações Unidas para assuntos políticos, não deverá tropeçar em qualquer veto, consistindo a única dúvida em saber se conseguirá obter os votos necessários no grupo de nove candidatos, cinco dos quais ibero-americanos.

Quanto ao príncipe Aga Khan, que goza também de grande prestígio e foi alto comissário da ONU para os refugiados, parece contar com forte apoio da França e de outros países europeus e asiáticos, mas prevê-se que seja vetado pela União Soviética.

A terceira corrente de opinião é que nenhum dos nove candidatos inscritos, três dos quais se propuseram a si próprios, será eleito – a maioria por falta de votos e os restantes pelo exercício do direito de veto.

Nessa circunstância, possivelmente abrir-se-á a porta a outros candidatos ou tentar-se-á o prorrogamento do mandato de Kurt Waldheim.

Dos cinco pré-candidatos que condicionaram a sua aspiração à retirada dos dois primeiros – Kurt Waldheim e Salim Salim – crê-se que o embaixador argentino em Londres, Carlos Sortiz de Rozas, seria vetado pelos soviéticos, como aconteceu em 1970.

Também poderia ser vetada pela União Soviética a candidatura do secretário-geral da comunidade britânica, Shriddath Ramphal, enquanto a China poderia vetar a do ministro panamiano dos Negócios Estrangeiros, Jorge Illueca, pelo facto de o Panamá manter relações com Taiwan e não as ter com Pequim.

Relativamente às quatro candidaturas que surgiram à última hora, antes de terminar o prazo de inscrição, comenta-se que ou são pouco conhecidos ou são conhecidos em demasia no âmbito internacional.

A candidatura do ex-presidente equatoriano, Carlos Júlio Arosemena Monroy (1962/63) foi apresentada pelo embaixador Miguel A. Albornoz, enquanto o embaixador maurício, Radha Krishna Ramphul, e o colombiano Santiago Quijano Caballero e o filipino Rafael M. Salas (altos funcionários da ONU) nomearam-se a si próprios para disputarem o lugar.

Considera-se que estes nomes desaparecerão rapidamente da cena quando hoje o presidente do conselho, o ugandês Olara Otunnu, consultar a opinião dos representantes dos 15 países membros sobre quais dos nove aspirantes tem possibilidades reais para que os seus nomes sejam submetidos a votação formal.

No caso de nenhum desses ser eleito em uma ou duas votações, por não conseguirem nove votos favoráveis e nenhum contra dos membros permanentes (Estados Unidos, União Soviética, China, França e Grã-Bretanha), Otunnu perguntará aos seus colegas se deve dar-se novo prazo para a inscrição de outra série de candidatos ou negociar-se alguma saída extra-eleitoral para ultrapassar o impasse.

A estratégia de Reagan para a América Latina

Se o leitor não acredita em bruxas, passará a ter certeza de que elas existem, quando tomar conhecimento do «Documento de Santa Fé», parcialmente transcrito na revista «Cadernos do Terceiro Mundo», no número de Novembro passado. Já tivemos oportunidade de fazer várias referências a esse documento nas nossas páginas, mas tudo quanto se tenha dito não é nada. É preciso ler para crer.

HOJE
na RTP·1
TEMPO DE ANTENA
CGTP-IN
depois do telejornal
IMPORTANTE COMUNICAÇÃO
AOS TRABALHADORES
SOBRE A SITUAÇÃO LABORAL
E POLITICA

SINDICATO DOS PROFESSORES DA ZONA SUL

CONVOCATÓRIA

A Direcção do SPZS convoca todos os professores da Zona Sul, ao abrigo da Lei Sindical, para os seguintes plenários:

DIA 14 DE DEZEMBRO DE 1981
PELAS 16 HORAS

Beja — Liceu de Beja
Aljustrel — Ciclo Preparatório
Moura — Escola Secundária
Portalegre — Escola Secundária S. Lourenço
Elvas — Escola Secundária
Ponte de Sor — Escola Secundária
Faro — Escola Secundária João de Deus
Portimão — Escola Secundária António Aleixo
Vila Real de St.º António — Escola Secundária
Évora — Escola Secundária Gabriel Pereira
Estremoz — Escola Secundária

Ordem de Trabalhos:
1. Informações;
2. Processo reivindicativo dos Professores e F. Pública;
3. Concretização das formas de luta propostas.

Beja, 4 de Dezembro de 1981
P'A DIRECÇÃO
Manuel Pinho
(Coordenador Geral)

Associação dos Inquilinos Lisbonenses

(SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

AV. ALMIRANTES REIS, 12
— Tel. 53 60 70/57 32 14 LISBOA-1

GRANDE MANIFESTAÇÃO DIA 12 (SÁBADO)

CONVOCATÓRIA

Convidam-se todos os sócios da A.I.L. a incorporarem-se na grande manifestação unitária do dia 12 (sábado) sendo o local de concentração no Marquês de Pombal (junto ao Hotel Fénix).

Esta é uma manifestação de repúdio pela política do actual Governo, nomeadamente, contra a legislação sobre habitação recentemente anunciada.

O Governo desrespeita a Constituição. A não alterar a sua política o Governo deve ir para a rua.

PELO DIREITO À HABITAÇÃO
CONTRA A POLÍTICA DO GOVERNO
BALSEMÃO/AMARAL
A LUTA CONTINUA
Lisboa, 10 de Dezembro de 1981.
O PRESIDENTE DA AIL,
Armando Barrosa

Bangladesh: a democracia à prova

I — O exército de prevenção

☐ Patrick Francés ■ Le Monde

As populações do Bangladesh foram convidadas a designar no dia 15 de Novembro um sucessor para o presidente Ziaur Rahman, assassinado no dia 30 de Maio passado no decurso de uma rebelião militar. No essencial o escrutínio atirou para a luta Abdus Sattar que assegura o exercício do poder desde essa altura e Kamal Hossain, candidato da liga Awami (formação de Mujibur Rahman, chefe de Estado, igualmente assassinado em 1975) que desenvolveu uma campanha corajosa.

No entanto, o exército, minado por sucessivas purgas, mantém-se de prevenção.

NÃO seriam menos de oitenta e três a lutar, em fins de Setembro, pela sucessão do presidente Ziaur Rahman. A comissão eleitoral só deveria manter setenta e dois nomes e após terem sido registadas as últimas baixas ainda ficavam trinta e oito, cerca de trinta dos quais eram desconhecidos que se iam candidatar em meados de Outubro à última etapa de eleição presidencial.

Para os que se espantam com esta confusão deve dizer-se que existem duas chaves para o problema. Primeiramente o individualismo natural do povo bengali com cerca de sessenta partidos e grupúsculos a disputarem as preferências. Por outro lado as facilidades concedidas aos candidatos: telefone, deslocações gratuitas de comboio e avião e automóvel. Para quê suscitar vocações. Resultado: o sucessor do vazio político criado pelo desaparecimento do presidente Zia.

Num país em que a violência se encontra à flor da pele (1) a campanha eleitoral desenvolveu-se com uma relativa calma tendo a oposição podido divulgar sem grandes problemas a sua mensagem por todo o país. O candidato do partido do poder, o Bangladesh Nationalist Party (B.N.P.) de Abdus Sattar que na sua qualidade de vice-presidente assegurava o exercício não deixou, no entanto, de tirar hábil partido da sua dupla tarefa misturando de forma oportuna o exercício das suas funções oficiais e a condução de uma campanha eleitoral, o que levaria a oposição a denunciar este «aproveitamento da máquina administrativa para fins partidários».

Após a trégua constituída pelo luto de quarenta dias decretado após a morte do presidente Zia, após o ramadão, o povo bengali encontra-se actualmente metido num novo turbilhão que numa nação trabalhada em profundidade por forças de divisão abre para este país um período dos mais perigosos. Assim, a batalha eleitoral terá sido vista por muitos como uma verdadeira caixa de Pandora donde poderiam sair, a qualquer momento, uma nova intervenção militar e a instauração da lei marcial. Suspensa tal como uma espada de Dâmocles, por cima da classe política bengali, a hipótese de um exército que interrompesse brutalmente o processo democrático desenvolvido em Junho, sem ser evocada abertamente, não tem, no entanto, deixado de inquietar os espíritos.

Militares neutros mas frustrados

É portanto forçoso reconhecer que o exército, sob a orientação do general Ershad, parece hoje em dia mais que reticente em intervir abertamente nos assuntos de um país em que o seu empenhamento passado lhe valeu, é uma realidade, mais dissabores que prestígio. «A lei marcial já não constitui solução» declarou o chefe de estado-maior, favorável, segundo parece a um «regresso às origens».

«As forças armadas, insistiu, devem ser mantidas à margem do jogo político a fim de se poderem dedicar à sua tarefa essencial: a defesa da nação».

Resta ainda acrescentar que uma vez anunciada a posição de princípio segundo a qual nestas eleições «o exército deve manter-se absolutamente neutro» (2) a constatação de um acusador «em seis anos, dois presidentes foram assassinados por militares. Como podemos evitar que isto não se repita?» Uma interrogação que, na boca do general Ershad, se reveste de uma dimensão de verdadeira obsessão. A solução? Dar ao exército, por intermédio da constituição (3) um papel no seio das próprias instituições? Inspirar-se no modelo turco ou no indonésio?

O general Ershad reconhece que, num país em vias de desenvolvimento, o exército desempenha um papel especial, admite ter ponderado nestes exemplos estrangeiros mas considera-os, contudo, inadequados a um país tão «inconstante» onde «o povo é tão politizado». Tendo observado de seguida que se o exército participava ainda na administração do país, se tinha a sensação de estar dentro dos assuntos, isso evitaria talvez que existisse no seu seio um sentimento de «frustração».

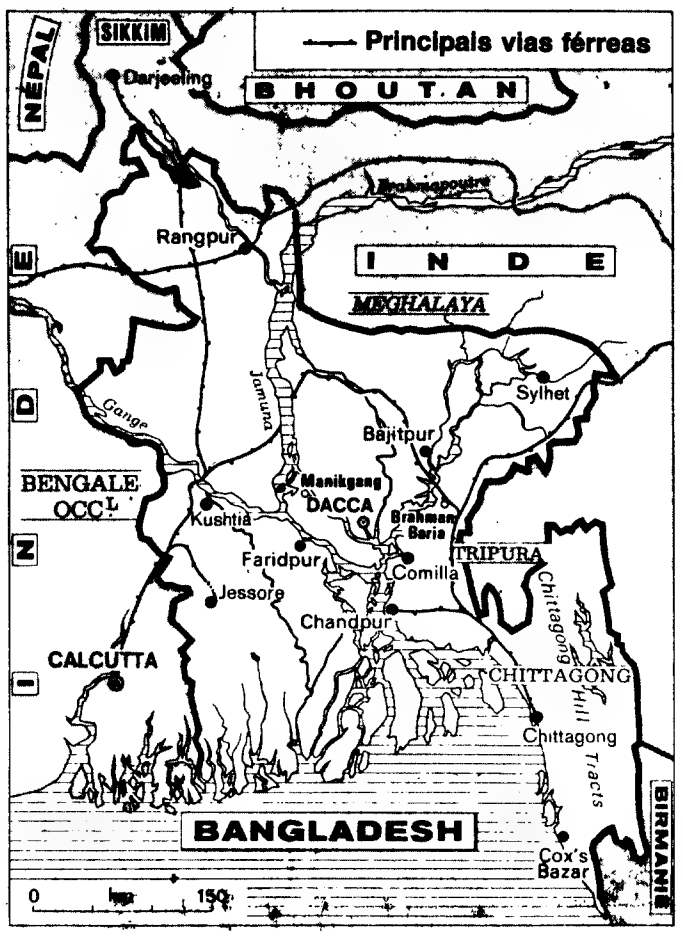
«As instituições actuais foram aprovadas pelo povo e é ao povo que compete decidir» acrescentará o chefe de estado-maior que diria finalmente: «Actualmente a atenção está dominada pelas eleições mas amanhã competirá aos dirigentes eleitos encontrar uma solução que impeça o exército de intervir brutalmente no processo político. Virá o dia em que teremos de nos sentar em volta de uma mesa para discutir. Nesse dia teremos sugestões a fazer. Pelo meu lado estou pronto a tomar a iniciativa deste diálogo, a dirigir-me ao próximo presidente».

Propósito de «abertura» proveniente de um homem que impressiona pela calma que aparenta, a sua prudência, a segurança de si próprio. Propósitos lúcidos e realistas de um homem que dirige uma instituição com um número de efectivos relativamente modestos (cerca de 100 000 homens) mas martirizada por lutas de facções e divisões entre militares repatriados do Paquistão e combatentes da guerra de libertação (os freedom fighters) cujo papel e influência não deixaram, após a independência, de serem atacados. «Uma doença nacional» tal como qualificou em Agosto último, estas «fricções». «Estes germens de desunião, previu na altura, foram semeados e são ainda cultivados pelos políticos que acreditam na violência e na agitação». Segundo ele «não pode haver categorias de cidadãos». É certo que «os freedom fighters merecem respeito e reconhecimento mas não podem pretender ter um estatuto particular». «Tendo esperado bastante só poderiam ficar enganados mas, segundo crê, a sua frustração dissipa-se gradualmente».

Um candidato idoso

Propósitos relativamente optimistas se se tiver em consideração informações diversificadas, ao contrário, de uma séria deterioração das relações entre oficiais e soldados. É verdade que os recentes processos do tribunal militar de Chitagong, respeitantes aos oficiais acusados de estarem amotinados contra o presidente Zia não terão contribuido para melhorar o clima no seio de um exército sangrado por sucessivas purgas. Por um lado, exacerbavam de novo o antagonismo entre «repatriados» e «freedom fighters» pertencendo a maior parte dos acusados a esta última categoria. Por outro lado suscitava entre as bases um tal descontentamento que o exército, segundo calculam os observadores, veio a ser afectado por uma crise ainda maior. Na origem desta viva reacção o relatório da execução dos doze oficiais condenados à morte pelo tribunal militar em consequência de recursos apresentados junto das jurisdições civis. Subterfúgios que não podiam deixar de revelar a base que nestes últimos anos tinha visto as suas fileiras dizimadas por execuções sumárias em seguida a levantamentos abortados, nomeadamente em 1975, em Junho de 1976 e em Outubro de 1977.

É fácil imaginar que a agitação tenha sido considerável nas casernas dado que o general Ershad decidiu endereçar no dia 7 de Setembro a todos os comandantes de guarnição uma carta destinada a ser lida perante os soldados e na qual ele afirmava nomeadamente que «os apelos introduzidos eram inaceitáveis e constituíam uma ameaça à disciplina das forças armadas». «As sentenças apresentadas pelo tribunal militar serão executadas», afirmava em conclusão. Viriam a concretizar-se a 23 de Setembro (o Supremo Tribunal tinha-se declarado incompetente) o que devia provocar uma curta escalada de violência no país.



Homem-chave, senão mesmo, a partir de agora, o «homem-forte» do Bangladesh, o general Ershad, de cinqüenta e um anos a que não se atribuíam ambições políticas, surgiu-nos um dia um pouco diferente. Com efeito parece manter-se com mais ou menos convicção na linha que foi fixada a partir de 30 de Maio último – respeito pelo processo constitucional – mas não afastou a eventualidade de uma carreira política se a ocasião ou a necessidade se fizessem sentir e se houvesse o sentimento de poder servir assim o país.

Entretanto, parece que desempenhou um papel determinante na decisão do vice-presidente de se apresentar às eleições, o qual invocando a sua má saúde, tinha afastado a possibilidade após o desaparecimento do presidente Zia. «Tentámos tudo para o persuadir», de que devia reconhecer o general Ershad, manifestamente preocupado na altura em preservar a unidade fortemente ameaçada pelo partido do poder e que poderia ter contribuído para aumentar a instabilidade no país. «O exército tem um papel vital a desempenhar no que respeita à estabilidade da nação», declarou.

A designação de Sattar permite ao B.N.P. defrontar com uma certa coesão um escrutínio difícil. Mas a sua avançada idade – setenta e cinco anos – e a sua precária saúde suscitam algumas inquietações no próprio seio dos seus defensores. Se Sattar vier a desaparecer antes do fim do seu mandato de cinco anos e o país se encontrar de novo exposto à febre eleitoral. «É uma grave lacuna da Constituição que será necessário um dia remediar, adoptando por exemplo um sistema de vice-presidente à americana (4)», reconhece o general Ershad.

Números inquietantes

Essa não é, no entanto, infelizmente, a única incerteza que pesa sobre o futuro de um país onde a inflação reduz o poder de compra – poder de sobreviver para ser mais exacto – de uma população de cerca de 93 milhões de habitantes 85% dos quais vivem abaixo do nível de probreza tal como foi definido pelas organizações internacionais.

Os números que inquietam as noites do ministro do Plano, Fasiuddin Mahatab, a que no decurso da entrevista que concedeu acrescentou outros, meticulosamente, sobre um bloco de notas como que para nos convencer melhor. «Se se acreditar nas previsões do Banco Mundial, o Bangladesh contará com cerca de 130 milhões de habitantes no ano 2000, época em que a sua mão-de-obra se elevará a cerca de 50 milhões. Como conseguiremos nós alimentar uma tal população, criar o número de empregos necessários, nessa altura, se neste momento nós não nos mostramos capazes? Para que serve, confessa, fazer-vos passar noites em claro.»

Lembramo-nos então do julgamento realizado um dia por um perito internacional. «O futuro deste país parece-nos aterrorizador». E recordamo-nos de outros números surgidos aqui e ali: um rendimento anual por habitante de 90 dólares em 1979, uma população em que cerca de metade tem menos de quinze anos e que duplica de vinte e cinco em vinte cinco anos uma taxa de alfabetização que atinge apenas 10%.

Perante esta situação, o ministro do Plano defende propósitos corajosos. «É necessário acabar com o «bluff» político que consiste em manter as pessoas no paraíso da ignorância.

Actualmente é um imperativo dizer a verdade.» Isto, no entanto, não é nada fácil em período eleitoral. Sobretudo numa altura em que a realidade actual no Bangladesh é constituída pelos indicadores económicos cada vez mais inquietantes. Um défice massivo da balança de pagamentos, reservas de divisas que não chegam a atingir os 150 milhões de dólares, ou seja cerca de trinta dias de importações. Um défice da balança comercial superior a 1,5 biliões de dólares, em 1980-1981 e que poderia atingir 2 biliões em 1981-1982. Uma factura petrolífera que representa entre 60% e 70% dos rendimentos das exportações. O próximo governo seja ele qual for terá de tomar medidas draconianas, sem o que, por exemplo a inflação atingiria rapidamente 20% ou 25% e tornar-se-ia incontrolável. «O Bangladesh, comenta um observador estrangeiro, correria o risco de conhecer então uma situação explosiva.» E o espectro de uma intervenção militar reapareceria imediatamente. Não é de admirar que em face de um futuro tão inquietante, os dois principais candidatos em presença se agarrem às recordações dos dois grandes dirigentes que o país conheceu desde a sua independência: Mujibur Rahman e Ziaur Rahman.

---

(1) Mais de 23 000 pessoas teriam sido assassinadas desde a independência e teriam sido cometidos 185 assassinatos políticos no decurso dos seis primeiros meses do ano.

(2) Uma afirmação um tanto ou quanto contrariada pelas declarações que devia fazer o general Ershad na revista «Holiday», segundo as quais a derrota do partido no poder traria a desordem e uma crise política ainda maior. Propósitos que deveria atenuar, em seguida, afirmando que o exército respeitaria o veredicto das urnas, fosse ele qual fosse.

(3) Uma fórmula a qual, os dirigentes da liga Awami, a principal formação da oposição nos declararam ser completamente opositores, calculando que o exército se devia manter na função que lhe pertence: defender o país.

(4) Na Constituição actual o vice-presidente assegura o exercício interino e as eleições têm de ser organizadas dentro dos cento e oitenta dias após o desaparecimento do chefe de Estado. ■

Aspectos das concentrações ontem à tarde realizadas pelos representantes dos trabalhadoes do Metropolitano e da RN

Para a semana

"Metro" vai estar parado três dias

Os trabalhadores do Metropolitano decidiram paralisar três dias na próxima semana (16, 17 e 18) para obrigar o conselho de gerência (CG) da empresa a negociar a revisão das tabelas salariais.

A greve, decidida em plenário ontem realizado nas instalações da empresa, tem início à uma e trinta de quarta-feira (dia 16) e termina à mesma hora de sábado (dia 19).

Um porta-voz sindical declarou que os trabalhadores pretendem que o CG inicie a revisão das tabelas e só depois do enquadramento profissional. Luís Filipe, dirigente da Federação dos Rodoviários, disse que a intenção do CG é «ganhar tempo no sentido de fazer com que o poder de compra dos trabalhadores se agrave cada vez mais, visto a tabela salarial já vigorar há 14 meses».

«Os sindicatos – sublinha a mesma fonte – responsabilizam desde já o CG e o Governo pelo agravamento das formas de luta, que sempre causa incómodos aos utentes».

Após o plenário centenas de trabalhadores do «Metro» concentraram-se frente ao edifício da administração onde aprovaram uma moção e pediram a demissão do presidente do conselho de gerência.

No local encontravam-se igualmente representantes dos trabalhadores da Rodoviária Nacional que duas horas antes se tinham concentrado junto ao edifício da gerência da empresa para protestar, entre outros aspectos, contra a «política de desmantelamento da RN e contra a reprivatização dos sectores mais lucrativos da empresa».

Uma das palavras de ordem mais gritadas nas duas concentrações referia «Metro e RN unidos na mesma luta».

A paralisação de três dias abrange todos os sectores da empresa, embora em dias diferentes – no primeiro dia para o sector de movimento, no segundo o sector eléctrico e no terceiro a assistência e escritórios.

Esta é a oitava e a maior paralisação registada na empresa desde 1974.

Em fevereiro daquele ano registou-se uma greve de dois dias que, no entanto, não afectou a criculação das composições, abrangendo apenas as oficinas.

Em Maio de 1974 os comboios estiveram parados durante 12 horas e a terceira paralisação só se verificou cerca de cinco anos depois, em 1979, e durou seis horas.

Em 1980 registaram-se duas paralisações – seis horas em 12 de Novembro e oito horas, nove dias depois.

Em Janeiro de 1981 foi desconvocada, à última hora, uma greve de 24 horas mas a empresa paralisou um dia em 18 de Novembro último.

Posteriormente registou-se nova paralisação, de dois dias, nas últimas quinta e sexta-feiras.

O Metropolitano de Lisboa emprega actualmente cerca de 1500 trabalhadores.

Covina e bancários

O pessoal da Covina também se encontrou ontem à tarde em frente ao Instituto de Participações do Estado (IPE), exigindo a manutenção dos postos de trabalho na empresa.

Os trabalhadores bancários, por seu turno, concentraram-se ao fim da manhã de hoje na Rua do Ouro, em frente à sede do Banco Totta & Açores, a fim de protestarem contra a suspensão, por seis meses, do trabalhador Francisco Patrício, membro do secretariado da secção sindical do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas do BTA.

Manif's de amanhã

Trabalhadores descem à rua para pôr em causa política AD

Realizam-se amanhã em mais de 40 localidades do país manifestações convocadas por centenas de organizações sindicais que corresponderam assim à mobilização proposta na reunião do Secretariado Nacional da CGTP, do passado dia 4 de Novembro.

Precedidas de uma grande mobilização popular a que as medidas governamentais recentemente anunciadas deram ainda mais razão, as manifestações têm como principal objectivo a luta contra o aumento do custo de vida, contra a aplicação do pacote laboral (contratos a prazo e lei dos despedimentos) contra os perigos de uma revisão constitucional que não salvaguarde os direitos dos trabalhadores e a continuação do Estado democrático, contra as armas nucleares e pelo desarmamento. No entanto, tudo aponta para que a exigência da demissão do Governo venha a ser a palavra de ordem central da manifestação.

Efectivamente nunca depois do 25 de Abril, um Governo foi tão contestado nem as formas de luta adoptadas tiveram um carácter tão intenso nem tão generalizado. Não será, por exemplo, a greve em curso na Televisão uma prova disso?

O Executivo Balsemão está a fazer uma política de ataque frontal contra os direitos mais elementares dos trabalhadores. O direito ao trabalho, à contratação colectiva, à saúde e assistência social e ao ensino estão a ser perigosamente postos em causa. Até um dirigente da UGT afirmava recentemente que «quando o Governo mete a mão nos bolsos dos trabalhadores estes reagem, mesmo quando votaram nele». O que se constata, é que apesar de muitas das lutas serem pela concretização de reivindicações salariais, assiste-se a um crescendo de contestação a toda uma política global que ultrapassa meras reivindicações de circunstância. A consciencialização do perigo que este Governo representa para a democracia aumenta na razão directa das medidas antipopulares que este quase diariamente anuncia. «Por tudo isto, afirmam os organizadores da manifestação de amanhã, a luta não vai parar, mas será um poderoso contributo para correr com a AD da área do poder».

Amanhã, por todo o País, será mais uma jornada de luta. A CGTP enviou convites a todas as organizações representativas dos trabalhadores, mesmo filiados na UGT (excluindo os sindicatos paralelos) para participarem na manifestação. A unidade é possível e urgente.

Nova greve no sector químico

Os trabalhadores da Indústria Química vão paralisar nos próximos dias 17 e 18, a fim de pressionar as entidades patronais a aceitarem as reivindicações, de acordo com uma fonte sindical.

Esta é a terceira paralisação cumprida este ano pelos trabalhadores do sector. As duas anteriores registaram-se no dia 29 de Outubro (24 horas) e 24, 25, 26 e 27 de Novembro (duas horas por turno), como forma de conseguir o início das negociações para o novo contrato colectivo de trabalho vertical.

A Federação dos Sindicatos da Química e Farmacêutica exige um aumento de 31 por cento sobre os mínimos contratuais e o alargamento de três para seis do número de tabelas sobre dimensionamento das empresas.

As entidades patronais recusam qualquer alteração ao actual esquema de tabelas e contrapõe em aumentos de 22 por cento.

A paralisação, no sector norte, tem início às seis horas do dia 17 e termina às oito do dia 18.

Nos sectores Centro e Sul cada trabalhador paralisará nas três últimas horas do período de trabalho nos dias 17, 18 e 19.

Greve da Tabaqueira cumprida a 100 por cento

A greve ontem observada pelos trabalhadores da Tabaqueira, segundo uma informação sindical, registou uma adesão que rondou os 100 por cento.

De acordo com a mesma fonte, o trabalho fabril paralisou totalmente na empresa, contando-se as não adesões «apenas entre alguns trabalhadores administrativos».

Os trabalhadores da Tabaqueira, que desde segunda-feira se recusam a fazer horas extraordinárias, visaram com esta greve pressionar a administração no sentido de acelerar as negociações da tabela salarial.

Têxteis

Ontem os trabalhadores têxteis cumpriram uma greve nacional de 24 horas, com uma adesão que os dirigentes da Federação Nacional dos Sindicatos do sector consideraram satisfatória.

Devido ao elevado número de empresas têxteis, a Federação apenas dispõe de dados concretos relativos à zona da Covilhã, onde a adesão à paralisação se situou entre os 80 e os 100 por cento.

O movimento grevista dos cerca de 250 mil trabalhadores têxteis iniciou-se em 15 de Outubro, em reivindicação de aumentos salariais de 38 por cento, subsídio de alimentação de 70 escudos diários, redução progressiva do horário de trabalho e manutenção de regalias existentes na classe.

Portuários

A greve às horas extraordinárias ontem iniciada pelos trabalhadores portuários que reduziu o volume das cargas e descargas em 60 por cento, regista uma adesão de 100 por cento, segundo indicam fontes sindicais. Em princípio esta situação manter-se-á por tempo indeterminado.

Entretanto, no porto de Sines, a paralisação foi total e por um período de 24 horas.

Os trabalhadores portuários do sector de cargas e descargas pretendem com a greve, que o Governo cumpra as promessas já feitas pelo secretário de Estado dos Transportes Exteriores, no sentido de serem alargados aos trabalhadores de Sines as regalias de que o resto do sector já beneficia.

Endima

Os cerca de 60 trabalhadores da Endima, empresa de comercialização de máquinas de costura e de variada gama de electrodomésticos, com postos de venda em Lisboa e Setúbal, estão hoje e amanhã paralisados, por considerarem que os seus postos de trabalho «estão em perigo», devido «à má gestão das sucessivas administrações». A actual situação da empresa cifra-se em 140 mil contos de dívidas a fornecedores, Previdência, Estado e trabalhadores.

CELBI

A comissão negociadora sindical da Celbi (empresa de celulose da Figueira da Foz) desconvocou a greve de 24 horas que deveria ter sido cumprida ontem por a administração ter garantido que não porá em causa os direitos dos trabalhadores. Uma fonte sindical informa que a administração comprometeu-se a negociar até ao final do corrente mês a nova tabela salarial e as cláusulas de expressão pecuniária, que entrarão em vigor a 1 de Janeiro de 1982.

Trabalhadores da limpeza

O Sindicato dos Trabalhadores dos Serviços de Limpeza decidiu suspender «sine die» as greves previstas para o sector, em virtude de, segundo um porta-voz sindical, as entidades patronais «terem apresentado uma contraproposta vantajosa». O Sindicato havia decretado uma semana de greves sectoriais a nível nacional, com início a 9 do corrente, lutando por aumentos salariais, de 24 por cento para os cerca de oito mil trabalhadores do sector.

PRACISTAS

Precisa, em todo o País, grande empresa do sector alimentar — indústria de carnes —. Exige-se experiência, boas referências e carta de condução. Oferecem-se boas condições e entrada em Janeiro/82.

Resposta ao n.º 5114

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE ALHOS VEDROS
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA
CONVOCATÓRIA

CONVOCAM-SE TODOS OS ASSOCIADOS DA INSTITUIÇÃO A ESTAREM PRESENTES NA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA A REALIZAR NO PRÓXIMO DIA 16/DEZ./81 — Quarta-feira — PELAS 21 H. NO SALÃO DE CONVÍVIO DOS IDOSOS.

ORDEM DE TRABALHOS:
PONTO ÚNICO: — ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O TRIÉNIO — 1982/1984.

O PRESIDENTE DA MESA DA A. G. L
CARLOS JORGE OLIVEIRA

"Dezembro negro" para a SNAPA

Frota praticamente imobilizada e quatro navios arrestados em África

É uma vergonha: ter seis navios de pesca imobilizados por falta de verbas (e aqui o peixe mais caro, mais inacessível, já só ao alcance das melhores bolsas) não lembra ao diabo, que pareçe escolher Governo.

Desses seis navios, quatro foram arrestados por dívidas na África do Sul, dois da SNAPA e os outros da Companhia Portuguesa de Pesca, mas igualmente ao serviço da Sociedade Nacional Armadora da Pesca do Arrrasto (SNAPA). Além destes quatro arrestados há mais dois: esses imobilizados – por falta de fundos. Isto é: toda a frota da SNAPA que actuava na África do Sul se encontra imobilizada. E não se julgue que há pouco tempo: não é assim há tão pouco tempo como possa constar. E já há vários meses.

Afinal, que Conselho de Gerência tem a SNAPA? Que País é este? Que Governo é este que para desnacionalizar a PRESCRUL e para deixar a pesca nas mãos dos tubarões, satisfazendo assim capricho de Cabido de Ataíde (o tal do preto no branco que o secretário de Estado das Pescas após no acordo de Madrid), estende os seus «tentáculos» à imobilização na África do Sul, não se contentando com estas coisinhas à beira da porta?

Estas perguntas colocam-nas os membros da Comissão de Trabalhadores da SNAPA, porventura, face a toda esta odisseia, que é contada por um dos membros nestes termos: os quatro navios – «Almourol», «Altair», «Nova Fé» e «São Nicolau» – estão sob arresto provisório há dois meses e, até agora, tinha sido evitado o arresto definitivo mediante o pagamento de algumas dívidas. O prazo para efectuar nova amortização da dívida expirava a 7 de Dezembro. Para evitar a venda dos barcos em hasta pública a SNAPA teria agora de liquidar a totalidade das dívidas, que ascendem a 140 mil contos.

A situação da SNAPA é caótica, resultante da deficiente gestão entretanto aplicada. Essas falhas são agora mais evidentes, porque não é por acaso que há pessoas (responsáveis) interessadas na nossa ruína piscatória. Dispõe a SNAPA – como íamos dizendo – de 19 barcos de pesca, incluindo os dois fretados à CPP, mas apenas três unidades continuam a pescar, encontrando-se seis imobilizados na África do Sul, e os outros dois parados em portos portugueses.

Os seis navios que operavam na África do Sul são os de maior tonelagem, representando o peixe por eles capturado 80 por cento da capacidade de captura de toda a frota da SNAPA. Bons velhos tempos, sem dúvida: para nós, que tínhamos mais peixe; para a empresa, que via mais fundos. O actual momento é delicadíssimo para a SNAPA, pois encontra-se em situação económica difícil. Com este «rombo» de agora, a situação piorou.

Portugal quer conhecer a sua ZEE

Novo navio de investigação entra ao serviço em 1982

Actualmente em construção no arsenal do Alfeite, o navio de estudos «Raia» deverá ser aparelhado e entrar ao serviço até fins de 1982. Aquela unidade destina-se à cobertura da zona económica exclusiva, ZEE, e terá uma acção preponderante em termos de investigação do mar, e não só, mas também na concretização de programas de cooperação internacional em que Portugal está comprometido, com especial relevo para a cooperação com os países africanos de expressão oficial portuguesa.

A informação é da ANOP, que a colheu junto do comandante José Cabido de Ataíde, director-geral do Instituto Nacional de Investigação das Pescas. Disse aquele responsável que a entrada ao serviço da nova unidade é a única forma de Portugal cobrir a sua zona marítima eficazmente, mas que os programas a cumprir dependem muito de verbas necessárias para manter e reparar os navios de estudo que já se encontram ao serviço. Aliás, o aparelhamento do «Raia» depende também do mesmo factor.

Segundo Cabido de Ataide, a nova unidade poderá constituir, no campo da cooperação internacional, uma importante fonte de receitas através da prestação de serviços. Um exemplo em que o «Raia» pode tornar-se altamente rentável: o estudo da região ibero-atlântica. Trata-se dum programa cuja coordenação está atribuída a Portugal.

Mas esta expectativa quanto ao navio que está em construçao no Alfeite não significa que as unidades que o INIP tem actualmente ao dispor não estejam a satisfazer os objectivos previstos durante o ano corrente. Estão. E tanto o «Noruega» como o «Mestre Costeiro» já cumpriram programas previamente estabelecidos com o objectivo fundamental de avaliar os recursos vivos do mar na ZEE portuguesa, especialmente a subárea número um do Continente.

O primeiro daqueles barcos, além dos trabalhos realizados em águas do continente, deu também apoio de mar à investigação em curso nas subáreas dois e três, Açores e Madeira.

O «Mestre Costeiro» operou apenas nas águas do continente e deu especial apoio à avaliação dos «stocks» de crustáceos (camarão e lagostim) e do carapau.

No dizer do director-geral, o INIP deu, em 1981, um passo em frente no arranque dum esquema apropriado no que se refere à avaliação dos recursos vivos das águas portuguesas, com a especial preocupação de manter uma ligação estreita com as actividades do Conselho Internacional para a Exploração do Mar, ICES.

E ao nível de comités de trabalho especializados desta organização internacional que se processa o estudo de alguns temas de maior interesse para a actividade do INIP, no âmbito das responsabilidades que actualmente lhe estão distribuídas, quanto à execução do acordo luso-espanhol sobre pescas.

As bases deste acordo, recentemente firmado, implicam a presença de técnicos portugueses de amostragem de pescado nos portos de Espanha onde descarregam os barcos espanhóis autorizados a pescar em águas portuguesas.

Reciprocamente, a Espanha pode colocar técnicos em portos portugueses, onde descarreguem barcos de Portugal autorizados a pescar em águas espanholas.

Visando especialmente o BPA

Bancários comunistas contra venda de posições em empresas participadas

A célula do Partido Comunista Português (PCP) no Banco Português do Atlântico (BPA) denunciou, em documento há dias distribuído a gestão «verdadeiramente ruinosa e antinacional» que se tem vindo a verificar no BPA.

Numa operação conjugada, para a célula do PCP naquele estabelecimento bancário, «o Governo AD coloca no Instituto de Participações do Estado (IPE) homens da sua total confiança, ao mesmo tempo que o Conselho de Gestão do BPA nomeia para postos-chave das empresas suas participadas, homens do CDS e do PSD e da confiança dos Cupertinos e Melos».

O documento, depois de considerar que o Governo Balsemão, na impossibilidade constitucional de refazer a Banca privada, procura reconstituir os grandes grupos financeiros e monopolistas, assinala que «é neste contexto que se iniciam os leilões do BPA com centenas de milhões de escudos a serem dados de mão beijada a António Brandão Miranda, Cupertino de Miranda, Fernandes de Magalhães, Melos e seus familiares».

Prossegue dizendo que «com o envolvimento directo de homens como João dos Santos Oliveira e Jardim Gonçalves, respectivamente vice-presidente e presidente do Conselho de Gestão, do BPA, são entregues aos referidos monopolistas empresas rentáveis dos ramos têxtil, metalomecânico e outros».

A terminar, a célula do PCP no BPA alerta para a gravidade da situação e responsabiliza o Conselho de Gestão para as «manobras em curso que lesam o País em milhares de contos e poem em perigo muitos postos de trabalho».

●●●

FUNCIONAMENTO DAS EMPRESAS PÚBLICAS é o tema do colóquio a realizar no próximo dia 15, terça-feira, em Lisboa, no Hotel Penta. Promovido pelo Centro de Estudos de Economia Pública e Social (CEEPS). O colóquio conta com a participação de vários especialistas, entre os quais Silva Lopes, que apresenta uma comunicação, e Costa Leal e Moura Vicente, que moderam as sessões da manhã e da tarde.

O CEEPS é uma associação de empresas e institutos públicos de cooperativas e pessoas singulares, que iniciou a sua actividade em meados do ano passado e promove, sem fins lucrativos, a investigação científica e técnica bem como a respectiva difusão nos domínios da economia pública e social.

Os organizadores do colóquio sublinharam na nota informativa a propósito distribuída, que **o financiamento às empresas públicas é um problema central da actual conjuntura económica, em que as limitações orçamentais anunciadas para 1982 prenunciam um cenário difícil na matéria.**

●●●

UMA VÁLVULA REVOLUCIONÁRIA que permite maior segurança na utilização do gás doméstico foi recentemente apresentada à Imprensa pela MEC – Fábrica de Aparelhagem Industrial.

O novo sistema de segurança, denominado «cápsula» consiste em cravar na garrafa de gás, mal esta fica cheia, uma cápsula de borracha sintética que além de garantir a inviolabilidade e uma perfeita estanquicidade resolve os principais problemas de segurança principalmente evitando as fugas de gás, mesmo as de mais difícil detecção.

●●●

A SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS DA ECONOMIA PORTUGUESA serão analisadas pelo ministro das Finanças e do Plano, João Salgueiro, no decorrer duma conferência, a realizar no dia 17, na sede da Associação Portuguesa de Economistas.

A intervenção do ministro das Finanças insere-se no programa da «Semana da APEC», que decorrerá de 14 a 21 de Dezembro e que conta ainda com um debate sobre a formação de economistas (dia 14, às 18 horas) uma minifeira do livro de economia e gestão (dia 15) e uma conferência sobre política de crédito.

Esta última conferência, a cargo do governador do Banco de Portugal, prof. Jacinto Nunes, será seguida de intervenção do ex-governador dr. Silva Lopes e de um debate aberto aos sócios da APEC. Está marcada para as 21 horas do próximo dia 21.

●●●

OS TRABALHADORES DO CRÉDITO PREDIAL terão amanhã o seu II Encontro Nacional, durante toda a tarde, num hotel de Lisboa, para discutirem o futuro daquele banco e dos que nele trabalham.

Para além deste objectivo de base, o Encontro pretende iniciar o aprofundamento do debate urgente em torno das questões que a conjuntura política coloca aos trabalhadores bancários nomeadamente a defesa da Banca Nacionalizada e o seu futuro, a concessão de crédito e seus objectivos, a segurança de emprego e as condições de vida dos trabalhadores do sector.

Foram convidadas todas as organizações de trabalhadores do sector (direcções sindicais, comissões sindicais e de trabalhadores) e o Conselho de Gestão do Crédito Predial Português.

Depois de acabar com os "Tristar"

A Lockheed pensa nos aviões de turbo-propulsão

A decisão da Lockheed, anunciada esta semana, de suspender a sua produção de aviões «Tristar», provocou as três constatações seguintes nos meios económicos:

– O abandono da construção do «Tristar» é consequência da crise que as companhias de transportes aéreos, em especial as americanas, atravessam, vai para três anos.

– Nos Estados Unidos passam a existir apenas dois construtores de aviões comerciais de linha: «Boeing» e «MacDonnell-Douglas».

– Por último, a retirada da Lockheed do mercado dos grandes transportadores não trará grandes benefícios, para já, aos seus dois concorrentes de ontem, que também constroem grandes transportadores (trata-se do «DC-10» e do «Boeing 747»).

Desde o começo do ano corrente, a Lockheed tinha registado apenas 5 encomendas firmes do «Tristar», feitas pela TAP-Air Portugal.

As cinco unidades compradas pela TAP foram as últimas encomendas firmes de aviões «Tristar» garantidas pela Lockheed. A decisão de suspender o seu fabrico a partir de 1984 marca o fim de uma geração de aviões de longo curso

A crise que atravessam as grandes companhias de transportes aéreos, devido à subida dos preços dos carburantes, da forte concorrência a que se entregam para sobreviver – especialmente nos Estados Unidos – e da recessão mundial, traduziu-se por uma baixa das encomendas de aviões, especialmente dos longos correios.

O défice acumulado das grandes companhias americanas de transportes aéreos foi calculado oficiosamente para este ano em mais de 300 milhões de dólares, contra 432 milhões em 1980.

Agora retirada do mercado dos grandes transportadores, a Lockheed vai ver a sua produção aeronáutica comercial limitada a dois tipos de aparelhos: o avião de carga «L-100 Hércules» e o avião de negócios «Jetstar».

Mas a Lockheed mantém uma pequena esperança de reencontrar um dia um lugar mais brilhante no mercado dos aviões comerciais, graças aos seus esforços para realizar uma nova tecnologia de turbopropulsão, o «Propfan».

«Boeing» e «MacDonnell» encontram-se, assim, mais do que nunca concorrentes, mas a «Boeing» com um peso mais importante. A sua facturação o ano passado atingiu 9400 milhões de dólares, contra 6000 milhões para a «MacDonnell».

A «Boeing», que também sente a crise actual e já reduziu ligeiramente o seu pessoal, tem no entanto, neste momento um «carnet» de encomendas no valor de 16 500 milhões de dólares.

Simon Michau, da France Presse

Banco português abre escritório em Bissau

O «escritório de informações» do Banco Nacional Ultramarino em Bissau começará a funcionar em 1982, afirmou ontem o gestor do BNU Sampaio Cabral.

Autorizado pelos Governos dos dois países no princípio de 1981, este «escritório de informações» do BNU manterá um contacto directo com o Banco Nacional da Guiné-Bissau e visará o estreitamento de relações entre os agentes económicos guineenses e os bancos portugueses.

A representação do BNU não procederá, contudo, a quaisquer trocas monetárias ou cambiais.

Sampaio Cabral, que terminou uma visita de 9 dias a Bissau, anunciou como muito provável e «em bom andamento» a próxima abertura de nova linha de crédito pelo BNU ao Banco Nacional da Guiné-Bissau.

O crédito destina-se essencialmente à aquisição pela Guiné-Bissau de bens de consumo e de equipamento junto de fornecedores portugueses.

As negociações relativas ao pedido guineense de abertura de uma linha de crédito de 50 milhões de dólares serão iniciadas em Janeiro de 1982 directamente com o Banco de Portugal, provavelmente só após a realização de nova reunião da comissão mista de cooperação luso-guineense, que decorrerá igualmente em Janeiro, em Bissau ou em Bubaque.

DESPORTO

Já assinou

Agostinho continua "emigrante"

O corredor ciclista português Joaquim Agostinho regressa às lides. Com efeito, assinou ontem em Paris, um contrato de um ano, com Jean de Gribaldy, director desportivo do grupo «Sem France-Loire». Nascido em Abril de 1943, o célebre «TINO», com 39 anos, portanto, será o decano do pelotão. **Havia dois meses que eu tinha dezassete nomes na minha lista e guardava um lugar em branco para a hipótese de um acordo com Agostinho. Encontramo-nos e ele disse-me que estava na disposição de voltar ao serviço por um ano», contou Jean de Gribaldy.**

Amanhã em Algés jornadas da corrida

É já amanhã que decorre a primeira sessão das Jornadas da Corrida, uma iniciativa do Pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Oeiras e do seu vereador professor de Educação Física Melo de Carvalho. No domingo realiza-se a segunda e última sessão da interessante e útil iniciativa. As jornadas decorrem no Palácio Anjos, em Algés.

Estreias:

Álvaro e José Luís na Selecção

O lote habitual de 16 jogadores para a Selecção Nacional é já conhecido. Recorda-se, que, mais esta chamada à selecção destina-se ao encontro de carácter particular, com a Bulgária, a disputar na próxima quarta-feira, em Hsakovo.

Mas, veja-se a lista dos nomes que depois de amanhã estão obrigados a comparecer na Federação:

FC Porto: Gabriel, Simões, Lima Pereira, Romeu, Costa e Jacques. Benfica: Bento, Alves, Nené, Álvaro e José Luís. Sporting: Eurico, Oliveira e Manuel Fernandes. Vitória de Setúbal: Amaral. Sporting de Braga: Dito.

«Chicotada» conimbricense

Mais uma das chamadas «chicotadas psicológicas» operou-se no futebol lusitano, desta feita no União de Coimbra que afastou o seu treinador, Rui Rodrigues, em face dos resultados menos positivos ultimamente obtidos pelas equipas.

FC Porto e Boavista: a penhora bate à porta

FC Porto, Boavista, Rio Ave, Varzim, Leixões e Salgueiros, têm processos a correr contra si no Tribunal de Contribuições e Impostos do Porto por não pagamento de impostos dos trabalhadores que têm ao seu serviço. que ascendem a alguns milhares de contos.

Sporting, 0-Benfica, 5: Folha marcou três

Mesmo em reservas, os 5-0 apontados pelo Benfica, ontem, ao Sporting, em Alvalade, é um resultado que deixa qualquer cidadão a pensar duas vezes nos prodígios de que o futebol é capaz, muito especialmente entre nós, onde uma equipa que hoje pode ter um comportamento a nível dos clássicos solteiros e casados um dia depois pode arrancar vitórias de certa espectacularidade. Voltando ao jogo, pode dizer-se que o Benfica dominou ao longo dos 90 minutos, pese embora a fogosidade dos sportinguistas, que fizeram alinhar a sua base de gente mais jovem.

Como proeza, há tanto esperada, anotem-se os três golos introduzidos por Folha, cabendo os restantes a Padinha e Carlos Manuel. As linhas:

SPORTING: Fidalgo; Chagas, Feliciano, Zezinho e Venâncio (Paulo Jorge aos 41 m); Menezes, Júnior, Jorge Antunes e Manuel José; Chio e Dé (Augusto aos 82).

BENFICA: Botelho (Jorge no reatamento); Carlos Pereira, Frederico, Laranjeira e Pietra; Carlos Manuel I, Carlos Manuel II; César, Filipovic (Padinha, no reatamento), Paulo Campos e Folha.

Estoril: Empate em Belém

No outro encontro de Reservas da Associação de Futebol de Lisboa, Belenenses e Estoril empataram a uma bola. Alinharam assim as equipas:

BELENENSES: Jacinto João; Dama, Lima, Sérgio e Carlos Pereira; Vítor Gomes, Paulo Ferreira e Osvaldo; Américo, Baltasar e Cepeda.

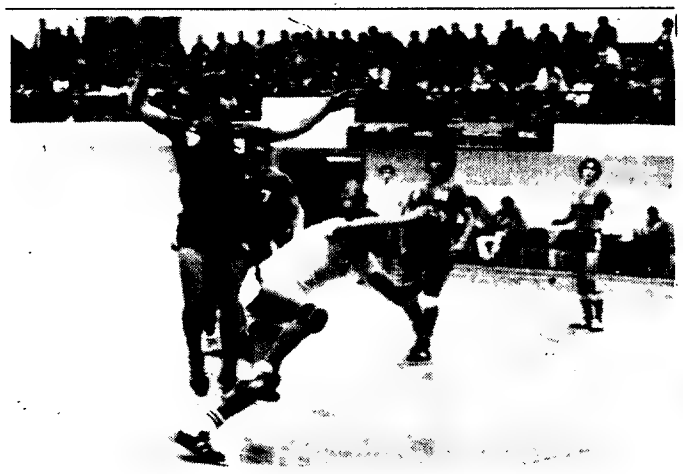
ESTORIL: Ruas; Pedro, Carvalho, Chico e Hélio II; Paulo, Condel I e Melo; Coentro Faria, Hélio I e Xavier.

Os golos pertenceram a Américo, pelo Belenenses, e a Xavier, avançado estorilista.

Jeremias Neves: «Atitude do Vitória é imoral»

Jeremias Neves, dirigente portista, considera **injusta, senão mesmo imoral, a atitude do Vitória de Guimarães,** que exige uma indemnização ao FC Porto por se sentir lesado relativamente à receita que diz ter deixado de fazer no seu campo no encontro da Taça que disputou frente ao Elvas, em virtude da transmissão, em directo, pela RTP, do encontro entre o Porto e o Benfica, a contar para a Supertaça.

Diz ainda Jeremias Neves: **não houve da nossa parte o propósito de lesar, fosse quem fosse, nem sequer foi anunciada, por isso, a transmissão em directo. Confesso-me desapontado. Em vez de um agradecimento, pelo espectáculo que porporcionámos a milhões de pessoas, mostrando-lhes algum do pouco que há de bom no futebol português, surgem a apedir-nos indemnizações.**



Uma fase do Portugal-Itália, com um jogador português a atirar à baliza contrária

Andebol "Mundial"

Campeão é do Leste

A União Soviética e Jugoslávia, únicas equipas invictas no Mundial de Andebol em Esperanças a decorrer em Portugal defrontam-se domingo na final em Gaia, arredores do Porto, às 18 horas.

A URSS, actual campeã do Mundo, terminou só com vitórias a fase de apuramento, enquanto a Jugoslávia cedeu ontem o primeiro empate (16-16 com a Checoslováquia).

A medalha de bronze do Mundial, a decorrer em 17 pavilhões de Portugal desde o dia 4, será discutida entre a Suécia e a Checoslováquia, segundas classificadas dos grupos de apuramento.

A selecção portuguesa a única que averbou por derrotas os jogos disputados joga amanhã para apuramento dos últimos lugares (15 e 16) com o Japão, equipa que foi derrotada pela Nigéria (24-23), dois dias depois de empatar com a Espanha (17-17).

Os restantes jogos de consolação são: RDA-Islândia (5.° e 6.° lugares), Dinamarca-França (7.° e 8.°), Espanha-RFA (9.° e 10.°), Suíça-Itália (11.° e 12.°) e Nigéria-Holanda (13/0 e 14/).

Resultados da última jornada da segunda fase do mundial de andebol em esperanças, ontem disputada: Grupo Um – (série dos primeiros): Jugoslávia - Checoslováquia (16-16 (7-7); RDA - Dinamarca 23-18 (12-7). Classificação: 1. Jugoslávia 3 jogos/3 vitórias/0 empates/0 derrotas/ 60-57 5 pont; 2. Checoslováquia 3/1/1/1/54-56/3; 3. RDA 3/1/0/2 64-66/2; 4. Dinamarca 3/1/0/2/54-57/2. (Série dos últimos): Suíça - Espanha 22-26 (10-13); Japão - Nigéria 22-23 (13-14). Classificação: 1. Espanha 3-2/1/0/77-59/5; 2. Suíça 3/2/0: 1/87-73/4; 3. Nigéria 3/1/0/2/72-88/2; 4. Japão 3/0/2/1/57-73/1.

Grupo dois: (Série dos primeiros) – URSS - Suécia 26-21 (15-10); Islândia - França, 29-21 (17-9); Classificação: 1. URSS 3/3/0/0/84-49/6; 2. Suécia 3/1/0/2/60-64/2; 3. Islândia 3/1/0/2/63-68/2; 4. França 3/1/0/2/53-79/2. (Série dos últimos) Portugal - Itália 23-28 (11-14); RFA - Holanda 19-18 (8-12). Classificação: 1. RFA 3/3/0/0/62-52/6; 2. Itália 3-/2/0/1/61-56/4; 3. Holanda 3-1-0-2-57-55-2; 4. Portugal 3/0/0/3/60-77/0.

Veja-se a classificação final da série onde jogou Portugal:

	J	V	E	D	G	P
1. RFA	3	3	0	0	62-52	6
2. Itália	3	2	0	1	61-56	4
3. Holanda	3	1	0	2	57-55	2
4. Portugal	3	0	0	3	60-77	0

DESPORTO

Aí vai o golo helvético: «Didi» Andrey atira, sportinguistas estão em outra galáxia

Cá está o lance: Virgílio faz grande penalidade sobre Pellegrini. Para sorte lusa, Trinchero não converteu. Foi uma espécie de compensação para a falta sobre Manuel Fernandes não assinalada pelo juiz Bogdan Dotchew

Neuchatel foi o adeus

Sporting baleado a frio

Neves de Sousa
enviado especial

Evidentemente: depois de ir por água abaixo, toda a gente procura desculpa para não saber nadar. Neste jogo do Sporting na Suíça, até se atiraram culpas para cima de um árbitro que, o mais condescendentemente possível, permitiu que continuasse no palco o defesa Barão, uma, duas, três, um ror de vezes a entrar em falta sobre contrários como se essa fosse a única incumbência para a justificação da chamada. Não se foi ao cerne da questão, aos erros próprios. Viajou-se em divagações do acaso.

Vamos (portanto) partir de uma base: o juiz bulgaro, não será o culpado de um Sporting sem ambição, tacticamente a zero, tecnicamente desaconselhado no processo a utilizar, ter dado um banho de água fria a larga fatia dos 17188 espectadores que estiveram a tornar repleto o «Maladière», quente e entusiasta sempre que os portugueses estavam com a bola, gelado e amorfo logo que os pacatos e tranquilos helvéticos agarravam na esferinha e (mesmo sem terem no horizonte as duas centenas de contos que poderiam ser motivação para o impulso decisivo) atiravam para a valeta uma congeminação estratégica que só lembrava ao gato.

Ou a Allison.

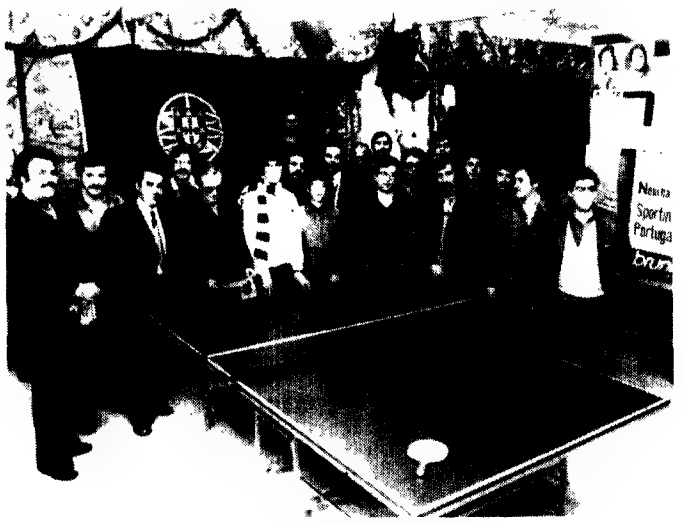
●

Felizmente que todos os directos interessados tiveram ensejo de ver (RTP), escutar (quatro estações de Rádio) ou já ter lido as primeiras frases dos 22 enviados da Comunicação Social não comprometidos com a defesa intransigente da sua dama: o Sporting, abdicando do poder de ataque pelo ostracismo voluntário a que se condenou Jordão, atirando para cima dos ombros de Freire toda a hipótese de disparo fatal, pegando em Manuel Fernandes e não o deixando actuar lá adiante (na frontaria) e, para cúmulo, entrando com ror de **backes** quando precisava de conseguir um golo imediato, foi a mais pálida imagem que pode ofertar-se a uma plateia onde os portugueses (que **dão diariamente ao coco** nos mais árduos trabalhos, à espera da alegriazinha que só pode chegar com uma embaixada desportiva) forneciam esmagadora maioria. Os «leões», que já tinham atirado para a valeta a hipótese de confraternização com os nossos bons compatriotas que edificaram o Centro Português em Neuchatel, acabaram por mandar os emigrantes para suas casas com dupla tristeza: depois de nem uma só alminha ter condescendido ao convite para o abraço à comitiva **verde-branca,** para o **petisco** elaborado com semanas de antecedência e preparado para (no mínimo...) dois ou três elementos oficiais do Sporting estarem presentes e oferecerem quatro ou cinco emblemas, meia dúzia de galhardetes e uma foto do «team» para ficar no álbum da saudade, ainda se levou o precioso **desquite** a uma farpa escusada e aborrecida, não programada: e (que diabo!) custava alguma coisa ganhar um desafiozinho de futebol com um «team» que mora no rés-do-chão do palpite europeu?

●

Neuchatel, meus amigos, nunca tinha sonhado com aquela ventura de **mister** Allison (invocando razões psíquicas que devem estar no foro íntimo do cidadão maior vacinado mas nunca podem ser atiradas na face por um qualquer estranho à vida particular de cada um de nós), com aquela espantosa parvoice de deixar no banco de casa estranha um Jordão mesmo a 70 por cento e mandar para a fogueira rapaziada desprevenida que a mais não é obrigada porque, ser carregador de pianos, não implica saber de música.

Aqui, e para já, as lógicas excepções, com esse fabuloso senhor do futebol que se chama António de Oliveira a merecer imediatamente que tiremos o chapéu e saudemos no seu brio, na sua abnegação, na sua total entrega ao trabalho, aquilo que sempre se procurará fixar como meta para um profissional de futebol. Só aquele que foi homem forte do Penafiel e hoje (curso de treinador na mão) é a reserva da República em Alvalade entraria em campo a esquecer que não podia virar o rosto sem a rigidez do tronco acompanhar a movimentação, dando de barato



Centro Português de Nauchatel: os jornalistas foram os únicos a aceitar o abraço dos nossos emigrantes

os padecimentos e fazendo os impossíveis para acompanhar a festa dos emigrantes concedendo-lhes em troca tudo o que sabe. Oliveira, queridos leitores, é o pequeno milagre que raramente se repete em toda uma geração. Temos por cá um Alves da mesma igualha: depois, digam quem poderá pedir cartas a um baralho com estes artistas.

●

Apreciado no devido plano o melhor futebolista que o Sporting teve no empapado relva-terra de Neuchatel, relembremos que Allison tem a seu favor uma arma poderosa: 24 jogos sem derrota, a falência que se adivinhou largo tempo apenas a chegar no fim de tarde com que o britânico desejou prendar a malta amiga. Mas é forçoso que se recorde como são ciclicamente teimosos os técnicos britânicos: apenas por capricho se poderá entender a colocação de Freire como homem-golo, a posição de Virgílio como quinto defesa, o ter ficado em Portugal um homem com a capacidade física de José Eduardo e, fora das quatro linhas suiças, Jordão. Aliás, e por falar nisso, valerá a pena pegar na história e recordar que também no banco lateral do Sporting parece existir paralisia perante as situações de que se pode tirar vantagem: aconteceu nos tempos de Fernando Mendes, em Setúbal, quando o Honved apareceu com o melhor jogador de braço engessado (passível de não poder alinhar caso surgisse a mais leve reclamação), voltou agora a bater à porta **verde** naquele deambular louco do técnico suíço Gress em frente da tribuna, perante o beneplácito arbitral (erro quase único do silvador bulgaro) e a passividade das visitas.

O Sporting necessita, urgentemente, de assimilar as malandrices de argutos ou espertos Ottos Glórias, ou ratices ou sapiências de novos Afonsos Lacerda. Nem sempre os jogos se perdem lá dentro: este, em Neuchatel, apanhou zero por comportamento de topo.

Retalhando o comportamento em terras frias, encontra-se o Sporting (real e tristemente) com erros de espanto: aterra em paralelo desconhecido a 20 horas do exame, fica siderado perante a velocidade contrária, confunde e baralha tudo o que era forçoso colocar na balança, abdica de um qualquer «expert» em relações públicas (rápido, Luís César, rápido...) e, para cúmulo, até arranja maneira de defraudar o próprio património chutando Jordão para a bancada. Ainda que possa (e deva) dizer-se que o **escurinho** não está perto da sua real forma, sabe-se bem como ele incomoda qualquer plano contrário de cada vez que está a 20 metros da meta.

No activo, claro.

●

A equipa que, para todos os efeitos, tinha na mão a defesa do futebol português no centro dos olhares europeus, gozou da sorte (já referida) de jogar sempre com onze artistas e de Trinchero falhar a concretização de uma grande penalidade irrefutável e iniludível. Pode, para amenizar o tom negro, garantir que também existiu falta sobre Manuel Fernandes digna de castigo máximo e que Oliveira perdeu a abertura da contagem. Mas, no somatório da contagem de hipóteses, alguém poderá recusar vantagem helvética?

Terá de haver uma serena reflexão, uma detalhada análise de posições e erros, de lucros, e falhas, se quisermos que o Sporting, o Benfica, o Boavista, o Porto que é hoje o nosso emblema comum, vinguem no futebol uefeiro. Marquem a mesma posição que qualquer autêntica selecção nacional implantaria nos céus do velho continente. Neuchatel foi mais uma achega para a fogueira, mais uma sopradela na labareda.

Se quisermos encontrar lenitivo para a tristeza, mergulhada no precário estado físico a que chegaram alguns jogadores do Lumiar: Meszaros preso por arames (a perna direita está numa lástima e por aquele lado até um garoto pode brincar), Inácio e Oliveira andam à força de permanente injectar de alma nova, outros companheiros sabe-se lá como vão funcionando. Valeu, na Suíça, a coragem espantosa do «astro», a alegria de Nogueira, o facto de Meszaros saber que estavam na bancada os pais que não via há seis anos. Mas os milagres, como se sabe, apenas ocorrem quando o rei faz anos.

Na Suíça não há trono.

●

Depois do duche de Neuchatel, larga fatia dos colegas de Informação reuniu-se no quarto deste escriba dilacerando o desaire.

Duas horas tivémos testemunhas idóneas e intervenientes: Jordão, Lito, Marinho e Inácio. Cada um de per si e todos à uma chegámos à mesma encruzilhada: para onde caminha este futebolzinho português anarquicamente envolvido em teias de aranha, urgentemente a precisar de uma chicotada que quebre o entorpecimento?

Joaquim Candeias, que foi companheiro de lides de Joaquim Campos nas andanças arbitrais, dizia-nos, lá na Suíça:

– Como antigo árbitro, como actual delegado técnico, sinto que o jogador português não está dentro do plano das realidades, não sabe as armas com que pode lutar e aquelas que terá de combater sem protesto.

Uma verdade como murro no estômago.

●

Todos sentimos hoje o espinho cravado na pele: mas o conforto virá imediatamente, pode chegar já no fim-de-semana quando o emblema favorito triunfar e a gente deixe para trás negócios mais fortes. O desmanchar de feira nunca é alegre, mesmo que (no caso sportinguista) se reconforte a idéia com o pensamento em que, a nível nacional, o «team» está no topo. Na bancada de Neuchatel, desde Luís Fontoura a Emídio Pinheiro, contando com João Rocha como com o mais anónimo torcedor, ficaram sepultadas algumas ilusões mas igualmente vieram à tona de água certezas e exames.

A táctica para se ganhar um jogo de futebol nem sempre vive só de mais um cifrão no prémio.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Uma emissão apátrida

Não sei como vou agarrar na crítica de hoje. Ao longo destes quase 20 anos tenho enfrentado as mais diversas situações. Ora, a que a Televisão ontem me proporcionou é nova. Pura e simplesmente – não houve. E do que não houve, que se pode dizer?

● Os trabalhadores da RTP fizeram greve a fim de levar o Conselho de Gerência à mesa das negociações. O conselho recusou-se, com base num critério legalista, ou pseudolegalista. Não raro tais critérios encobrem um certo tipo de imoralidade. A razão estava com os trabalhadores, mas os beligerentes foram inflexíveis: antes do dia 17, nada feito...

É ridículo. E não há memória de qualquer batalha ganha por um exército ridículo.

● Além de ridículo, a gerência foi tola. Foi impolítica. Se um político é impolítico, feche a loja. Arranje outro negócio, um que exija menos maleabilidade. Faça-se, por exemplo, proprietário de casinos, «croupier» de cúpula a arrebanhar as fichas.

● O País teve ontem a sua primeira experiência de uma greve nacional. Milhões de trabalhadores, industriais e rurais, viram ontem, com os seus próprios olhos, viram o alcance da sua imensa força. Pela primeira vez, Portugal inteiro ficou privado de Televisão. Quantos trabalhadores terão aprendido ontem que, se se unirem, poderão impor seus legítimos direitos? Quantos terão compreendido que, sem eles, não há pão, nem água, nem transportes, nem electricidade, nem correio, nem telefone, nem ferro, nem cimento, nem rádio, nem jornais, nem teatro, nem cinemas, nem escolas – não haverá nada, como ontem não houve Televisão?

Basta que eles se unam, por exemplo, e como ontem mandaram embora a Televisão, também podem amanhã mandar embora o Governo Balsemão.

O mais curioso é que, quem na prática provou isto a um grande número de cidadãos, não foi nenhum partido, não foi a oposição, não foi nenhum comentador político – foi a própria gerência da RTP...

Obrigadinho, ó coisa!

● A cegueira do Conselho de Gerência da RTP foi mais longe e mais completa quando pôs algumas imagens no ar.

Teria sido para ele mais vantajoso cumprir os preceitos legais que regulam o cumprimento da greve. Seria, pelo menos, mais simpático. A prática antidemocrática, a arrogância, o desplante, o autoritarismo do «senhor director», do «senhor administrador», do «senhor presidente» ou do «Conselho de Gerência», já não pegam. Para que pegassem, seria primeiro necessário matar o espírito do 25 de Abril. E não me consta que seja tarefa muito fácil.

● Quando digo «espírito do 25 de Abril» não estou a usar qualquer chavão inócuo. Esse espírito existiu, projectou o nome de Portugal na luta e na esperança de muitos povos. Na Nicarágua, em El Salvador, na Grécia dos coronéis, os grupos de jovens oficiais «portugueses» reflectiam a repercussão do «espírito de Abril». Aqui em Espanha, ninguém ignora quanto o «espírito do 25 de Abril» ajudou a luta do povo espanhol. E até de França poderíamos dizer alguma coisa a respeito.

● Além de mais simpático, o gesto de aceitação por parte da gerência da RTP dar-lhe-ia sempre a possibilidade de argumentar (ou de fazer, pelo menos, persistir a dúvida na opinião pública) de que, se quisesse, poderia fazer Televisão, teria muitos trabalhadores dispostos a isso, béu-béu. Mas Proença e «sus muchachos», se conhecem muitos preceitos da «informação» nazi, conhecem muito pouco de outras tácticas. Se tivessem lido as meditações do Karl Von Clausewitz aprenderiam que não há nada que dê mais força ao inimigo do que o reconhecimento da nossa própria fraqueza.

E a «emissão» de ontem foi o reconhecimento público da fraqueza do Conselho de Gerência da RTP...

● A desgraçada locutora tinha um sorriso amarelo. Profissionalmente, um pastelão. O Bento, benza-o o diabo, suava as estopinhas da sua mediocridade, ignorante das coisas mais elementares, dava um tristíssimo espectáculo. As imagens do **País, País,** abusivamente publicadas, envolvidas em silêncio, transformaram-se numa arma contra quem a usava. O tempo foi enchouriçado com o Bucha e Estica, o Bozo, documentários do tempo da Maria Cachucha. Ainda assim, o pormenor mais interessante foi o daquele quadro no Museu de Arouca, representativo do beijo de Judas. Escolhido, nem de propósito, pelos pobres diabos que puseram a «emissão» no ar.

● No final, não houve nem a «Portuguesa», nem bandeira nacional.

O que demonstra plenamente que se tratou de uma emissão apátrida...

Mário Castrim

P.S. – Na crónica de ontem saiu Lídia Ribeiro quando era Rita Ribeiro. Fui eu que errei. As minhas desculpas. – M.C.

SINDICATO DOS MAQUINISTAS PRÁTICOS AJUDANTES E ARTÍFICES DA MARINHA MERCANTE

LARGO DO CALVÁRIO, 30 - R/C. DT.º — 1300 LISBOA

TELEFONES 637770/ 639088

ASSEMBLEIAS GERAIS EXTRAORDINÁRIAS

Fusão dos Sindicatos dos Maquinistas Práticos, Ajudantes e Artífices da Marinha Mercante; Sindicato dos Maquinistas Práticos, Ajudantes e Artífices do Distrito de Faro e Sindicato dos Maquinistas, Motoristas e Ajudantes Marítimos e Fluviais do Norte.

CONVOCATÓRIA

Em conformidade com o disposto nos Artigos 8.º e 10.º do Decreto-Lei n.º 215-B/75 de 30 de Abril e Artigo n.º 64 dos Estatutos do nosso Sindicato, convoco as Assembleias Gerais para discutir e deliberar sobre a fusão dos Sindicatos.

Sindicato dos Maquinistas Práticos, Ajudantes e Artífices da Marinha Mercante, Sindicato dos Maquinistas Práticos, Ajudantes e Artífices do Distrito de Faro e Sindicato dos Maquinistas, Motoristas e Ajudantes Marítimos e Fluviais do Norte dentro do seguinte calendário:

5.ª-feira - 3.1.82
Sede do Sindicato (Largo do Calvário, 30, r/c, dt.º) pelas 20.30 h

6.ª-feira - 8.1.82
Doca Pesca (Refeitório), pelas 19.00 h

Sábado - 9.1.82
Delegação do Sindicato Setúbal (Rua Joaquim António Granjo, 72 - 1.º) pelas 10.00 h

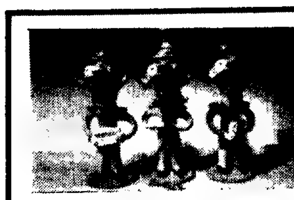
Com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1.º Discussão e votação da fusão dos Sindicatos e da criação do Sindicato dos Maquinistas Práticos, Ajudantes e Artífices da Marinha Mercante de Portugal resultante da fusão.
2.º Discussão e votação dos Estatutos do Sindicato dos Maquinistas Práticos, Ajudantes e Artífices da Marinha Mercante de Portugal.
3.º Integração do património dos três Sindicatos no Sindicato criado.
4.º Eleição da Comissão Directiva do novo Sindicato.

NOTA Para além do envio de documentos relativos ao processo para todos os Associados, informa-se que se encontram os mesmos expostos no Sindicato à disposição de todos os Associados que o desejarem.

Lisboa, 4 de Dezembro de 1981

O Presidente da Assembleia Geral
GERMANO BARRETO FERREIRA



OCARINA

Artesanato

Brinquedos regionais e antigos. Peças de: Júlia Ramalho, Mistério; Rosalina Baraça, João Couto, Rosa Carriça

Trav. do Poço da Cidade, 40 (Bairro Alto)
Aberto das 10.00 às 24.00. Todos os dias no mês de Dezembro

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

EDITAL N.º 96/81

JOSÉ MARTINS VIEIRA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

Faço público que, a partir da data da publicação deste edital, fica notificado o sr. José Emanuel Pais Fernandes, com morada desconhecida, esta Câmara Municipal, nos termos do art.º 1.º do Dec.-Lei N.º 275/76, de 13 de Abril e em consequência da deliberação tomada em 19/6/81, tomou posse administrativa do terreno situado na Quinta da Carcereira, onde se procedeu à divisão de lotes, tendo esta posse como efeitos jurídicos a imediata suspensão dos trabalhos, a proibição de quaisquer trabalhos ou actividades que não respeite a exploração normal do terreno.

Nos termos do art.º 4.º daquele diploma legal poderá reclamar no prazo de dez dias para esta Câmara alegando e provando a falta de fundamento desta providência.

Se não for apresentada reclamação ou esta for indeferida, será feita participação dos factos ao Tribunal Judicial para promover o respectivo procedimento criminal e a consequente passagem da propriedade do terreno para o património municipal.

Mais se notifica que foi nomeado administrador do terreno, objecto de posse administrativa nos termos do art.º 2.º do n.º 2 do citado Dec.-Lei, o funcionário desta Câmara Municipal José de Sousa Rodrigues.

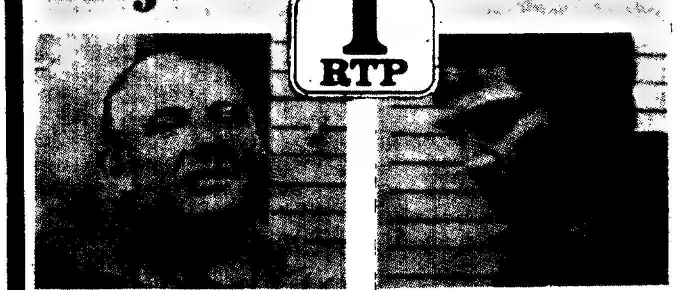
Almada, 2 de Dezembro de 1981

O Presidente da Câmara
JOSÉ MARTINS VIEIRA

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

RTP 1



Na RTP-1, esta noite, será exibido o 7.º episódio da série «A Balada de Hill Street»

17.37 **Sumário**
17.42 **Tempo dos Mais Novos**
18.15 **País, País**
18.45 **As Costas do Mar** – aspectos da cultura açoriana.
19.15 **«Olhai os Lírios do Campo»** – 42.º episódio.
19.55 **O Tempo**
20.00 **Telejornal** – as notícias do País e do estrangeiro.
20.30 **Direito de Antena** – com a Confederação dos Trabalhadores Portugueses (CGTP-IN) e PSR (Partido Socialista Reconstruído).
20.50 **«A Balada de Hill Street»** – 7.º episódio. Com: Daniel J. Travanti, Michael Conrad e Bruce Weitz. Realização de Arnold Lonen.
21.45 **Noves Fora... Nada!**
22.55 **24 Horas** – as últimas notícias.

O programa da RTP-2 desta noite, O Homem é um Mundo, é dedicado à Torre do Tombo

RTP 2

18.15 **País, País**
18.40 **«Sítio do Picapau Amarelo»**
19.05 **O Homem e a Terra** –
19.30 **Jeito e Efeito**
20.00 **Informação/2** – o noticiário nacional e internacional.
20.30 **100.º Aniversário do Nascimento de Bela Bartok**
21.25 **Animação/2**
21.50 **Pare, Escute e Olhe** –
22.20 **O Homem é um Mundo**

Amanhã

RTP 1

10.35: Tempo dos Mais Novos; **11.30**: Animação; **12.00**: «A Loja das Antiguidades»; **12.30**: Aves Migratórias – rio Tejo; **13.00**: Memória de um Povo; **13.30**: Novos Horizontes; **13.55**: Sumário; **14.00**: 100 Grandes Quadros; **14.15**: Gato por Lebre; **14.30**: Lúculos e Bróculos; **15.00**: Hoje Há Visitas; **16.00**: Cosmos – episódio n.º 8; **17.00**: Porque Hoje é Sábado; **18.30**: Vivámúsica; **19.00**: Muito, Pouco, Tudo ou Nada; **19.30**: Aqui e Agora; **21.00**: Sabadabadu; **22.00**: «Dallas».

RTP 2

19.05: Mumi; **19.40**: Topo Norte; **20.05**: Volta ao Mundo do Cinema; **20.30**: Os Novos Aceleradores – 4.º episódio; **21.00**: Noite de Cinema – com o filme «Amar um Desconhecido».

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

RTP 1 **A Balada de Hill Street (20.50)**

Bela Bartok (20.30) RTP 2

Alem de um programa a escolha oferece-lhe

Resumo do episódio de hoje

Ernesto conta à mãe e a Madalena que arranjou emprego numa gráfica e a namorada, tal como o dr. Seixas anteriormente, finge-se surpreendida. O rapaz diz à mãe que pensa casar com Madalena, e Eugénio, ao sabê-lo, diz à mãe que sairá de casa no dia em que isso acontecer. A mãe diz que não se importa.

Entretanto, Filipe vai a São Paulo levantar o dinheiro necessário para a construção do arranha-céus, e Carlo regressa a Nova Itália com os medicamentos para o dr. Bellini, que, segundo Olívia, pode estar atacado por uma gripe espanhola. Olívia diz a Carlo que está a fazer o possível para salvar a vida do pai.

Eugénio, por seu turno, ofendido com as palavras da mãe, diz que deixará a casa o mais rapidamente possível.

ASSISTÊNCIA TECNICA GRUNDIG
NACIONAL RADIO Rua B. Jesus Caraça 1? Cruz Quebrada Tel 2112871

TRIBUNAL DO TRABALHO DE SETÚBAL

1.ª Publicação P.º 172/77– CIT 1.º Sec.

O DOUTOR JOSÉ AUGUSTO CRUZ DE CARVALHO, Meritíssimo Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho de Setúbal.

– FAZ SABER que pela 1.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Setúbal, situado na Rua Frei António das Chagas, n.º 4 e na acção com processo comum – sumário, registado sob o n.º 172/77 que a autora – MARIA FLORIPES DE JESUS GOMES, residente na Av.ª Luísa Tódi, 484 – 1.º Dt.º Setúbal, move contra o réu – ARMANDO JUSTINO MATEUS, com última residência conhecida na Rua Oliveira Martins, 12 – Setúbal, corre o prazo de OITO DIAS, findo o da Dilação de TRINTA DIAS, contados da data da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando o réu para contestar aquela acção, sob pena de, não o fazendo ser condenado no pedido. Na referida acção a Autora pede o pagamento da quantia de dezasseis mil quinhentos e oitenta e três escudos e trinta e três centavos, proveniente de despedimento e férias. O duplicado da petição inicial encontra-se depositado na 1.ª Secção deste Tribunal, onde poderá ser solicitado.

– Setúbal, e 1.º Secção do Tribunal de Trabalho de Setúbal, aos vinte e quatro de Novembro de mil novecentos e oitenta e um.

o juiz
a) José Augusto Cruz de Carvalho
O Escrivão de Direito
a) José Ventura Semedo

Está Conforme
Setúbal, 24 de Novembro de 1981

TRIBUNAL DA RELAÇAO DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ SABER que pela 4.ª Secção da Repartição Judicial do Tribunal da Relação de Lisboa, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o requerido – JOHN MARTIN JOYCE, residente em parte incerta e com última residência conhecida em 68 Dueks Hill Road Nortuwood,, Middlesex – Inglaterra, para no PRAZO DE DEZ DIAS, findo o dos éditos, deduzir, querendo, a oposição que tiver por conveniente, nos autos de Revisão de Sentença Estrangeira, proferida pelo Tribunal de Justiça do Reino, Strand, Londres, a qual decretou o divórcio entre o citando e a requerente dos autos ANA MARIA DE ALMEIDA MARTINS, sob pena da mesma ser revista e confirmada e produzir todos os seus legais efeitos em Portugal, nos termos do Art.º 1094 e seguintes do Cod. Proc. Civil.

Lisboa, 25 de Novembro de 1981

O Desembargador Relator
Leite Marreiros
O Escrivão Adjunto
Luís Fernando Valadas Viola

roteiro cultural

Teatro

A companhia francesa de Jean-Louis Martin-Barbaz vai apresentar hoje e amanhã, às 21.30, e no domingo, às 16 horas, a peça «Les Femmes Savantes», de Molière. Martin-Barbaz, ex-assistente de Roger Planchon é hoje considerado um dos mais importantes encenadores franceses. Para além de dirigir a sua própria companhia de teatro, é responsável por dois «ateliers» teatrais na Maison des Jeines de Créteil e é também o director do Centro do Nord-Pas de Calais.

«A Mesa-Palavras de Mulheres», pelo Grupo Cena, está a ser apresentada em Lisboa, na sala da Comuna, com espectáculos hoje e amanhã, às 21.45, e no domingo às 18 horas. Trata-se de um trabalho de Júlia Correia, Michèle Foucher, Rosa Ramos e Christine Zurbach.

«Joana», Grupo de Teatro, apresenta, durante o mês de Dezembro, todos os sábados, domingos e feriados, às 15.30, na Comuna, um espectáculo para todas as idades, que também está disponível para ser apresentado em escolas, colectividades e outras organizações. Trata-se de «Uma História na Ponta do Nariz», que vivamente recomendamos (vai estar na nossa festa, e se nos quiser seguir o exemplo basta marcar o 2840711).

Uma boa companhia de teatro francesa (a de Martin-Barbaz) vai apresentar no Nacional «Les Femmes Savantes», de Molière

«Não se paga! Não se paga», reconfortante utopia de Dario Fo que a Cornucópia tem estado a apresentar com grande êxito desde Janeiro passado, vai abandonar a cena no próximo domingo. Aproveitem as últimas os caríssimos leitores que têm gosto e meios para se desbundar a rir com temas tão engraçados como o aumento do custo de vida e o desemprego. O autor (e pelos vistos a Cornucópia) sabem o que é que faz rir a gente...

A Sociedade Euterpe Alhandrense, que este mês vem comemorando os seus 119 anos de cultura e luta pela democracia, tem amanha (a partir das 21 e 30) Carlos Avilez nas suas instalações com Águeda Sena, num colóquio sobre teatro, na sala «Soeiro Pereira Gomes».

Música

Lopes-Graça homenageado em Tomar. A Câmara Municipal de Tomar, terra natal do grande compositor, associa-se às celebrações que um pouco por todo o País festejam os seus 75 anos de vida extraordinariamente fecunda e exemplar, com iniciativas que decorrerão amanhã e no sábado.
Destas salientaremos: recepção na Praça Municipal no dia 12, às 17 horas, com as bandas de música da cidade, a que se seguirá uma sessão solene no Salão Nobre da Câmara, durante a qual vários oradores abordarão a personalidade cívica e artística do homenageado; concerto na Igreja de Santa Maria do Olival nessa mesma noite, com a participação do Coro da Faculdade de Letras do Porto e do Coro «Canto Firme», de Tomar.

No dia 13, às 13 horas, almoço de homenagem a Lopes-Graça, na Pousada de Santa Iria, para o qual estão abertas as inscrições; pelas 21.30 horas, novo concerto com obras do grande compositor, interpretadas pela pianista e professora Florinda Santos, pelo cantor Hugo Casaes e pelo duo de violino e piano Vasco e Grazi Bardosa, concerto que terá também lugar na igreja de Santa Maria do Olival.

O Museu do Mosteiro da Batalha promove amanhã às 15.30 um concerto de música coral popular e erudita, alusiva ao Natal, da Idade Média aos nossos dias. Participam os grupos vocais Arsis e La Folia, sob a direcção do maestro Francisco d'Orey; Novos Tempos e Descante, dirigidos pelo maestro Luís Pedro Faro.

A 1.ª Grande Festa da Música é uma iniciativa do Sindicato dos Músicos que terá lugar amanhã, a partir das 16 horas, na Aula Magna da Universidade de Lisboa. Trata-se de um concerto inédito que juntará pela primeira vez no mesmo palco música sinfónica, jazz, rock, música de câmara, coral, fado, etc. Não perca: vão lá estar os melhores...

O Duo António Pinho/José Eduardo está hoje e amanhã, às 22.30 e às 0.30 no Hot Clube de Portugal (Praça da Alegria, 39). Se gosta de jazz, é lá que deve ir: não há assim tantas oportunidades de ouvir tocar juntos dois dos melhores músicos portugueses nos seus respectivos instrumentos (piano e contrabaixo).

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Ovo de Colombo; **17.05**: Entreposto das ideias; **17.15**: Pela estrada fora; **17.30**: Ontem, manchete de amanhã; **17.45**: Entreposto das ideias; **18.05**: Antologia teatral; **18.15**: Jogo de antena; **20.00**: Ler, ouvir e falar – jazz; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Programa da noite; **23.30**: Último jornal.

Programa 2

16.25: Concertos para trompete e orquestra; **16.50**: Momento de poesia; **17.00**: Musicantes; **17.30**: Sonata n.º 3, em ré menor, op. 49, de Weber; **18.05**: As cores e as formas; **18.35**: Cantata n.º 22, de Bach; **19.00**: Música; **20.10**: Música portuguesa; **21.00**: Dossiers sonoros; **21.30**: Sessão cultural ao vivo; **23.00**: Sinfonia n.º 38, em ré maior, K. 504, «Praga», de Mozart; **23.30**: Música do século XX; **23.50**: Concerto coral sinfónico; **00.30**: Sonatas para cravo, de Carlos Seixas; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.15: Espelho meu; **15.45**: Teatro trágico; **17.03**: Todos no top; **18.08**: Hora de ponta; **18.10**: Espaço 3 P; **20.03**: Quando o telefone toca (1.ª edição); **20.30**: Diversos; **21.03**: Quando o telefone toca (2.ª edição); **21.30**: Quando o telefone toca (3.ª edição); **22.20**: Música para meditar; **22.30**: Tempo de desporto; **23.30**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.05: Espaço 3 P; **16.03**: Rock em stock; **18.03**: Círculo em FM; **19.03**: Em órbita; **20.03**: Rolls rock; **21.03**: Abandajazz; **22.03**: Café concerto; **00.03**: O vapor da meia-noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Aqui e agora; **17.00**: Jornal da mulher; **18.15**: Igreja em notícia; **18.25**: Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **19.30**: Revista de imprensa; **20.00**: Dê no vinte; **21.00**: Discos LAR; **21.30**: Diálogo e vida; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Bola branca; **23.00**: O que fica do que passa; **23.30**: Nota de abertura; **23.55**: Meditando. Grandes blocos informativos às **19.30** e **23.30**. «Flashes» noticiosos de hora a hora.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 300

HORIZONTAIS

1 Vasilha com asas. Cremes.
2 Ratava. Apelido.
3 Chapa lisa de ferro para arredondar o vidro, nas fábricas. Cor vermelha coralina.
4 Brisa. Tratar por tu. Letra grega.
5 Íntimo. Carta de jogar.
6 Rio de Portugal. Arara. Carro de duas rodas, de origem inglesa, que o cocheiro guia da parte de trás.
7 Artigo definido. Cidade da Polónia. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
8 Medida de uma superfície. Gosta muito de.
9 Apre! Autores.
10 Unidade monetária do Japão. Cidade da Ucrânia. Rata.
11 Peixe do género siluro. Venera.

VERTICAIS

1 Classe de tropa. Povoação do concelho de Sintra.
2 Ecoarias. Rente.
3 Oásis. Moderato. Rio da Toscana.
4 Distrito da ex-Índia Portuguesa. O vencimento diário de um soldado.
5 Antigo Testamento. Época (inv.). Boro (s.q.)
6 Dá urros. Nota musical.
7 Aqui. Nome de letra. Batráquio.
8 Fruto da amoreira. Gosta muito de.
9 Possuir. Sentidas condolências. Ilha do Pequeno Belt.
10 Içar. Antes do meio-dia. Sufixo que designa estado.
11 Chão. Silvestre.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 160

HORIZONTAIS

1 Festa anual dos Judeus em memória da sua saída do Egipto. (pl.).
2 Açule. Zomba. Basta!
3 Segundo. Érbio (s.q.). Apelidos.
4 Ilha de Cabo Verde. Ovário dos peixes. Clima.
5 Diligências.
6 Moderato. Preposição e artigo. Tostar.
7 Apelido.
8 Rio dos Países Baixos. Invólucro.
9 Porco. Desgraça. Preposição latina que designa movimento.
10 Içara. Sufixo que designa pequenez.
11 Tamancos. Esmurras.

VERTICAIS

1 Progenitores. Primeira parte do nome da freguesia do concelho de Alcanena.
2 Fio ténue. Chão.
3 Letra grega. Nota musical. Antes de Cristo.
4 Ice. Recipiente para sal.
5 Aquoso. Campeão.
6 Vossa Alteza.
7 Abrilhantada. Tombas.
8 Escudeiro. Tentação.
9 Dinheiros. Actínio (s.q.).
10 Possuir. Cálcio (s.q.).
11 Em as. Mulheres que servem por soldada.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 299

HORIZONTAIS
1 POBREZA.
2 Toar. Eleges.
3 OBRIGA. Il.
4 Rã. Gatunas.
5 A. Vilar.
6 Narramos.
7 Limão. Amais.
8 Alar. Asa. Ro.
9 EC És. Coam.
10 Azia Aterra.
11 Laos Sem AR.

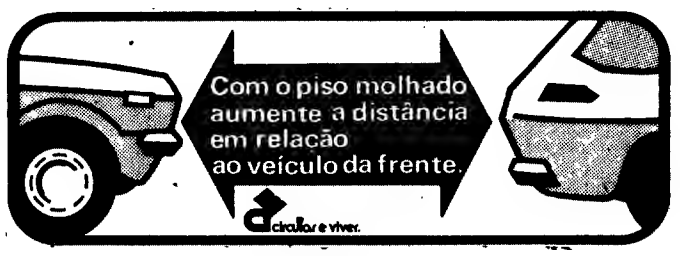
VERTICAIS
1 Atora. La Al.
2 Obá. VILEZA.
3 Par. Macio.
4 Originar. Ás.
5 Galão
6 Reatar Asas.
7 El. Urras. Te.
8 Ze. Amacem.
9 Ag. Asma Or.
10 Eis. Orrara.
11 Asi. Assomar.

Provérbio: POBREZA OBRIGA A VILEZA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 159

HORIZONTAIS
1 Milho. Ávila.
2 Atear. Dosai.
3 Nas. Ota.
4 Lás. Alar.
5 Cor. Despesa.
6 Aué. Meá.
7 Mm. Li
8 Pilão Parra.
9 Aso. Rei. Ais.
10 Pátio Conde.
11 Aro Araós.

VERTICAIS
1 Man. Cá. Papa.
2 Italo. Pisar.
3 Lesara. Loto.
4 Há Uma.
5 Oro. Demorou.
6 Vê.
7 Adi. Salpica.
8 V.º Apeia. Or
9 Isolem. Rana.
10 Latas Árido
11 Aiaras. Ases



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	61$60	66$60
ALEMANHA FED (marco)	28$55	29$65
AUSTRIA (xelim)	4$00	4$20
BELGICA (franco)	1$496	1$696
BRASIL (cruzeiro)	$345	$595
CANADA (dolar - notas de 1 e 2)	53$95	55$95
(notas de 5 a 1000)	54$45	56$45
DINAMARCA)coroa)	8$80	9$20
ESPANHA (peseta)	$631	$731
EUA (dolar - notas de 1 e 2)	64$00	66$00
(notas de 5 a 1000)	64$50	66$50
FINLÂNDIA (marka)	14$70	15$30
FRANÇA (franco)	11$15	11$35
HOLANDA (florim)	26$05	27$05
INGLATERRA (libra)	123$55	126$55
IRLANDA (libra)	101$85	105$85
ITALIA (lira)	$048	$058
JAPAO (iene)	$266	$301
NORUEGA (coroa)	11$15	11$65
SUECIA (coroa)	11$60	12$20
SUIÇA (franco)	34$75	35$85
VENEZUELA (bolivar)	13$10	14$10

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotaçoes devem ser consideradas a titulo meramente informativo.
2. – Todas as operaçoes de venda estao sujeitas ao imposto de 3 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 17.30 e 21.15
– 13 a.
FRANCISCA
Às 24 – 18 a.
SALÓ E OS 120 DIAS DE SODOMA

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
– 18 a.
O BURACO DA AGULHA
c/ Donald Sutherland

ALVALADE 897480

Av. de Roma
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O grande espectáculo das festas!
OS ARISTOGATOS
Technicolor
Falado em português

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 – N. ac. men. 13 a.
VAI TRABALHAR MALANDRO
e Roger C. Carmel
Um filme de Jerry Lewis
7.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
DJANGO O ÚLTIMO KILLER
c/ George Eastman e Anthony Chidra

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
c/ Harrison Ford, Karen Allen e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
10.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
Festival Irmãos Marx
UMA NOITE NA ÓPERA

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A BANQUEIRA
c/ Romy Schneider

4.ª semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
A DAMA DAS CAMÉLIAS
c/ Glio Goldsmith e Fernando Rey
Um filme de Mario Bolognini
Às 24 – N. ac. men. 18 a.
OS RAPAZES DA COMPANHIA C

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
TABOO, O INCESTO
Pornográfico – Hardcore
Às 24 – N. ac. men. 13 a.
UM CORPO MORTO NA PRAIA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
O DIREITO DO MAIS FORTE À LIBERDADE
Às 24 – N. ac. men. 18 a.
A QUADRILHA

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
SHALIMAR
c/ Darmendra, Rex Harrison e Zeenat Aman
Um filme de Krishna Shah

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
EU TE AMO
c/Sônia Braga
A grande revelação do Festival de Cannes de 1981

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Estreia às 21.30 – N. ac. men. 18 a.
SHOGUN
O SENHOR DA GUERRA
Um filme de Jerry London
Technicolor
Às 14, 16.30 e 19 – Últimas
AMIGOS E AMANTES

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
Um ser de corpo e alma, entre o amor, as paixões, o dinheiro, o poder, a imprensa...
A BANQUEIRA

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
Às 15, 17, 19, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
Ela fez dele o amante, o herói, o homem rico... e o assassino!
ATLANTIC CITY
c/ Burt Lancaster e Susan Sarandon
5.ª Semana

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
AMIGOS E AMANTES
Realização de Jack Smight
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma 7-A
As 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
LILI MARLEEN
c/ Giancarlo Giannini e Mel Ferrer
Filme de qualidade
6.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A CANÇÃO DA ESPERANÇA
c/ Jestendra, Reena Roy e Rameshwan
Um filme de J. OM Prakash

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
EXCALIBUR
c/ Nigel Terry e Helen Mirren
Filme de qualidade
7.ª Semana

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
C. Harrison Ford, Karen Allen e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
10.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14, 16.15, 18.30 e 21.30

N. ac. m/18 anos
EU TE AMO
c/Sonia Braga e Paulo Pereio

Um filme de Arnaldo Jabor

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20
Às 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
ESQUECI-ME DE VIVER
c/ Júlio Igésias
Colorido
2.ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
Às 14, 16.30 e 19 – N. ac. men. 13 a.
– Últimas
GOLPE DE MESTRE
Colorido
Estreia às 21.30 – Int. men. 13 a.
DUPLA SUSPEITA
c/ Giuliano Gemma, Martin Balsam

ROMY SCHNEIDER numa cena do filme «**A BANQUEIRA**» em exibição nos cinemas **CASTIL** e **IMPÉRIO**

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 18 a.
MISMISTÉRIO DOBERWALD
Realização de Antonioni

SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 18 a.
O BOM POVO PORTUGUÊS
Realização de Rui Simões

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15

AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15
– Int. men. 18 a.
CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
Realização de Daniel Duval

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
CALÍGULA
c/ Malcolm McDowell
3.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Estreia às 21.30 – N. ac. men. 18 a.
Reze para entrar. Reze para sair!
ACIDENTE NO LUNA PARQUE

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O LADRÃO PROFISSIONAL
c/ James Caen e Tuesday Weld
2.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– Int. men. 13 a.
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA
c/ Roger Moore e Carole Bouquet
12.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 17.30 e 21 – N. ac. men. 13 a.
FRANCISCA
Um filme de Manoel de Oliveira
2.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A FILHA DO MINEIRO
31.ª Semana
Às 24 – Int. men. 18 a.
MUNDO VIOLENTO
Com cenas eventualmente chocantes

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. Republica, à Est. de Entre Campos
Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
– N. ac. men. 18 a.
O LADRÃO PROFISSIONAL
c/ James Caan
Domingo às 11.15
PANTERA E OS SEUS AMIGOS

STAR 80421

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 18 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
70 actores de primeiro plano
Um filme de Claude Lelouch
Filme de qualidade
3.ª Semana

TERMINAL 3715[illegible]3

Estação do Rossio
Às 10.30, 13, 15.30, 19:30, 21.30 e 24
– Int. men. 13 a.
Uma espada forjada por um Deus semente do futuro. Força viva de um rei
EXCALIBUR
7.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 198
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O grande espectáculo das festas!
OS ARISTOGATOS
Technicolor
Falado em português

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Um filme encantador
O PEQUENO LORD
c/ Ricky Schroder e Alec Guinness
3.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O NEVOEIRO
6.ª Semana
Às 23.45 – N. ac. men. 18 a.
AS PERVERSAS

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Aristogatos», às 21.30 (6 anos)
ALFA 3 – «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes», às 21.15 (18 anos)
OLÍMPIA – Sessões permanentes «**Garotas Sensuais**» **(18 anos)**
CAPITÓLIO – «Mister Porno», às 21 e 23 h (18 anos)
CITY CINE – «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)
POLITEAMA – «Dupla Suspeita», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «Encontro Fatal», às 21.30 (18 anos)
RESTELO – «La Boum, a Primeira Festa», às 21.30 (13 anos)
2000 – «Calígula», às 21.30 (18 anos)
LUMIAR – «Ana, Aquele Prazer Particular», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «Uma Vida para Amar», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA – Incrível – «Capitão Avenger», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Gente Vulgar», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cinestúdio – «Malevil o Dia Zero», às 21.30 (13 anos)
COSTA DA CAPARICA – Silcine – «A Aventura do Poseidon», às 21.45 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «007 Missão Ultra-Secreta», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «A Turma dos Repetentes», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Não Há Nada que Não Me Aconteça», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Campeões da Natação», às 21.15 (13 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Tommy», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Armadilha Internacional», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «O Rapto do Presidente», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Gente Vulgar», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «24 de Amor», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Plaza – «Os 3 Dias de Condor», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cine Estúdio – «O Buraco da Agulha», às 21.30 (18 anos)
CACÉM – Estúdio Flores – «Superman II», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «Invasão dos Mortos Vivos», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Vamos Voltar a Viver», às 21.30 (13 anos)

MOSCAVIDE – Stop – «A Ultima Valsa», às 21.30 (13 anos)
MAFRA – Cine-Teatro – «Sara Cross», às 21.30 (13 anos)

Porto

COLISEU – «O Exterminador», às 21.30 (18 anos)
BATALHA – «Ninfa, o Imbatível», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «O Grande Atirador», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «A Esfinge», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Amor de Mãe», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA A – «Francisca», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA L – «A Turma dos Repetentes», às 21.45 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.45 (13 anos)
JULIO DINIS – «Uma Criada das Boas», às 21.30 (18 anos)
S. JOÃO – «Gente Vulgar», às 21.30 (18 anos)
BEBÉ – «Crónica da Mais Velha Profissão do Mundo» às 21.45 (18 anos)
OLÍMPIA – «Beldades Selvagens de Ibiza», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «Heroi Precisa-se», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «McVicar, o Perseguido», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «Eu Te Amo», às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Os Aristogatos», às 21.30 (6 anos)
PEDRO CEM – «Nós Não Somos Anjos... Elas Também Não», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

IBÉRIA, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **SÃO JOSÉ**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **VÉRITAS**, R. da Misericórdia, 135 (T. 327564); **MACEDO**, E. Poço do Chão, 69-C (T. 703697); **IVONE**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **GRIJÓ**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **OCIDENTAL**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **CRUZ NUNES**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 41845); **DIAS & SARAIVA**, R. Major Afonso Pala, 19 (T. 2114487); **AMARAL**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 925455); **CRUZ CORREIA**, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

PROBIDADE, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **DÉLIO**, R. Açores, 32-34 (T. 572388); **NOVA LISBOA**, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **AURÉLIO REGO**, C. da Estrela, 139 (T. 661758); **ALMEIDA DIAS**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **MIRANDA**, Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **CENTRAL DO LUMIAR**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 798063); **OLIVAIS**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **CURIE**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 778439); **FERNANDES**, R. São José, 187 (T. 326476); **BRITO**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **MATOS**, T. Pinoras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939)

Linha de Sintra

AMADORA: Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161) Permanente; **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (T. 933613). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. D. Maria II, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ: Zeller**, R. da República, 83 (T. 950045); **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 2940781); **MEM MARTINS: Quimia**, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012) Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T. 2930058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299068).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote a-r/c (T. 2441616). Até às 21 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 21 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 96 (T. 2430090). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24-r/c (T. 2478737). Até às 21 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 3 (T. 2472278). Até às 21 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 21 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Até às 21 horas; **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214) Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Outra banda

ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498); **COVA DA PIEDADE: Cerqueira Afonso**, P. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254); **LARANJEIRO: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2493224); **COSTA DA CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado, 7-C (T. 2403218); **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Normal**, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035); **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 31-A (T. 2212923); **SEIXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **MONTIJO: Montepio**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).
SETÚBAL: Normal do Sul, P. do Bocage, 137; **Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14.

LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente; **MOSCAVIDE: St.ª Bárbara**, Av. Moscavide, 22-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço** (T. 2518151). Até às 22 horas.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

NACIONAL, R. Senhora da Luz, 156, Foz (T. 680833); **D. DINIS**, R. de S. Dinis, 428 (T. 482281); **SOEIRO**, R. de Santos Pousada, 71 (T. 51370); **VITÁLIA**, P. da Liberdade, 34 (T. 24133); **ALBERTO FERREIRA**, R. da Estação, 100 (T. 51302); **ANTERO DE QUENTAL**, R. Antero de Quental, 528 (T. 4598); **HERCULANO**, R. Alexandre Herculano, 364 (T. 270431).

DE DIA E TODA A NOITE

BOAVISTA, R. da Boavista, 601 (T. 25443); **ANTUNES**, R. do Bonjardim, 455 (T. 27936); **COSME**, R. de Costa Cabral, 584 (T. 481511); **PEREIRÓ**, R. da Preciosa, 35 (T. 681027)

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

FIGUEIREDO, R. da Sofia, 107-109 (T. 22837); **DIAS FERREIRA**, Bairro de Solum (T. 72120).

teatros

Lisboa

ABC – «O Escabeche», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
CASA DA COMÉDIA – «Seis Aparições de Lenine Sobre um Piano», às 21.45 (13 anos)
A BARRACA – «Fernão, Mentes», às 21.30 (13 anos)
BAIRRO ALTO – «Não se Paga! Não se Paga!», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Não Há Nada para Ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL – «Não Há Nada que Me Escape», às 21.30 (13 anos)
VASCO SANTANA – «O Homem que se Julgava Camões», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – Circo do Natal, às 21.30 (6 anos)
TEATRO DA CAIXA – Av. da República, 13 – «O Tio Vânia» (13 anos)
TEATRO DO MUNDO – ESTUFA FRIA – «Terramoto no Chile», às 21.15 (13 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA – «Ó Zé Arreganha a Taxa», às 21.30 (18 anos)

DL

PORTE PAGO

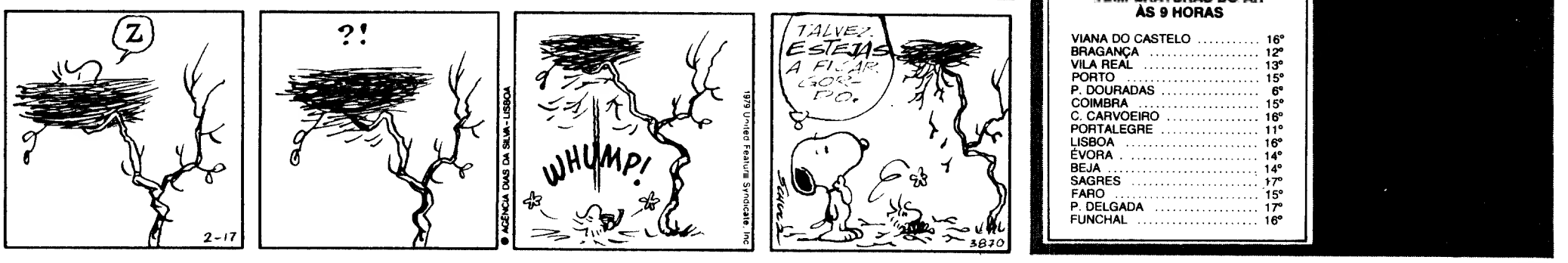
PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º – 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto.
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

2.37 **4,4 m** 8.23 **0,7 m**
15.02 **4,3 m** 20.41 **0,7 m**
Dia 12
3.25 **4,4 m** 9.10 **0,7 m**
15.52 **4,3 m** 21.26 **0,8 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	16°
BRAGANÇA	12°
VILA REAL	13°
PORTO	15°
P. DOURADAS	6°
COIMBRA	15°
C. CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	11°
LISBOA	16°
ÉVORA	14°
BEJA	14°
SAGRES	17°
FARO	15°
P. DELGADA	17°
FUNCHAL	16°

últimas

A MÚSICA VOLTOU À IGREJA em virtude de a Judiciária ter apreendido os instrumentos musicais e amplificador de som que haviam sido furtados em Agosto último. Foram dois jovens, de 18 e 20 anos, moradores próximo do templo em Santo António dos Cavaleiros, os responsáveis pela subtracção, movidos por razões de ordem mercantil que não artística, dado terem transaccionado os instrumentos em Castelo Branco e Mafra. Aguardam julgamento a efectuar no Tribunal de Loures.

ASSALTADA A «BOUTIQUE» situada na Rua Domingos Sequeira, número 11 em Campo de Ourique, populoso e popular bairro de Lisboa onde nos últimos tempos os estabelecimentos e residências estão a ser alvo de certos amigos do alheio. Desta vez o apetite dos assaltantes seria despertado por vestuário e malas de senhoras de que se abasteceram à larga causando um prejuízo causado em algumas centenas de contos.

FALECEU NO PORTO, na sua residência, a professora Maria do Céu Araújo, de 41 anos, do quadro da Escola Secundária António Nobre e subdirectora da revista «O Professor». Activa participante dos «Núcleos de Estudo», Maria do Céu Araújo foi ainda uma activa sindicalista e pertenceu aos corpos gerentes do Sindicato dos Professores da Zona Norte.

O JOGO EM ESPINHO deveria voltar às nossas páginas nesta edição do «DL», conforme ontem anunciámos. Motivos de ordem técnica levaram-nos a adiar para amanhã a publicação da conversa que tivemos com o administrador da Solverde. As nossas desculpas.

Mitterrand em Lisboa

Presidente francês não fica em Queluz

François Mitterrand chega esta tarde a Lisboa. O presidente da França vem para uma visita oficial de dois dias. Na comitiva, três ministros. Do programa constam, para além dos encontros com Eanes e das audiências ao Primeiro-Ministro e líderes partidários, uma deslocação à Assembleia da República. Mas a nota mais interessante da visita há-de ser certamente o facto de Mitterrand diferentemente do que é costume passar-se com chefes de Estado em visita oficial, não ir instalar-se no Palácio de Queluz, e sim na Embaixada de França em Lisboa.

Este pormenor prender-se-á com a pouca demora da visita: oficialmente de dois dias, na prática, porém, não irá muito além das vinte e quatro horas. De qualquer modo, o facto também não deve considerar-se indiferente às intenções do Eliseu, que pretendem realçar o carácter amistoso desta visita e o fundo cultural e político em que ela deve situar-se, considerando igualmente a enraizada identidade da parte de Portugal em relação a França.

Os três ministros que vêm com François (e Danielle) Mitterrand são Claude Cheysson, das Relações Exteriores, André Chandernagor, dos Assuntos Europeus, e Yvette Roudie, da Condição Feminina.

Mitterrand chega esta tarde e ainda esta tarde terá um frente-a-frente com Eanes, em Belém e prevê-se que durante cerca de hora e meia.

Amanhã o presidente da França toma o pequeno-almoço com Mário Soares e recebe, a seguir o Primeiro-Ministro Pinto Balsemão, antes do ministro dos Estrangeiros, Gonçalves Pereira. Ao fim da manhã irá a S. Bento e à Assembleia da República. E o almoço é com Eanes, a sós, na Embaixada francesa.

Entretanto, os ministros, que integram a comitiva presidencial têm também reuniões de trabalho com homólogos portugueses ou correspondentes aos mesmos sectores, do actual Executivo da AD.

De que vai falar-se, designadamente nos encontros entre Mitterrand e Eanes? Não é preciso especular. Vai-se falar das relações entre os dois países, sem preocupações especiais já que actualmente não há qualquer contencioso ou problema pendente a resolver. E poderá falar-se de África.

Entretanto, «O Jornal», na sua edição de hoje e em envio do seu correspondente em Paris, adianta que Mitterrand vem a Lisboa para estudar «dossiers» e, provavelmente, «vender» centrais nucleares. A venda de centrais nucleares francesas a Portugal será uma hipótese a médio prazo. Da parte portuguesa deverá apurar-se o que houver de definitivo na posição de Paris quanto à pretensão portuguesa de integrar-se na CEE. Já se sabe que Mitterrand tal como o seu antecessor Giscard, apoia a adesão de Lisboa à CEE. Quanto a problemas que existam, eles devem ser fundamentalmente resolvidos ou ultrapassados por própria iniciativa de Portugal.

Joaquim Namorado no "DL"

Moralidades e Invenções

Na próxima semana o escritor Joaquim Namorado publica no «DL» uma colaboração intitulada: **A Verdadeira História de Branca de Neve.** Promete – e nós desejamos vivamente que cumpra a promessa – dar-nos com regularidade as suas **Moralidades e Invenções.** Não é necessário dizer aos nossos leitores quem é Joaquim Namorado. O professor de Matemáticas Superiores na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, continua a ser – será sempre – o poeta inovador e irreverente do «Novo Cancioneiro» – um dos fundadores do «movimento neo-realista» português.

Até ao fim do ano

Embaixador da Guiné em Lisboa confirma libertação de Cabral

O embaixador da Guiné-Bissau em Lisboa confirmou ontem, durante uma conferência de Imprensa, que o ex-Presidente Luís Cabral será libertado até ao fim do ano corrente, para cumprir uma deliberação do Congresso Extraordinário do PAIGC, recentemente realizado em Bissau.

Leonel Vieira reuniu-se com os jornalistas para lhes transmitir a visão oficial das conclusões do Congresso porque, disse, «os jornais não são coerentes entre si e divulgaram várias notícias até contraditórias sobre o mesmo assunto». Segundo o embaixador, o Congresso, conclusão lógica do 14 de Novembro, «restabeleceu a confiança entre o partido e o povo».

«Luís Cabral», disse Leonel Vieira, na sua condição de pequeno-burguês não compreendeu esta problemática, dando azo ao 14 de Novembro que visou a reconciliação entre o Povo e o PAIGC que decidiu reassumir a linha apontada por Amílcar Cabral».

O «Diário de Lisboa» fez ao embaixador quatro perguntas. Ei-las com as respostas do dr. Leonel Vieira:

– Uma das razões principais que justificaram o 14 de Novembro foi o desrespeito pelos direitos do homemn, que era visível, por exemplo, nas prisões arbitrárias prolongadas, sem julgamento e sem acusação definida. Com a nomeação de um novo Procurador-Geral da República, antigo opositor ido de Lisboa, e no quadro do Congresso, foi publicada ou vai ser preparada alguma lei que fixe os limites de tempos máximos em que um cidadão poderá estar preso sem pronúncia?

«O 14 de Novembro foi há pouco mais de um ano. Temos projectos nesse domínio. Muita coisa mudou e o partido e o povo fizeram as pazes. Mas temos muita falta de quadros na Justiça e ainda não foi possível resolver essa situação. Ainda é cedo para podermos exigir num ano o que não foi feito em sete. Mas o Governo vai dar solução.»

– A expulsão do secretário-geral Aristides Pereira do PAIGC não foi apenas uma figura de retórica, dado que ele se tinha auto-excluído ao fundar um novo partido, o PAICV, em Cabo Verde?

«A pergunta tem a sua razão de ser e nós respeitamos as opções do ex-secretário-geral. Mas tinha sido nomeado pelo Congresso e o Congresso quis vincar bem que o expulsava pelos seus erros.»

– As notícias mais recentes vindas da Guiné dizem que se agudizaram os problemas da falta de divisas estando o país nesse aspecto quase a zero. Em função dessa situação, o sr. embaixador podia dar-nos uma ideia de quanto custou à Guiné-Bissau, em divisas, a publicação de um volumoso suplemento num semanário de direita, em Portugal, inclusive com publicidade de página de empresas públicas que nem sequer começaram a funcionar?

«Não vim aqui para falar de divisas. Mas qual é o país que não tem dívida externa? O problema das divisas não é exclusivo da Guiné-Bissau. Mas se um jornal de direita quis fazer um suplemento isso é bom para a Guiné. Falou com os dirigentes e não cortou nem acrescentou nada. Publicou o que lhe dissemos. Há jornais de esquerda que têm falado mal da Guiné-Bissau ou não falam nada. Se um jornal de direita quer fazer um suplemento para falar da Guiné-Bissau isso é bom e não temos que estar a fazer contas a quanto é que isso custa em divisas.»

– O golpe de Estado foi vivamente apoiado em Lisboa pelas organizações de oposição ao PAIGC, nomeadamente pela UPANG.

Disse-se, então, que estavam criadas as condições para o regresso dessa gente a Bissau. Pode dizer-nos se essas organizações se desfizeram e se integraram na nova ordem constitucional, uma vez que deixaram de ouvir-se as suas públicas declarações de apoio à mudança política na Guiné?

«Que eu saiba, regressou um camarada mas como filho da Guiné e não como dirigente de um partido. Eu não sei se a UPANG existe ou não, se continua. Quem deu o seu apoio, fê-lo na condição de filho da Guiné e nós não fazemos discriminações. Eu não estou em Portugal para dialogar com a UPANG. Só conheço um partido, o PAIGC e não conheço outro nem aqui em Portugal nem na Guiné.»

EXTREMO ORIENTE

3 EXCURSÕES DE ÊXITO CRESCENTE

SONHO DO JAPÃO - 17 DIAS

«MILÉNIOS DE HISTÓRIA E CIVILIZAÇÃO»
ACOMPANHAMENTO
abreu

Visitando TOQUIO – KAMAKURA HAKONE – OSAKA – KYOTO – NARA HONG KONG – MACAU e BANGKOK
Partidas: 30/11/81; 8 2 e 22 3

ÍNDIA, NEPAL E TAILÂNDIA - 17 DIAS
Visitando: DELI – JAIPUR – AGRA KATHMANDU – BANGKOK e PATTAYA
Partidas: 28/11 e 20/3/82

TAILÂNDIA - 11 DIAS
Visitando: BANGKOK (RIO KWAI - AYUTHAYA E BANG-PA-IN Opcionais) PATTAYA e ILHA DOS CORAIS
Partidas: 29/12; 16/2 e 30/3

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu fundada em 1840

PORTO: Av Aliados, 207 • Telef 31 79 21
LISBOA: Av. Liberdade, 160 • Telef 37 13 41
" Av. Roma, 66 B • Telef 80 36 09
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 270 11/2
FARO: Av. Republica, 124 • Telefs. 250 35/6
FUNCHAL: Rua Gorguilho, 1 • Telefs. 310 77/8

EXCURSÕES abreu
NATAL • FIM DO ANO • REIS
MARAVILHOSAS VIAGENS ACOMPANHADAS

• Preços excepcionais, a vantagem dos voos especiais!
• A garantia de serviços com a tradicional qualidade abreu!

EM AVIÃO A JACTO
AMSTERDAM 28 DEZ
LONDRES 20, 23, 27 DEZ. e 3 JAN
FUNCHAL 20, 22, 23, 26, 27, 28, 29 DEZ, 3 e 5 JAN
PARIS 22, 29 DEZ. e 5 JAN.
AÇORES 19, 26 DEZ e 2 JAN
AÇORES E MADEIRA - 24, 31 DEZ
AGADIR 19, 26 DEZ. e 2 JAN
BENIDORM 19, 26 DEZ e 2 JAN.
PALMA e/ou IBIZA 20, 27 DEZ e 3 JAN
TAILÂNDIA 28 DEZ
NOVA IORQUE 26 DEZ
BRUXELAS, GAND E BRUGES [illegible] DEZ
ROMA e/ou ATENAS [illegible] DEZ

AVIÃO + AUTOPULLMAN
TERRA SANTA [illegible] DEZ
BENELUX, PARIS E VALE DO RENO [illegible] DEZ
CIRCUITO ITALIANO [illegible] DEZ
MARROCOS Cidades Imperiais 3 / 26 DEZ e [illegible] JAN

ALGARVE, SERRA NEVADA e outros destinos Consulte-nos.

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES abreu fundada em 1840
LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 • Telef 371341
LISBOA Avenida de Roma, 66-B • Telef 803609
PORTO Avenida dos Aliados, 207 • Telef 317921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telef 27011/2
FARO - Avenida da Republica, 124 • Telef 25035/6
FUNCHAL - Rua do Gorguilho, 1 • Telef 31077/8

Diário de Lisboa

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA, 11 DE DEZEMBRO DE 1981

Estórias de Portugal

Vivemos um tempo cientificamente elaborado, um período exemplarmente arquitectado, uma estória superiormente politizada. Tudo se faz criteriosamente. Nada se deixa ao cuidado do acaso. A competência com que nos gerem torna mais gira as nossas existências permitindo-nos uma descontração quotidiana nunca outrora alcançada. Podemos dormir em paz porque, e tanto faz que acordemos virados para a direita como para a esquerda, enquanto dormimos várias cabeças olham por nós, decidem por nós, tratam de nós. E tudo corre no melhor dos Mundos.

Noticiam os jornais que o leite vai subir?... O que é que tem?!...

Não tinham noticiado os mesmos jornais, vinte e quatro horas antes, que um português inventou um processo de não deixar o leite ir por fora?!... Só um cego não vê a relação entre as duas notícias. Estes nossos gerentes seriam incapazes de decidirem a subida do leite sem a compensação de um fervedor que o não deixasse ir por fora. Os homens que nos gerem pensam em tudo, está tudo calculado, o imprevisto não tem lugar nas suas mesas de trabalho.

O vinho também sobe?... É sinal que é bom. Só o vinho que não presta é que não sobe, já diziam os nossos avós. Quanto mais o vinho subir melhor. Quem não for capaz de beber vinho que suba beba água.

Genialmente, as notícias do que está para nos acontecer encadeiam-se harmonicamente em claros-escuros, cambiantes ora delicados ora agrestes mas sempre festivamente inspirados nas paletas dos senhores ministros. Que os senhores ministros usam paletas. Não podem deixar de usar paletas. Alguns deles devem usar mesmo duas paletas. E com elas tornam Portugal mais alegre... Uma pincelada agora... Outra mais daqui a bocadinho... Um exemplo típico do dar a conhecer às gentes às colherzinhas, «vá lá esta pelo papá», «esta pela mamã», «esta pelo primo Augusto», deu-nos, ainda agora, o «menino prodígio» do Turismo, o senhor doutor Nandim de Carvalho com duas decisões aparentemente contraditórias mas, afinal, bem ligadas entre si, amarradas, siamesas.

Primeiro declarou guerra ao «Turismo do Cuspo», baniu «o turista do garrafão», acabou com as excursões ciclo-turísticas, c'a gente não quer cá vadios, vão trabalhar madraços!...

Foi uma decisão de largo alcance que, uma vez adubada e copiosamente regada, dará os seus frutos apetitosos, desde que não lhes entre o bicho. Nas fronteiras ergueram-se dificuldades para que nem todo o estrangeiro possa entrar por aqui dentro como se este país fosse o da Joana. Foi bem feito.

Mas logo a seguir ainda foi melhor.

Realizando-se em Portugal o Campeonato da Europa de Andebol, em Esperanças, achou-se por bem facilitar a entrada nas fronteiras para que o maior número de estrangeiros possível pudesse, ao câmbio do dia, assistir aos encontros dos jovens andebolistas. E se está provado que para o andebol nos falta a mão ninguém poderá dizer que para o Turismo governamental nos falte o dedo.

Com esta medida de largo alcance, demos uma lição aos «nuestros-hermanos» que, invejosos da captação de pesetas obtidas via andebol, mostrando-se bons alunos do mestre lusitano, reinvidicaram para os Mundiais de Futebol as mesmas facilidades fronteiriças. E temos um novo acordo de pescas. Com ligeiríssimas diferenças uma vez que a lagosta desta vez está em Espanha e o carapau para o gato ficou por cá. O que seria óptimo se neste momento estivessemos a pescar lagosta e carapau para o gato e nós fôssemos a Espanha buscar a lagosta dando-lhes a contrapartida do carapau para o gato. Mas a lagosta e o carapau para o gato ou, se preferirem, o Mundial de Futebol e o Europeu de Andebol, não passam de iscos, engodos de uma outra pesca: a pesca às «fanfas», espécie cada vez mais rara que se divide em dois géneros, as notas e as moedas. Não faço a mínima ideia se os nossos gerentes têm esperanças de com as ditas, à mão, pescarem tanta peseta como os espanhóis de certeza apanharão escudos com as certezas ao chuto.

O que parece é que, em versão nova, na Gomes Teixeira lá de Madrid se terá vivido uma velha estorieta, para adultos de sólida formação moral. De facto, quando o encarregado do Turismo espanhol dava conta a D. Calvo que tudo correra pelo melhor e que os «hermanos» portugueses esperavam ir buscar muitas pesetas com o Europeu de Andebol. O primeiro-ministro espanhol arregalou os olhos incrédulo e perguntou num espanto:

«— À mão?!!!»

Francisco Nicolson

Questões de Método

Edgar Morin enciclopedante

«Sou um caçador furtivo do saber e é por isso que os guardas Venatórios atiram sobre mim...», diz Edgar Morin de si próprio. A investigação que iniciou a fim de tentar compreender a organização do mundo diz respeito a todos os domínios do conhecimento, desde a filosofia às ciências físicas, biológicas e humanas.

Edgar Morin dirige o Centro de Estudos Transdisciplinares da Escola de Altos Estudos de Ciências Sociais, e é director de investigação no C.N.R.S. Como qualificar a sua investigação actual?

Morin é um sociólogo, um epistemólogo, uma testemunha ou um actor do tempo presente? Seria errado tentar definir este espírito inventivo dotado de uma espantosa capacidade de renovação interrogativa.

Estamos em presença de uma obra infinitamente diversificada e, no entanto, unificada por uma única corrente de fundo.

De **L'An zéro de l'Allemagne** a **L'Homme et la Mort,** do **Paradigme perdu** a **La Méthode,** elabora-se um esforço de síntese, uma procura do radicalmente novo que, de um modo irredutivelmente pessoal, reflecte uma época. Segundo Edgar Morin os espantosos progressos das ciências da natureza não devem levar-nos a rejeitar as ideias de vida, a existência do indivíduo sujeito, mas permitir-nos finalmente conhecê-los. Uma tal compreensão necessita de um novo método, concepção inédita da relação entre a ordem, a desordem e a organização, que nos faça chegar à complexidade da realidade viva.

— Como «sociólogo do presente» mergulhou várias vezes no acontecimento: Maio 68, o rumor de Orléans, a contracultura. Mas actualmente, ei-lo noutra esfera, em busca de uma síntese transdisciplinar que também se liberta do seu último trabalho «Pour sortir du XX siècle». Que unidade está na base desta dispersão aparente?

— O meu ponto de partida é duplo. Por um lado há a atenção dada ao acontecimento, que nos traz sempre qualquer coisa que a teoria não tinha previsto; por outro lado, a interrogação sobre o humano e a busca de uma antropologia que não seja insular no universo físico e biológico. Isso acontece com os meus primeiros livros: **L'An zéro de l'Allemagne,** inspirado no meu espanto e na minha fascinação perante esse país em ruínas, decapitado, onde eu chegava, no exército vitorioso: **L'Homme et la Mort,** que analisa o fenómeno que é, ao mesmo tempo, o mais biológico de todos — a morte inevitável — e o mais cultural — os mitos universais e as crenças fabulosas no além da morte. Como o disse La Rochefoucault, **«tanto a morte como o sol não podem ser olhados de frente».** Eu quis pois olhar o homem olhando a morte, e essa necessidade de reflexão — esse olhar sobre o olhar que olha — não deixou de se desenvolver na minha obra; é efectivamente depois de 1968 que ela é renovada graças aos encontros do «grupo dos dez», durante a minha estadia no Instituto Salk, na Califórnia, e que me permitem descobertas simultâneas da nova biologia, da teoria dos sistemas e da cibernética, da teoria da informação e, finalmente, do problema-chave da auto-organização.

— De que modo modificaram, essas novas teorias, os seus trabalhos?

— Elas abriram-me aos problemas-chave da ordem, da desordem e da organização.

Continua na pág. 7

Agenda Sete Ponto Sete

Cinema

● O mistério de Oberwald
de Michelangelo Antonioni
(Itália — 1980)

Antonioni de novo na linha da frente do cinema. **O mistério de Oberwald,** em que uma técnica de vanguarda (o vídeo) se funde com uma **mise-en-scéne** clássica, é um dos mais apaixonantes filmes do ano, um dos raros onde se fala, trabalha, exibe uma morte e um recomeço.

Cinema Quarteto — Sala 3
(14, 16.30, 19 e 21.45 h)
(não acons. men. 13 anos)

● O direito do mais forte à liberdade
de Rainer Werner Fassbinder
(RFA — 1975)

A dominação de classes na social democrática Alemanha Federal. A alienação do mais fraco e a rapina do mais forte. Inquietante e agressivo. Fassbinder num dos cumes da sua extensa carreira.

Cinema Cinebloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30 h.)
(interdito a men. 18 anos)

● Francisca
de Manoel de Oliveira
(Portugal — 1980)

Oliveira confirma-se um autor na posse de um **sistema** ficcional pessoalíssimo e coerente, que **Francisca** demonstra estar perfeitamente consciencializado. Pode-se amar ou detestar, não ficar indiferente. Mas que é, sem dúvida, um dos mais belos filmes de todo o cinema português, eis o que nem oferece discussão.

Cinemas ABCine — Sala A
(14.30, 17.30 e 21.15 h.)
e S. Jorge 3
(14, 17.30 e 21 h.)
(não acons. men. 13 anos)

● Vai trabalhar malandro
de Jerry Lewis
(U.S.A. — 1979)

O regresso de Jerry Lewis, após quase uma década de silêncio. Mesmo se **Vai trabalhar malandro** é um filme amargo e dolorido, a volta de Lewis é, por si só, um acontecimento.

Cinema Apolo 70
(13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 h.)
(não acons. men. 13 anos)

● Lili Marleen
de Rainer Werner Fassbinder
(R.F.A. — 1981)

Já alguém disse que a «moral» deste filme se poderia resumir a «o amor não é mais forte que o dinheiro». Fassbinder filma sumptuosamente a luta de classes ao som de uma canção célebre.

Hanna Schygulla, apaixonante.

Cinema Londres
(14, 16.30, 19 e 21.30 h.)
(não acons. men. 13 anos)

● O carteiro toca sempre duas vezes
de Bob Rafelson
(U.S.A. — 1981)

O desejo e a morte, a norma e a transgressão. A fabulosa Jessica Lange encontra o sólido Jack Nicholson e juntos são o primeiro grande par amoroso da década cinematográfica.

Cinema Alfa 3
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h.)
(não acons. men. 18 anos)

«O direito do mais forte à liberdade», de Rainer Werner Fassbinder

● Os salteadores da arca perdida
de Steven Spielberg
(U.S.A. — 1981)

A aventura trepidante com a marca de «Lucas». O puro prazer lúdico sem consequências.

Cinemas Alfa 1
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h.)
Berna e Mundial
(14, 16.30, 19 e 21.30 h.)
(não acons. men. 13 anos)

● Bom povo português
de Rui Simões
(Portugal — 1975/80)

O luto pela Revolução. Rui Simões encerra, assim, os «filmes de Abril» com uma serenidade e coragem exemplares.

Cinema Quarteto — Sala 4
(14, 16.30, 19 e 21.45 h.)
(não acons. men. 13 anos)

● Excalibur
de John Boorman
(U.S.A.-1980)

A publicidade a este filme inclui uma menção referindo que o «Diário de Lisboa» o teria considerado fabuloso. Não me lembro de ter escrito tal coisa. Devo estar a ficar gágá.

Cinemas Monumental
(15.15, 18.15 e 21.30 h.)
e Terminal
(11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.)
(interdito a men. 13 anos)

● Crónica da mais velha profissão do mundo
de Daniel Duval
(França — 1979)

Um dos maiores sucessos em exibição, talvez pelo tema (a prostituição), talvez pela classificação etária (interdito a menores de 18 anos). O filme vê-se mas os seus horizontes não são demasiado interessantes.

Cinema Quarteto — Sala 2
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h.)
(interdito a men. 18 anos)

● 007 --Missão ultra-secreta
de John Glen
(G.B. — 1980)

James Bond recicla-se pelo burlesco. Supreendentemente divertido.

Cinema S. Jorge 2
(14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h.)
(interdito a men. 13 anos)

● Eu te amo
de Arnaldo Jabor
(Brasil — 1980)

O comércio do sexo feito por um intelectual envergonhado. Nulo, pretensioso, repelente.

Cinemas Condes
(14, 16.30, 19 e 21.30 h.)
e Nimas
(14, 16.15, 18.30 e 21.30 h.)
(não acons. men. 18 anos)

AS ESTRELAS

O Mistério de Oberwald	★★★★
O Direito do Mais Forte à Liberdade	★★★★
Francisca	★★★★
Vai Trabalhar Malandro	★★★
Lili Marleen	★★★
O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes	★★★
Os Salteadores da Arca Perdida	★★★
Bom Povo Português	★★★
Excalibur	★★
Crónica da Mais Velha Profissão do Mundo	★★
007 --Missão Ultra-Secreta	★★
Eu te Amo	●

A «CHAVE»

★★★★ — Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
● — A evitar

Teatro

ABC

● «O Escabeche»
de C. de Oliveira, F. Nicholson e R. Bracinha
Um escabeche que dura, dura, sabe-se lá porquê.

«ADOQUE»

● «Paga as Favas»
de F. Nicholson e G. Preto
As favas estão cada vez mais caras. Aproveite enquanto não vem aí outra «inflação».

BARRACA

● «Fernão Mentes?»
de Hélder Costa
Uma viagem trepidante por tempos e países longínquos. Bela música de José Afonso, Fausto e Orlando Costa. Indispensável.

COMUNA

● «A Mesa — Palavras de Mulheres»
de Michèle Foucher
Um espectáculo que vem do Porto. O grupo Cena com uma intérprete num solo de grande nível, Júlia Correia. Indispensável.

D. MARIA II

● «Rómulo, o Grande»
de F. Durrenmatt
Um grande texto e um grande actor (Rui de Carvalho). Indispensável.

CASA DA COMÉDIA

● «Seis Aparições de Lénine Sobre um Piano»
de Noel Coward
Noel Coward revisto por Fernando Heitor. Um espectáculo divertido com duas actrizes que valem a deslocação: Maria Emília Correia e Mariana Vilar. Indispensável.

MARIA MATOS

● «A Tragédia da Rua das Flores»
de Eça de Queirós
Eça com pouco Eça. Pode-se evitar.

MARIA VITÓRIA

● «Não Há Nada P'ra Ninguém!»
de H. Santana, C. Oliveira, R. Bracinha e A. Fraga.
Quase uma grande revista. Ivone Silva, como sempre: fabulosa. Indispensável.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

● «Não se Paga! Não se Paga!»
de Dario Fo
Agora em últimas: indispensável.

TEATRO DA CAIXA
(Av. da República)

● «O Tio Vânia»
de Tchekhov
O mais belo Tchekhov do Teatro português. Indispensável.

VASCO SANTANA

● «O Homem Que Se Julgava Camões»
de Luzia Maria Martins
Um teatro transformado, um estupendo espaço teatral, um dispositivo cénico que é uma verdadeira criação (António Alfredo), alguns momentos plasticamente belos. Só falta o espectáculo.

PARA AS CRIANÇAS

Um momento quantitativamente alto do teatro infantil. Pelo menos em fim de semana tem muito por onde escolher. No Adoque está «Teatrinho», um divertimento teatral sobre o teatro; na Casa da Comédia, «Meu Amor Pequenino», sobre contos de António Botto; na Comuna, o grupo Joana, um dos melhores do género, com «Uma História na Ponta do Nariz», demasiado breve; no Teatro Aberto, o T.I.L. com «A Viagem de um Barquinho», de Sylvia Orthof; no Teatro da Graça, «Coisas do Faz de Conta» pelo grupo Papa-Léguas»; no T.N.T., «Concerto de Contas».

FORA DE LISBOA

MONTE ESTORIL
(Teatro do Picadeiro)

● «Onde Vaz, Luiz?»
de Jaime Gralheiro
Um espectáculo sobre Camões que é um gosto. Indispensável.

Sue Lyon e Richard Burton, o universo sensual de Tennessee Williams num filme de John Huston: «A noite do iguana», a exibir na Cinemateca no dia 17

Cinema americano em ciclos

Na Cinemateca (Palácio Foz) e na Gulbenkian, prosseguem ciclos de cinema americano. Enquanto o dos anos 50 está a chegar ao fim, o da Cinemateca (anos 60 e 70) está aí para durar. E, esta semana, com um punhado de filmes que, se o leitor não viu, não deve perder. Vejamos:

Hoje (21.30 h), **Adeus ilusões,** assinado por Minnelli e com Burton a ser seduzido por Elizabeth Taylor nas praias perdidas do desejo. Bronson começava, então (1965), carreira e também entra.

Dia 14 (21.30 h) um pastelão bíblico mais que dispensável, **A maior história de todos os tempos** com Max von Sydow a fazer de Cristo e Carroll Baker de Maria Madalena; o filme é de George Stevens e data de 1965.

Dia 15 (21.30 h) um «filme negro» tardio de John Boorman, então em pleno vigor ascendente: **À queima-roupa.** Lee Marvin e Angie Dickinson preenchem o **écran.**

Dia 16 (21.30 h) o célebre e (muito visto) **Bonnie e Clyde** de Arthur Penn que vale sempre a pena, quanto mais não seja pela Faye Dunaway.

Dia 17, Huston visita o universo mórbido das paixões de Tenessee Williams em **A noite do iguana.** Três actores sensacionais (Richard Burton, Ava Gardner, Deborah Kerr) e a jovem «lolita» Sue Lyon compõem o quarteto dirigido pela afinada batuta de John Huston.

Entretanto, na Gulbenkian, a recta final que falta cumprir tem enormes atractivos.

Hoje é dia de Douglas Sirk: às 21.30 h, **Escrito no vento** e o célebre **Tempo para amar e tempo para morrer.**

Amanhã (12) ria-se à tarde e tema à noite. Às 15.30 h duas comédias, **Jerry ama-seca** de Frank Tashlin (Jerry na rampa para o grande autor que se revelaria, na década seguinte) e **Quanto mais quente melhor** de Billy Wilder, com Marilyn e dois memoráveis **Travestis** de Jack Lemmon e Tonny Curtis. Às 21.30 h, dois filmes de Hitchock, **A mulher que viveu duas vezes** com James Stewart e Kim Novak e **Intriga internacional** com Cary Grant, James Mason e Eve Marie Saint. Imprescindível.

Domingo (13) também é dia cheio. À tarde (15.30 h) o sempre revisitável **Rio Bravo** de Howard Hawks e um raro filme de Nicholas Ray, **A floresta interdita.** À noite, (21.30) um dos mais renomados trabalhos de Otto Preminger, **Anatomia de um crime,** um dos grandes momentos de James Stewart.

Quinta-feira (17), às 21.30 h, é a noite de Elizabeth Taylor e de Tennessee Williams: **Gata em telhado de zinco quente** de Richard Brooks e o fabuloso **Bruscamente no Verão passado** de Joseph L. Mankiewicz, onde, além de Liz Taylor, temos mais dois monstros sagrados do cinema, Katharine Hepburn e Montgomery Clift.

O notável ciclo de cinema americano dos anos 50 encerra na sexta-feira, dia 18, às 22 horas com **Deus sabe quanto amei** de Vincente Minnelli.

J.L.R.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

«Acto da Primavera»

OLIVEIRA, MANOEL DE — Realizador

Nasceu no Porto, a 10 de Dezembro de 1908, numa família da burguesia industrial daquela cidade. Faz os estudos elementares num colégio de La Guardia. Desde muito novo que se interessa pelo cinema mas é como desportista (atletismo e automobilismo) que o seu nome ganha a primeira notoriedade. Tem uma juventude algo boémia, chegou a fazer um número de trapézio voador nas festas anuais do Sport Clube do Porto e, com vinte anos, na mira de se tornar um galã do cinema, inscreve-se na «Escola de Actores de Cinema», fundada no Porto por Rino Lupo. É por essa via que, como figurante, participa pela primeira vez num filme: **Fátima milagrosa** de Rino Lupo (1928).

No ano seguinte, com uma máquina de 35 mm rudimentar que comprara do seu próprio bolso e com um guarda-livros que gostava de fotografar como operador (António Mendes), começa a rodagem do seu primeiro filme, **Douro faina fluvial,** cuja versão muda seria estreada em 1931, a 21 de Setembro, no Congresso Internacional da Crítica. Violentas reacções dos críticos portugueses e o aplauso da crítica estrangeira marcam o primeiro contacto de Oliveira com o público, num ciclo que se havia de repetir durante cinquenta anos (pelo menos...).

fundada no Porto por Rino Lupo. É por essa via que, como fogurante, participa pela primeira vez num filme: **Fátima Milagrosa,** de Rino Lupo (1928).

No ano seguinte, com uma máquina de 35 mm rudimentar que comprara do seu próprio bolso e com um guarda-livros que gostava de fotografia como operador (António Mendes) começa a rodagem do seu primeiro filme, **Douro Faina Fluvial,** cuja versão muda seria estreada em 1931, a 21 de Setembro, no Congresso Internacional da Crítica. Violentas reacções dos críticos portugueses e o aplauso da crítica estrangeira marcam o primeiro contacto de Oliveira com o público, num ciclo que se havia de repetir durante cinquenta anos (pelo menos...).

Avelino de Almeida, José Régio e Adolfo Casais Monteiro foram dos raros intelectuais portugueses a escreverem o seu apoio a um filme com o qual começa, verdadeiramente, o **cinema novo** em Portugal.

Em 1933, Oliveira é, de novo, actor em **A Canção de Lisboa,** de Cotinelli Telmo e, em 1934, uma versão sonorizada com música de Luís de Freitas Branco, de **Douro Faina Fluvial** é exibida comercialmente. O filme inicia, então, uma série de apresentações no estrangeiro que não mais pararia, até hoje.

Oliveira começa então a delinear projectos que se gorariam. **Desemprego, Gigantes do Douro, Hino de Paz, Luz, Roda, A Mulher que passa, Prostituição,** são títulos que não passaram do papel nos anos 30. Entretanto alguns documentários foram possíveis: **Miramar, praia das rosas; Em Portugal já se fazem automóveis** e **Famalicão.**

Em 1941, com produção de António Lopes Ribeiro, Oliveira realiza o seu primeiro filme de ficção, Aniki-Bobó, a que se segue mais uma travessia do deserto. Casara, em 1940, com Maria Isabel Brandão Carvalhais e as várias incompreensões a que foi votado (nomeadamente do Fundo de Cinema que lhe recusa subsídios) fazem-no estar inactivo cinematograficamente mais de uma década. Já nos anos 50 dois projectos não se concretizam: **Angélica** e **Pedro e Inês.**

Em 1955 desloca-se à Alemanha para estudar a cor no cinema e, com aparelhagem por ele mesmo adquirida, escreve, produz, fotografa, monta e dirige, no ano seguinte, **O pintor e a cidade.** Mais duas longas metragens goradas (**O bairro de Xangai** e **Do ano dois mil não passarás**) e um novo documentário rodado, **O pão** (1958/59).

Manoel de Oliveira

Ainda em 1959 começa a rodagem de **A caça** que só terminaria em 1963. Os anos 60 viriam a marcar o início da consagração de Manoel de Oliveira no plano internacional, a partir da Itália (1964: medalha de ouro no Festival de Viena com **Acto da Primavera; A caça** passa no Festival de Bergamo) e da França (1963: estreia comercial de **Acto da Primavera** em Paris; 1965: retrospectiva da sua obra na Cinemateca Francesa de Henri Langlois). Também em Portugal lhe é prestada uma homenagem nacional em 1963, o ano em que **Acto da Primavera** impõe, em definitivo, o seu autor.

Nos anos 70 realiza a sua tetralogia dos «amores frustrados» e a consagração crítica internacional cimenta-se. Aos setenta e três anos de idade, em plena actividade, Oliveira é, sem dúvida, o mais importante cineasta de todo o cinema português.

FILMOGRAFIA: Douro, faina fluvial CM (1929/31); **Em Portugal já se fazem automóveis** CM (1937); **Miramar, praia das rosas** CM (1937); **Famalicão** CM (1940); **Aniki-Bobó** (1941/42); **O pintor e a cidade** CM (1956); **O pão** MM (1958/59); **Acto da Primavera** (1961/62); **A caça** CM (1959/63); **As pinturas do meu irmão Júlio** CM (1959/65); **O passado e o presente** (1971); **Benilde ou a Virgem-Mãe** (1974) **Amor de perdição** (1976/78); **Francisca** (1980).

Outros filmes: como actor, **Fátima milagrosa,** de Rino Lupo (1928); **A canção de Lisboa,** de Cotinelli Telmo (1933); como supervisor: **A propósito da inauguração de uma estátua — Porto 1100 anos** CM de Artur Moura, Albino Baganha e António Lopes Fernandes (1966); **Sever do Vouga.... uma experiência** MM de Paulo Rocha (1971).

Maria Amélia Aranda e Maria Barroso em «Benilde ou a virgem-mãe»

Se Manoel de Oliveira é hoje considerado como o maior vulto do cinema português, se alguns dos seus filmes **(A caça, Acto da Primavera)** suscitam unanimidades, não é líquido que aquela zona da sua obra que mais firmemente o impôs (as quatro longas metragens que dirigiu entre 1970 e 1980) se possa considerar como um corpo cinematográfico indiscutível. Pelo contrário. Dá ideia que filme a filme, a polémica sobre as suas virtudes e defeitos se reacende com um estrépito só variável mercê do maior ou menor tom prévio dado pela crítica internacional sobretudo francesa.

Desde sempre que assim foi mas hoje tal polémica «percebe-se» melhor. Com efeito, como aceitar que este realizador que dirige mal actores, que escolhe textos indizíveis, que insiste num trabalho de câmara fixa, que prenche o espaço do **écran** de elementos de teatralidade, como aceitar que o seu cinema, tão marcado por **carências** e **parti-pris,** seja, de facto, um cinema grande entre os maiores como muitos teimam em proclamar?

O problema está, creio eu, em definir meia dúzia de axiomas (parecem evidentes) que afinal serão teoremas (carecem de demonstração): 1. O que é dirigir bem actores, o que é a direcção de actores no cinema? 2. Que textos são dizíveis em cinema, ou, se quisermos, onde está a fronteira que separa o legível do dizível? 3. Qual o tempo prescrito para a duração do plano, quais os limites para a sua fixidez? 4. Qual a diferença entre cinema e teatro filmado? E poder-se-ia continuar a perguntar.

Julgo que a estas questões não há resposta cabal, de resto Ozu já nos fizera pôr em causa a maioria das «leis» de continuidade que herdámos do cinema clássico. E que ninguém sabe muito bem qual é a especificidade do cinema. Se mais não fosse, Oliveira tem o mérito de, nos anos 70, possuir a instintividade desarmante dos pioneiros, numa época em que quase tudo parecia descoberto. A década de 70 marca, no seu cinema, a progressiva consciencialização desse instinto, a passagem de Oliveira de uma fase de procura a um ponto de chegada. **O passado e o presente** era a intuição, **Francisca** é a obra acabada de um novo **sistema** ficcional, onde nada é pressentido e tudo é determinado.

Teresa Meneses em «Francisca»

Não é preciso irmos até ao pioneirismo pioneiro de **Douro, faina fluvial** para se perceber que o embrião desse **sistema** se gera e desenvolve ao longo de toda a obra de Oliveira. Basta atentar num filme tão insólito quanto **As pinturas do meu irmão Júlio** (onde o representado, quadros, foge continuamente à nossa completa percepção), ou a esse filme-charneira que **Acto da Primavera** (onde Oliveira **descobre** que actores e personagens podem não ser desdobráveis e onde todo o conceito clássico de direcção de actores derrapa).

O impasse ante o seu cinema recente (sobretudo **Amor de perdição** e **Francisca**) é o de saber se o integral das carências e das qualidades que patenteia é, ou não, um edifício com outras coordenadas, um outro **sistema.** Pessoalmente penso que sim e que **Francisca** é disso a prova provada.

Claro que isto é independente de se gostar, ou não, desse **sistema.**

Uma questão, porém, fica em aberto. A de se saber se ele é algo que abre caminhos ou se é uma via lateral e sem saída. Questão que levaria a uma outra, interminável: a de se saber se o cinema, a arte em geral, é um corredor onde os grandes autores abriram novas portas. Outra pergunta sem resposta.

O grande mérito de Manoel de Oliveira é, afinal, esse: demonstrar por a + b que, em cinema, nada está de pedra e cal, pode-se partir do zero, inventar tudo.

Subs. Sec.

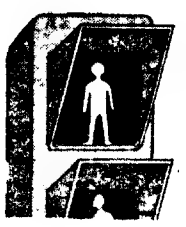
«JOANA» em Lisboa

COM

«UMA HISTÓRIA NA PONTA DO NARIZ» Criação do Grupo

TEATRO DA COMUNA

PRAÇA DE ESPANHA (METRO PALHAVÃ). SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS ÀS 15.30 H. Telefone: 2840711



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

Circular e viver

Círculos e Utopias

A «cidade dos porcos», como uma das personagens da «República», escrita por Platão, chamava à sua utopia diária, é, porventura um qualificativo demasiado directo para caracterizar os resultados práticos de uma encenação utópica.

Uma utopia é, por definição, um lugar geométrico que só existe como figuração, seja encenação desesperada de desejos ou devaneios, seja a correspondente falta deles, uma ausência total, uma impossibilidade infinita.

Em 1850 viajou para os Estados Unidos, no caminho de outros indivíduos mergulhados no mesmo deambular, um sujeito chamado Etienne Cabet. Queria construir uma «Icaria» — ou outro nome para outra época depois de Platão, ou da «Cidade de Deus», de Santo Agostinho, ou a «Nova Atlantida», de Francis Bacon, ou o «Walden», de Henry David Thoreau, ou outros que se inspiraram no Imperador Galeano que oferecera a Plotino uma cidade conquistada a para aí efectuar a vivência da «República Ideal», coisa que Plotino nunca fez, e o mesmo sucedendo a todos os que o tentaram, desejaram ou, muito simplesmente sonharam, como continuamente acontece ainda. A «Icaria» de Cabet cresceu um pouco no Middle West americano mas o seu inspirador não assistiu ao final, tendo morrido em St. Louis. Talvez tenha lido, ou talvez não, duas obras em inglês do mesmo século dedicados ao tema: «News from nowhere», do inglês William Morris, e «Looking Backward», do norte-americano Edward Bellamy. E não podia ter adivinhado o comentário ácido de um crítico acerca da versão dois de «Walden», escrita por um psicólogo americano. Disse o senhor Joseph Krutch, muito certeiramente: «utopia ignóbil». Porquê, pergunta-se; os senhores Negley e Patrick, no livro «The quest for Utopia» escreveram isto: «Os princípios psicológicos do condicionamento serviriam de fundamento à elaboração séria da utopia». E de utopias negativas se encheu a literatura deste século, num crescendo de angústias e avisos. Não se trata agora de uma sociedade ideal mas de um inferno perfeito, disse Orwell, no conhecido «1984», ou repetiram-no, na ficção ou na experiência de factos históricos concretos tantos outros.

A mesma raíz desponta noutros universos, quer dizer, a ideia de que o universo está governado pela harmonia serviu, também, para eruditos e curiosos quererem desvendar o mistério da superfície limitada por uma linha circular, a circunferência desenhada no espaço.

Rodando sobre o seu diâmetro descreve o volume da esfera perfeita e esta é a súmula dos círculos inexistentes. Da esfera fixa dos antigos, onde julgavam fixas as estrelas, à esfera dos peripatéticos — sistema de esferas cristalinas concêntricas imaginado por Eudoxo de Crido todo um caudal de livros foram escritos sobre a «esfera perfeita». Antolicus de Pitana, no século IV aC, Arquimedes, no século III aC, Teodosio de Tripoli, no século I aC, Menelaus de Alexandria, do primeiro século da nossa era, John de Hollywood (ou Johanes Sacrobosco) na primeira metade do século XIII (tratado, impresso em Ferrara no ano de 1472), Francisco Faleiro piloto português ao serviço de Espanha (tratado, do ano 1535), Pedro Nunes, matemático (tratado, do ano 1537) e muitos outros dedicaram-se ao estudo da «esfera».

Da procura da «cidade de deus», da utopia social passou o tempo a chamar os homens ao estudo da mecânica celeste aí onde o desconhecido podia desafiar a perfeição das crenças e a impossibilidade da sua experimentação. Outro desejo e outra fé para outra imaginação. Os discípulos de Pitágoras acreditaram na teoria de que os corpos celestes ao percorrerem as suas órbitas, no equador das respectivas esferas, produziam sons musicais diferentes, e nunca voltaram atrás, somente porque isso nunca podia ser provado, mas não por outras razões senão as que eles adiantavam como definitiva: os homens não podiam distinguir esses sons por estarem, desde a nascença, habituados a eles.

A figuração simbólica que se desprende do círculo perfeito encontra-se em muitos locais alicerçada no peso e na imponência do objecto encontrado para a fazer perdurar. Angkor e Broboudour, tempos orientais construídos segundo um desenho quadrado circular, as cúpulas bizantinas, românicas e renascentistas, auréolas e rosáceas de vitral, etc. demarcam-se no interior do círculo eterno, quase como se nele estivesse encerrado o segredo da divindade.

Carl Jung considerava que a representação dos quatro pontos cardeais contidos num círculo, podiam ser considerados como a representação mitológica do si-mesmo, unificado e unificando as suas quatro funções: pensamento, sentimento, intuição e sensação.

Por estes e outros secretos motivos o círculo é figurado na mandala perfeita do Hinduismo e do budismo tântrico tibetano, entre outras aplicações. A contemplação do círculo mágico provoca o equilíbrio psíquico, a concentração propícia à libertação do ciclo (círculo) da existência e da sua atracção maléfica, pois trata-se da projecção da ilusão, ilusão onde os seres estão continuamente mergulhados. Os doze anéis da cadeia da causalidade são ilustrados de maneira adequada na representação tibetana e a sua significação pode ser compreendida como a inspiração necessária aos fins antevistos — a saída da circunferência monótona, da repetição eterna.

A ideia de circulariedade inspirou muita gente. Plotino avançou, numa das suas características formulações neoplatónicas, com a hipostase da inteligência, ou seja a visão de si mesma, pela conversão (como o círculo). Procolo definiu o espiritual ou incorpóreo como sendo o «retorno sobre si mesmo», num «acto circular». A Escolástica adiantou que a circulariedade corresponde-se no conceito da ciência divina através da qual Deus se pensa a si mesmo e tudo cria pela circulariedade finalizada no amor.

Hegel pegou no círculo dos círculos que retorna sobre si mesmo — o pensamento — e reflectindo-se produz e dá a si mesmo o objecto e o começou do filosofar, enorme círculo que o ciclo do eterno retorno fez desabar sobre a cabeça de Nietzsche.

Claudio Ptolomeu, entretanto, escrevera em doze volumes «A Grande Composição» (ou «Almagesto») definido o sistema geocêntrico que Bruno arremessou fora do eixo. Os planetas já não orbitam em círculo, e a Terra não é um círculo perfeito, nem as galáxias, nem as utopias. Perduram nos livros imagens disso: Dante Alighieri desceu aos círculos concêntricos do inferno e depois à cristalina circunferência do «primum mobile».

O retorno do tempo como o círculo renascido da vida e a sua relação com o simbolismo do «centro» do círculo são analisados por Eliade: «o centro é a zona do sagrado por excelência, da realidade absoluta», e «o acto de criação consubstancia a passagem do indiferenciado ao diferenciado ou, em termos de cosmologia, do Caos aos Cosmos». O desejo de utopia é a ordenação do caos (embora não haja caos «desordenado») e a criação de um cosmos, ou a destruição de um cosmos propiciador doutro centro de criação. Do centro tudo nasce, ele é o ponto mais alto e, ao mesmo tempo o umbigo do mundo, onde começa a Criação.

Paul Klee numa nota sobre o «ponto cinzento» escreveu: «este ponto é cinzento, porque não é nem branco nem negro ou porque é tão branco como negro. É cinzento porque nem está ao alto nem em baixo ou porque está em cima e em baixo. Cinzento porque não é quente nem frio. Cinzento porque este ponto sem dimensão, ponto entre dimensões e na sua intersecção, no cruzamento dos caminhos».

Do centro cinzento desenha-se o começo oval que explode na tensão do início fechado sobre si próprio. O círculo sem ponto de partida «tece o fado o círculo da vida» (Vieira, Sermões), levanta os menhires sepulcrais em círculo, forja a espada de esferas céltica porque «afectar um ponto duma virtude central, é fazer o lugar da cosmogenese» (P.Klee). Mas, e ainda, porque «somente o insuficiente é produtivo» (H. Keyserling), o círculo e a utopia se igualam como desejos não realizados nunca.

José Manuel Moreira

Banda desenhada

Os equívocos esplendores d

«Alix é o fruto do meu amor pela Grécia e pela Antiguidade. Estava dentro de mim... Porque se eu conheci na época Hergé, também não é menos certo que foi na mesma altura que encontrei Flaubert. E este Flaubert foi um dos grandes choques da minha vida. Ele abriu-me as portas a Platão, Sócrates, de toda a Antiguidade, de todo o mundo romano. Graças a ele, puxei uma malha e veio toda a rede. Foi ao informar-me sobre o que Flaubert lera para escrever «Salambô», que descobri e li Sócrates, Aristófanes, Platão, Tito Lívio, Diodoro da Sicília...»

Palavras de Jacques Martin em entrevista, há alguns anos, à revista «Schtroumpf», e que fornecem alguns elementos para a compreensão de uma obra, que mal se iniciava com esta segunda aventura da saga de Alix.

É o regresso à sua terra natal, onde o herói vai perder as ilusões que ainda pudesse ter quanto aos verdadeiros laços que o unem ao país dos seus antepassados.

Antes das areias douradas do Egipto, ainda uma vez mais a neve. E começa «A Esfinge de Ouro».

Um primeiro dilema: Alix vai ter que romper com o passado, ainda escassamente vislumbrado. Os dados estão lançados, com efeito. É um cidadão romano e o seu país já não é a Gália, mas Roma.

A bordo de uma birreme, viaja para Alexandria. Um novo mundo se abre ao seu olhar. Os sentidos ficam «pesados» com o Oriente vislumbrado. O mistério esmaga-o, rodeia-o de um magnífico ambiente, luxuriante, insólito.

E, com isto tudo, a intriga, as forças do Mal desencadeadas (de novo) por Arbacès, agora na pele de um príncipe egípcio com máscara de ouro.

Alix ainda está só, no interior «dos esplendores equívocos de um Egipto que deve muito da sua beleza aos «clichés» da mitologia popular, mas reinventada, tornada mais sensual, mais fervilhante, pelo autor» (François Rivière).

Enak aparece pela primeira vez, para salvar o jovem gaulês de uma armadilha. É ainda, Enak, uma criança de longos cabelos negros. Como um filhote perdido, o pequeno órfão molda-se à sombra do adolescente, que será também o seu protector.

«Sem uma palavra, Alix adopta-o e inicia-se deste modo, e muito simplesmente, uma longa amizade no sentido mais amplo do termo, a mais nobre também, que tempera a coragem de Alix, conferindo-lhe amplas razões para viver e prosseguir a sua busca de sol», escreve ainda F. Rivière na revista «Schtroumpf».

Personificação da ternura e da submissão, da fraqueza e da precaridade de uma infância sem amor. Enak brinca com um gato preto nas escadas de um mercado.

Logo de seguida, surge na

"Morremos dos nossos beijos"

Um prazer que vale três minutos de vida

O beijo na boca é um perigo: a afirmação provem de um médico, que consagrou recentemente uma tese de 208 páginas ao assunto.

Não é difícil imaginar a reacção do leitor: um breve sorriso carregado de cepticismo, que traduz a incredulidade e o temor. E se os especialistas tivessem razão, quando afirmam que um beijo encurta a vida em três minutos?

A triste história de «miss» Jones, uma jovem americana, por exemplo. Um dia, transbordante de saúde, apanha o comboio para Denver. São doze horas de trajecto e o pupilo da Academia Militar dos Estados Unidos, sentado ao seu lado, é sedutor. «Os beijos são um passatempo agradável, inofensivo e sem consequências», pensa. O companheiro de viagem é da mesma opinião.

Dois dias depois, a jovem escreve-lhe, informando que acaba de ser hospitalizada com uma doença infecciosa no sangue, de carácter benigno, mas arreliadora.

Uma semana mais tarde, é o jovem aprendiz de oficial que adoece. Diagnóstico? A mesma doença, uma mononucleose infecciosa!...

Esta história (com moral) mostra até que ponto todos somos «irresponsáveis», trocando amorosamente vírus, bactérias e diversos parasitas. E, no entanto, corremos o risco de transmitir e apanhar as piores doenças: raiva, hepatite viral, tuberculose, «polio», sífilis, ou mesmo a lepra.

A palavra aos cientistas: cada beijo diminui a vida em três minutos. Durante esta deliciosa ocupação, os ventrículos bombeiam um litro suplementar de sangue e a pulsação sobe das normais 70 batidas para cento e cinquenta.

Visto assim, o beijo é deprimente. Não há dúvida que é mesmo necessário estar muito apaixonado para correr tais riscos. Ou não?

É uma herança dos nossos antepassados do Cro-Magnon, dizem os antropólogos. As mães pré-históricas imitariam as aves e os gorilas, debicando beijos nos seus filhotes. Começava assim o beijo de amor.

Entre diversas etnias, foi um gesto desconhecido durante

do Egipto

obra de Martin o «primeiro destes elos privilegiados»: o templo de Efaoud. Fortaleza perfeitamente desenhada e concebida, constitui um pequeno mundo perfeitamente isolado do resto do Egipto. Nele Arbacès é dono e senhor, rodeado de um «areópago asiático, na mais pura tradição das «viagens longínquas, estranhas aventuras».

O cenário está formado: hordas de escravos-formigas penam para garantir o poder e a fortuna de Arbacès.

O grego sente que Enak poderá ser presa fácil, uma espécie de calcanhar de Aquiles de Alix. Joga nisso a fundo. Atente-se na sequência em que o herói gaulês é posto perante as torturas infligidas ao seu amigo.

Depois, termina o sonho para Arbacès. Alix é mais destro e como o grego está rodeado de incapazes, à boa maneira da estrutura das aventuras da escola, o fogo faz desaparecer o templo de Efaoud. «Ele só tinha existido no espírito de Arbacès».

Carlos Pessoa

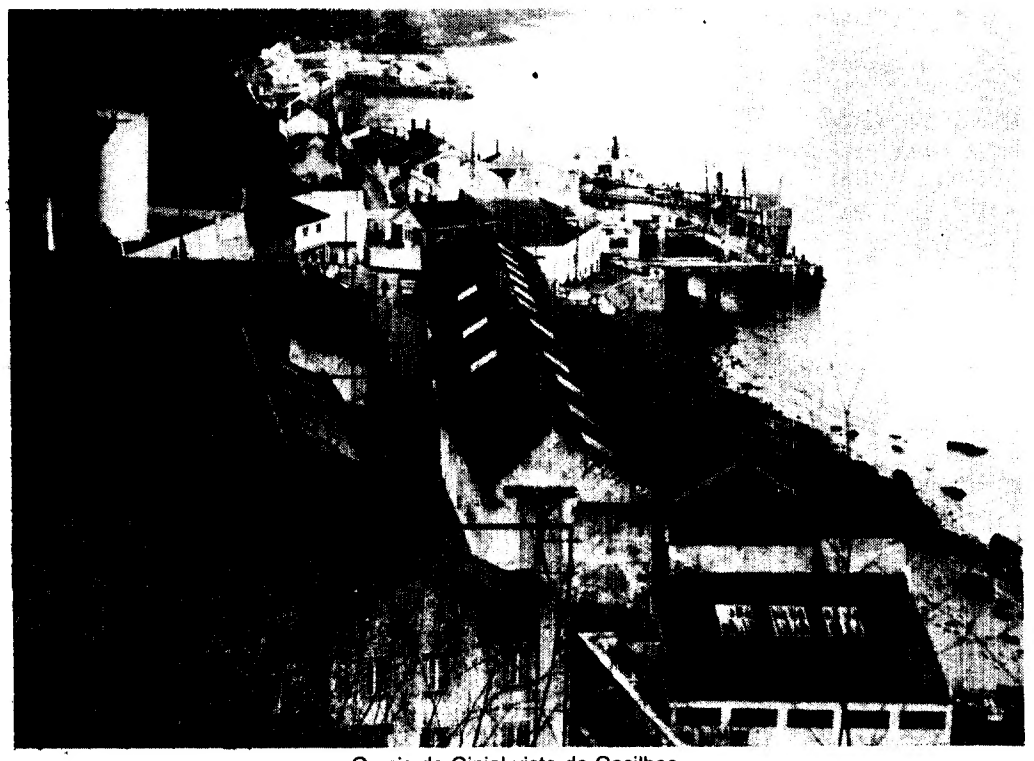
muito tempo, ou ainda um tabu. Era o temor de perder a sua alma, o sopro vital, deixando uma boca estranha aspirá-lo.

Os grandes planos em «technicolor» acabaram por levar os que o rejeitavam, a praticá-lo. Os jovens Papuas desdenham hoje do «mitakuku», gesto de arrancar os pelos com os dentes, praticado voluptuosamente pelos seus antepassados.

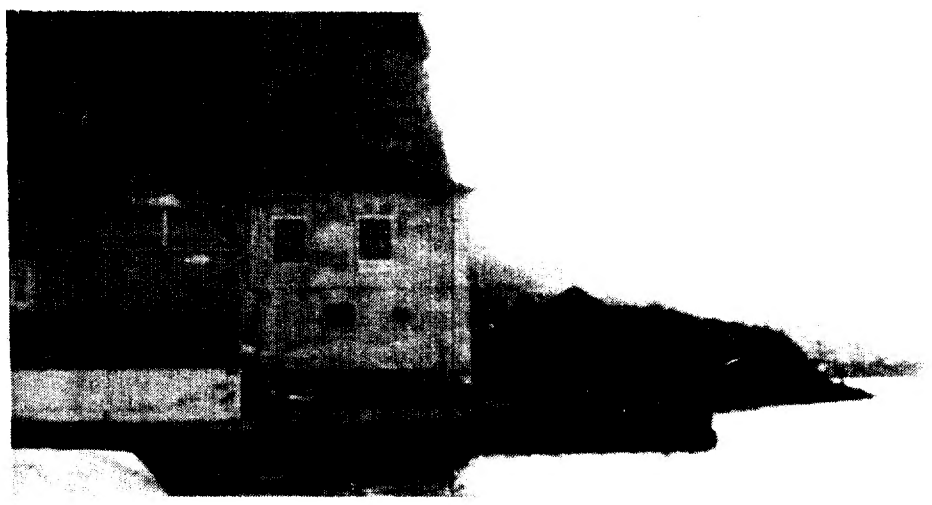
Do mesmo modo, uma jovem chinesa já não ouve a mãe, quando lhe garante que o beijo na boca é um acto de canibalismo.

E só os velhos polinésios encontram ainda excitação no amoroso esfregar de narizes.

Como escreveu um jornalista francês, «morremos todos dos nossos beijos».



O cais do Ginjal visto de Cacilhas



Junto ao «Ponto Final»: outra casa à venda

O casa onde teria nascido Columbano Bordalo Pinheiro

Está à venda no Cais do Ginjal a casa onde Columbano nasceu

O Ginjal, na outra margem do Tejo, foi durante muitos anos um importante entreposto. Ali estavam situados os armazéns de vinhos, azeites e outros produtos de exportação das grandes casas comerciais de Lisboa e algumas fábricas de conservas; a última (La Paloma) foi destruída por um incêndio por volta dos anos cinquenta e dela apenas restam as ruínas. Uma fábrica de cortiça (Symington) após o seu desaparecimento deu lugar às oficinas da Sociedade de Reparação de Navios e a outros serviços de apoio às frotas de pesca de arrasto e bacalhoeira. Da próspera indústria de tanoaria ficou a narrativa de Romeu Correia, no seu romance «Gandaia» («Tanoeiros» na nova versão), cuja acção se passa no Ginjal, onde o escritor viveu parte da sua infância.

As casas existentes junto ao cais, ainda hoje habitadas, foram no tempo em que o Tejo era um rio sem poluição, residência de veraneio dos proprietários das fábricas e armazéns ali instalados. Mas, com o abandono a que a zona foi votada começaram a surgir nas fachadas dos prédios e armazéns os letreiros «vende-se».

Integrado na área de jurisdição do Porto de Lisboa, o Ginjal apenas viu melhorada a zona que vai de Cacilhas até aos edifícios onde está instalada a SRN, enquanto na outra parte do cais até à Fonte da Pipa tudo se tem vindo a degradar de ano para ano. O mesmo acontece com os acessos que ligam o Ginjal à parte velha de Almada, designadamente as «escadinhas», parcialmente destruídas há mais de quinze anos por uma derrocada de terras e que, até agora, ainda não foram reconstruídas. Sobre estas escreveu, em 1977, Manuel Lourenço Soares num semanário de Almada:

«As escadas do Ginjal, que consideramos interessante artéria almadense, na forma em que se encontram, constituem grave perigo para quem nelas transita. São um mau cartaz turístico, que só nos desabona». E denunciava: «Ultimamente até de vazadouro estão a servir», não deixando de lamentar que «atributos naturais que poderiam amenizar a vida à comunidade em geral se encontrem em completo estado de abandono».

Entre os edifícios à venda conta-se um prédio onde, segundo a tradição, teria nascido o pintor Columbano Bordalo Pinheiro. De facto, a acreditar em Romeu Correia, «Columbano Bordalo Pinheiro nasceu no cais do Ginjal, em Cacilhas, a 21 de Novembro de 1857». Diríamos mesmo, por acidente, pois aquele escritor almadense conta, ainda, que «os pais de Columbano, Manuel Bordalo Pinheiro e D. Augusta Maria do Ó Prostes Pinheiro, eram amigos de Columbano Teixeira Leonil, proprietário de um prédio no Ginjal, onde passavam de visita, longos períodos. Aí se encontravam em Novembro de 1857, e, devido a intenso temporal, viram-se impossibilitados de regressar à sua residência, em Lisboa. Assim, chegou o dia 21, em que nasceu uma criança do sexo masculino — a que foi dado o nome do seu padrinho Columbano Teixeira Leonil».

Há cerca de 20 anos, era então presidente do município almadense o dr. Aquilles de Monteverde, houve a intenção de adquirir o prédio e ali instalar uma Academia de Arte, mas tudo acabou por ficar no campo das ideias.

Os letreiros «vende-se» na zona do Cais do Ginjal podem ser a repetição do que aconteceu com a casa onde nasceu José Elias Garcia, em Cacilhas, cuja demolição começou por uma simples e discreta placa «vende-se». Há portanto que acautelar o património histórico, de modo a que seja conservado o conjunto e a traça arquitectónica dos elementos individuais que se considerem um património a defender e evitar que as futuras construções desrespeitem o pitoresco do referido conjunto, o qual deve ser conservado. Não esqueçamos que os conjuntos urbanos de interesse histórico vão desaparecendo em Almada e a cidade arrisca-se, num futuro próximo, a ser uma terra sem rosto histórico, sem tempo estratificado, cuja ausência se traduzirá em pobreza.

O conjunto do Ginjal tem interesse, não só pelo que acima se escreve, mas também pelos elementos de arqueologia e arquitectura industrial que possui e que interessam certamente a uma história geral da arquitectura portuguesa. Além disso, trata-se de um lugar aprazível para o recreio e a ocupação dos tempos livres, de grandes potencialidades para a prática de desportos náuticos e da pesca desportiva. De considerar, também, que as zonas livres ribeirinhas são cada vez mais reduzidas na área da cidade de Almada, desde que na Margueira e no Alfeite foram implantados complexos industriais e militares. O futuro parque urbano da cidade, não irá certamente colmatar a destruição dessas zonas da orla marítima.

Quanto à casa onde teria nascido o pintor Columbano, uma vez que está à venda, atendendo o seu interesse arquitectónico, seria bom que a Câmara Municipal de Almada tomasse as medidas necessárias para a sua conservação e melhoramento, se isso estiver juridicamente ao seu alcance e de todo se tornar impossível a sua aquisição.

Já que falamos em defesa do património, próximo do Ginjal, junto às instalações da Companhia Portuguesa de Pesca, no Olho de Boi, está situada a antiga Fonte da Pipa, que durante séculos abasteceu, de água, Almada. O seu estado de conservação tem vindo a degradar-se nos últimos anos.

A Fonte da Pipa é citada pelo padre Luís Cardoso no seu «Dicionário Geográfico», publicado em 1745, como «célebre não só pela sua bondade, mas também pela abundância e cópia, que lança.» A sua água, segundo o mesmo autor, corria por quatro bicas. Como as conhecemos, as bicas eram constituídas por cabeças de leão, que o tempo e a incúria foram destruindo, delas restando apenas vestígios.

Também aqui seria bom que a Câmara Municipal tomasse providências quanto à sua conservação e recuperação. Não vá acontecer à Fonte da Pipa o mesmo que aconteceu ao Farol de Cacilhas, que a AGDP mandou desmantelar sem dar cavaco a ninguém, apesar do farol fazer parte do perfil do velho burgo, desde 1885.

Publicidade Sete Ponto Sete

TEATRO DO MUNDO
NA
ESTUFA FRIA
10 ÚNICOS ESPECTÁCULOS
TODAS AS NOITES ÀS 21.15

terramoto no chile

RESTAURANTE SONICRIST

Exposição permanente de velharias e antiguidades
- Cozinha Regional
- Mariscos
- Serviços de gelados
- Grelhados a carvão

ESPECIALIDADES

- Strogonof
- Cordon bleu
- Wiener Schnitzel
- Tournedo

Rinchoa — Rio de Mouro (Junto à estação)

MARQUE A SUA MESA PELO TELEFONE 2961450
RECORTE ESTE ANÚNCIO E TERÁ O DESCONTO DE 10%

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205

teatro do bairro alto

teatro da Cornucópia

NÃO SE PAGA! NÃO SE PAGA!
de
Dario Fo

11.º Mês
Só até domingo

Todos os dias às 21.30. Domingos só às 17 horas 2.ª feira (descanso).

TEATRO NA CAIXA

AV. DA REPÚBLICA, 31
QUINTAS, SEXTAS E SÁBADOS
ÀS 21,15 H.
BILHETES NO TEATRO,
NOS DIAS DE ESPECTÁCULO
A PARTIR DAS 20 H.-OU NA
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
SERVIÇOS SOCIAIS
Encenação de
Rogério de Carvalho
Cenografia de
José Castanheira

... a mais genial imagem do teatro de Tchekhov...
... um espectáculo que é uma raridade no nosso teatro...
Carlos Porto
... excepcional... criação global de qualidade rara...
... que belo espectáculo, quase um sonho...
Jorge Listopad

FILMES CASTELLO LOPES 65 apresenta

HANNA SCHYGULLA
no novo sucesso de
R.W. FASSBINDER

As lágrimas amargas de Petra von Kant

(Die bitteren Tränen der Petra von Kant)

MARGIT CARSTENSEN · IRM HERMANN
EVA MATTES

Argum R.W. FASSBINDER Fotog MICHAEL BALLHAUS
Não aconselhamos a menores de 18 anos - COLORIDO

O difícil mundo do amor entre mulheres!

FILME DE QUALIDADE

7.ª SEMANA

quarteto

3.ª SEMANA CINEPOLIS

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações elétricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO, 81-3.º, e na secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Torres Vedras em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5498 — 1/1, arquivo 9, para o estabelecimeno do novo troço da linha N.º 369, a 10 KV, constituido por uma linha mista com 849 metros, do poste n.º 123 da linha N.º 354 ao apoio n.º 6, e, passando pelo posto de seccionamento n.º 5498.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 3 DE DEZEMBRO DE 1981.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
JOÃO CARLOS OUDINOT LARCHER NUNES

OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que, por escritura de 10 de Novembro de 1981, lavrada de folhas 5 a folhas 7 do livro de notas 111-C deste Cartório a cargo do Notário Licenciado em Direito Eduardo António Correia de Azevedo, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que adoptou a denominação de «INTEROURO — SOCIEDADE IMPORTADORA E EXPORTADORA, LIMITADA», nos termos constantes da fotocópia anexa, que, com esta se compõe de cinco folhas e vai conforme com o original.

Lisboa, 23 de Novembro de 1981

O Esc-Sup.
Ana Maria de Sousa Ribeiro

PRIMEIRO:

A sociedade adopta a denominação de INTEROURO — SOCIEDADE IMPORTADORA E EXPORTADORA, LIMITADA, — vai ter a sua sede em Lisboa, na Rua das Chagas, número dois, primeiro andar, direito, freguesia de São Paulo, — e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

PARAGRAFO ÚNICO: — A sociedade poderá mudar a sua sede e estabelecer agências, sucursais ou qualquer outra forma de representação no território nacional ou no estrangeiro, mediante deliberação da assembleia geral.

SEGUNDO:

O seu objecto é o comércio de representações, importação e exportação de mercadorias, podendo em todo o caso vir a explorar, dentro dos limites da lei, qualquer outro ramo de negócio em que os sócios acordem.

TERCEIRO:

O capital social é de DUZENTOS MIL ESCUDOS, inteiramente realizado em dinheiro já entrado na caixa social e representado por duas quotas, uma de cento e noventa mil escudos, do sócio Dr. Rogério Mendes de Moura e outra de dez mil escudos, da sócia Maria Antónia Raposo.

QUARTO:

A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livremente permitida entre os sócios. A cessão a terceiros depende do consentimento da sociedade, que se reserva o direito de preferência na aquisição e, se ela o não quiser exercer, tal direito poderá ser exercido pelos sócios não cedentes, na proporção das respectivas quotas.

PARAGRAFO ÚNICO: — No caso de a sociedade recusar o seu consentimento à cessão a terceiros, aquela obriga-se a adquirir a quota cedenda pelo preço igual ao valor que para a mesma resultar de balanço especial a efectuar para o efeito, no prazo de trinta dias, a contar da data em que tenha tido conhecimento da pretendida cessão.

QUINTO:

A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas por ambos os sócios, que ficam nomeados gerentes, dispensados de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: — A gerência poderá constituir procuradores da sociedade, nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis e seu parágrafo único do Código Comercial ou para quaisquer outros fins; e os gerentes poderão delegar entre si os seus poderes de gerência e de representação social, no todo ou em parte, mediante procuração, podendo também fazê-lo em terceiros, se para tanto forem autorizados em assembleia geral pelos votos representativos da totalidade do capital social.

PARÁGRAFO SEGUNDO: — Para obrigar a sociedade nos seus actos e contratos basta a assinatura de um sócio gerente ou a de um procurador da sociedade com poderes para tal efeito.

PARÁGRAFO TERCEIRO: — É proibido aos gerentes obrigar a sociedade em fianças, abonações, avales, letras de favor e em outros actos ou contratos semelhantes estranhos aos negócios sociais, sob pena de o infractor responder perante a sociedade pelos prejuízos que lhe causar.

SEXTO:

As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, salvo nos casos em que a lei exija outras formalidades.

PARÁGRAFO ÚNICO: — O sócio impedido de comparecer à assembleia geral poderá fazer-se representar, por outro sócio, mediante simples carta, por ele assinada, dirigida à sociedade.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CELULOSE, FABRICAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO PAPEL, GRÁFICA E IMPRENSA DO SUL E ILHAS

Largo da Trindade, 16-1.º – 1294 LISBOA CODEX

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo dos Estatutos, de acordo com o Art.º 39.º., número 1, alínea a) e para os fins previstos no Art.º 38.º., alínea j), convocam-se todos os associados a comparecerem na Assembleia Geral a realizar na sede do Sindicato, em Lisboa, Largo da Trindade, 16-1.º, pelas 20 e 30 horas do dia 30 de Dezembro, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Discussão e aprovação de orçamento e plano de actividades para 1982, apresentados pela Direcção bem como o parecer dos Delegados Sindicais.
2 — Assuntos diversos:
a) Tarefas do Movimento Sindical;
b) Contratação;
c) Outros.

Lisboa, 24 de Novembro de 1981

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Raul Vladimiro
Miraldes Caetano

Viagens Internacionais
AUTOPULMAN

Lisboa | PARIS

3.950$

FRANÇA	LYON VERSAILLES CLERMONT-FERRAND
ALEMANHA	COLONIA FRANKFURT
SUÍÇA	ZURIQUE GENEVE
LUXEMBURGO	LUXEMBURGO
BÉLGICA	BRUXELAS

Novo serviço para
ESPANHA
MADRID 1.690$00
BARCELONA 3.380$00

CONNOSCO QUALQUER TEMPO É TEMPO DE TURISMO

Informações e reservas

RN VIAGENS E TURISMO/CLARAS TURISMO

Av. Fontes Pereira de Melo, 33 — 1098 LISBOA CODEX
Telef. 560015-563451/52

Edgar Morin o enciclopedante

Continuação da pág. 1

Acordaram a minha antiga preocupação da realidade a um tempo biológica, psíquica e social de tudo o que é humano. Estimularam de novo todas as minhas preocupações fundamentais. Assim, desde **L'Homme et la Mort** que eu me sentia impressionado tanto pela realidade dos mitos como pela sua irrealidade. Hoje continuo impressionado tanto pela realidade viva das ideias e das ideologias como pelo seu carácter ilusório. Interrogo-me sobre as ideias que ao mesmo tempo nos permitem conceber o mundo e nos impedem de o ver. E cheguei, naturalmente, às interrogações de «método»: qual é o comércio que o espírito estabelece com o real? Como organizar o nosso pensamento? Haverá um método que possa ajudar-nos a conceber o real de modo não fantasmático, não mutilante?

— Não estará à procura de uma síntese interdisciplinar?

— O que me interessa não é uma síntese, mas um pensamento transdisciplinar, um pensamento que não se quebre nas fronteiras entre as disciplinas. O que me interessa é o fenómeno multidimensional, e não a disciplina que marca uma dimensão neste fenómeno. Tudo o que é humano é a um tempo psíquico, sociológico, económico, histórico, demográfico: importa que estes aspectos não sejam separados mas concorram para uma visão poliocular. O que me anima é o cuidado de ocultar o menos possível a complexidade do real.

Um vaivem

— Como se define segundo a sua investigação actual? Filósofo, epistemólogo ou cientista?

— Fiz investigações em sociologia, mas nem por isso me considero científico. Estou no movimento de vaivém e de comunicação entre a reflexão filosófica e a ciência, sem por isso pretender ocupar o trono da epistemologia. Para mim, a problemática ciência-filosofia não é alternativa: tanto uma como outra podem e devem confluir e alimentar-se mutuamente. A ciência contemporânea desemboca em problemas filosóficos fundamentais e propõe novos conceitos filosóficos. Do mesmo modo não acredito numa filosofia fechada que ignora a prodigiosa aventura do conhecimento que é a aventura científica.

— Não se comporta de acordo com a tese de René Girard, segundo a qual nós sentimos atraídos sempre que uma teoria é defendida por outra?

— É certo que tento espontaneamente integrar a concepção adversa em vez de a rejeitar. Mas isso também provém do forte sentimento quase hegeliano, de que toda a ideia chama a si a ideia contrária. Ainda mais profundamente, creio que o aparecimento da contradição pode significar o aparecimento de uma dimensão escondida na realidade e anunciar um novo progresso no conhecimento.

— O seu livro la Méthode defende o princípio de uma «desordem organizadora» para não dizer redentora, que está, de resto, no centro dos actuais trabalhos da física, da biologia e da cibernética. No entanto, Paul Valéry já dizia que «duas calamidades ameaçam o mundo: a ordem e a desordem».

— Com efeito, isoladas, a ordem e a desordem são duas calamidades. Um universo que não fosse senão ordem, seria um universo onde não haveria novidade nem criação. No mesmo modo, um universo só desordem não chegaria a constituir uma organização e não seria apto para o desenvolvimento nem para a inovação. Por isso precisamos de conceber o universo a partir dadquilo a que chamei o «Tetragrama»: ordem / desordem / integrações / organização. Este tetragrama não dá a chave do universo; permite compreender-lhe o jogo. Revela-nos a sua complexidade. O objectivo do conhecimento não é descobrir o segredo do mundo numa só palavra. É, sim, dialogar com o mistério do mundo.

— Se uma teoria científica reside na simplicidade, como pode o seu «sistema de complexidade» ser não só o objecto da investigação mas o paradigma da sua nova teoria.

— Popper já notou que a noção de simplicidade é muito complexa. É preciso distinguir entre o mito delirante da simplicidade do universo e a admirável simplicidade das teorias científicas que unificam, num mesmo pincípio, fenómenos estremamente diversos, como a lei da gravitação de Newton que permite conceber ao mesmo tempo a queda das maçãs sobre a Terra, a não-queda da Lua sobre a Terra, e o movimento ciclico das marés. A simplicidade do universo foi o mito da ciência clássica procurando a unidade elementar e a lei suprema do universo.

Esta investigação foi extraordinariamente fecunda, visto que provocou a descoberta da molécula, do átomo e da partícula. No entanto, ela desembocou precisamente na complexidade: foram as leis físicas que descobriram, para o «princípio do universo», não uma lei suprema mas o jogo da ordem-/desordem/organização; para a «origem do universo», não uma fundação mas um mistério catastrófico; para o «futuro do universo», não só a organização mas a dispersão e a desintegração.

A complexidade é pois um fenómeno que nos é imposto pelo real e que não pode ser repelido. O que deve ser combatida é a simplificação arrogante, que oculta o ser e a existência em proveito da formalização, que reduz as entidades globais aos seus elementos constitutivos, que julga ter isolado um objecto do seu meio ambiente e do seu observador, quando isso é impossível. Não

apresento um «sistema de complexidade», ponho, sim, o problema incontornável da complexidade.

O suave e o obscuro

— Encontram-se face a face duas visões do mundo: Descartes queria o homem «mestre e senhor do universo», e Edgar Morin deseja que «a ciência traga consigo o autoconhecimento». Que dialéctica se instaura entre estes dois métodos divergentes?

— A diferença essencial é que Descartes escreveu um **Discurso do método** e eu elaborei um **Discurso em busca do método;** é que ele julgava que se podia deduzir um método a partir dos princípios, enquanto eu procuro esses princípios. Descartes formulara a grande disjunção que vai formular o mundo ocidental: entre o objecto e o sujeito, entre a natureza e o homem que deve dominá-la. A partir daí o autoconhecimento dizia respeito à filosofia e o conhecimento objectivo à ciência. Recuso uma tal disjunção. Não se trata de fazer uma síntese entre a filosofia e a ciência, mas o desenvolvimento incontrolado do poder de manipulação das ciências põe problemas filosóficos fundamentais e obriga os cientistas ao autoconhecimento.

Por outro lado Descartes postulara a clareza e a distinção como critérios conceituais de verdade. Ora hoje é impossível ter uma visão clara e distinta do universo. É impossível isolar o ser vivo do seu eco-sistema, o indivíduo da sua sociedade, o sujeito do objecto. É-nos preciso trabalhar e pensar, não só com distinção e clareza mas também com «o suave e o obscuro».

— Se as determinações culturais suportadas por todo o pensamento codetermina o objecto de conhecimento, como se pode aspirar a uma ciência «objectiva»?

— Podemos considerar dados objectivos e efectuar medidas controláveis: a concordância entre as observações e as experimentações é a garantia clássica da objectividade científica. Isto não quer dizer que as teorias científicas sejam intrinsecamente objectivas: elas não são reflexos do real. Assim, os mesmos dados objectivos poderam ser utilizados em teorias diversas e até adversas como as de Ptolomeu, Copernico, Newton, Einstein. Aquilo que aprendemos do mundo não é o objecto menos nós mas o objecto visto e observado, coproduzido por nós. O nosso mundo faz parte da nossa visão do mundo, a qual faz parte do nosso mundo. Quer dizer que o conhecimento do objecto mais físico não poderia ser dissociado de um objecto enraizado numa cultura e numa história. É pois tão necessário considerar todo o conhecimento físico no seu enraizamento antropo-social como considerar toda e qualquer realidade antropo-social no seu enraizamento físico.

— Acha então que conseguiu elaborar «o Novo Discurso» — ambição central da sua investigação — que articularia os três níveis de organização do physis, do biológico e do antropo-social, sem os reduzir um ao outro?

— Quis mostrar que a articulação do conhecimento do homem ao conhecimento biológico, e este ao conhecimento físico-químico, nem por isso significa, reduzir o humano ao biológico, e o vivo ao físico-químico; é, pelo contrário, complexificar estes conhecimentos. Quis mostrar igualmente que enraizar a produção do saber científico na produção cultural, nem por isso é reduzir a ciência a uma ideologia. É, pelo contrário, complexificar a nossa concepção do conhecimento científico, de dupla raiz, uma inerente à praxis histórica-social e a outra inerente à realidade empírica. A nossa visão científica do mundo é mutilada se não incluir o observador-conceptor, e, com ele, não só a sua «idiossincrasia» mas também a sua cultura, a sua história.

— «A ciência ocupa a posição singular da escuta poética da natureza», disse Ilia Prigogine (prémio Nobel). Essa «nova aliança», essa procura de um «saber reconciliado» poderia lançar as bases de outra visão do mundo?

— Saímos de um universo onde somos marginais e semiestrangeiros. A própria vida é muito minoritária no sistema solar e talvez seja mesmo excepcional, até única no Universo. Saímos, com efeio, de uma evolução natural, mas desde a nossa entrada no mundo da cultura que as nossas relações com a natureza se tornaram mediatizadas, misturadas pelo «ruído» ideológico. É porque estamos afastados da natureza que queremos encontrá-la. Não poderemos, no entanto, reencontrar a unidade perdida nem um «saber reconciliado». O pènsamento humano é algo de singular e de bizarro no universo. Ele não reflecte o mundo, imagina-o. Não podemos pois deter a nossa alienação, o facto de sermos estrangeiros a essa natureza que, no entanto, é a nossa matriz e a nossa mãe-madrasta. É preciso romper com a visão sobrenatural e insular do homem, mas não podemos, no entanto, romper com a nossa situação peninsular e biocultural.

Dupla pilotagem

— Esse domínio da natureza não seria também uma projecção do monoteísmo ocidental?

— Decerto que sim, mas essa visão do homem, mestre e senhor da natureza, deve parecer-nos insensata. Não só porque aprendemos que não estamos no centro do mundo mas na sua periferia, mas também porque o domínio do nosso pequeno planeta faz de nós aprendizes de feiticeiro. Não só temos de renunciar ao projecto «gengiskaneano» de conquistar e dominar a natureza mas também de ultrapassar a alternativa «seguir ou guiar» a natureza, o que nos leva à concepção complexa da dupla pilotagem homem-natureza. Spencer Brown dizia que, se o universo queria conhecer-se, ele tinha que mandar para o exílio uma pequena parcela de si próprio que, de longe, pudesse conhecê-lo. Enfim, ele só podia conhecer-se tornando-se estrangeiro a si mesmo. O nosso conhecimento do universo implica a um tempo solidariedade e estranheza. Ele implica o nosso exílio.

— A sua busca transdisciplinar na elaboração do «método dos métodos» reflecte-se na sua linguagem neológica: jogos de palavras e de espírito. Até à sua máxima: «O único pensamento que vive é o que se mantém à temperatura da sua própria destruição».

— Essa máxima exprime a minha convicção profunda: o pensamento investigador move-se entre a lógica e a não-lógica, entre o racional e o irracionalizável. Não foi por acaso que Pascal pensou no limite da razão e Hölderlin no limite da loucura. Qualquer novo pensamento entra numa aventura onde se arrisca a morrer.

— Será o Edgar Morin um enciclopedista do ano 2000?

— Não posso, ninguém pode ser enciclopédico. Antes me sinto enciclopedante, não no sentido pedantesco da palavra mas no sentido auto-educativo: aprendizagem que põe o saber em ciclo, que tenta articular o que está separado e devia estar junto. Devido às minhas viagens pelos territórios do conhecimento, sou um contrabandista do saber, e é por essa razão que os guardas venatórios atiram sobre mim».

Guitta Pessis Pasternak

Exclusivo «DL»-«Le Monde Dimanche»

Publicidade
Sete Ponto Sete

NA FILARMONICA DA AMADORA
Rua Elias Garcia, 142 – Telef. 93 45 61
TODOS OS DIAS ÀS 21.30 h DOMINGOS E FERIADOS ÀS 16 h
DESCANSO ÀS 2.ª FEIRAS

TEATRO MESTRE GIL
Apresenta
a revista à portuguesa

A BILHETEIRA ABRE ÀS 18 HORAS

GRUPO DE CAMPOLIDE/ACADEMIA ALMADENSE
«A EXCEPÇÃO E A REGRA» B. BRECHT
enc. P. Schroth e P. Kleinert
Espectáculos: de 9 a 13 e de 15 a 19 às 21,45 h.
Tel.: 275 21 75 **SUB-SEC/CMA/GULBENKIAN**

DOIS DOCUMENTOS EM DESTAQUE:
• **O documento de Santa Fé** – a prova de que os aparentes exageros usados para definir a política externa dos EUA estão perigosamente mais próximos da realidade do que se imaginava.
• **A confissão da PIDE/DGS** – a impotência do regime colonial perante a FRELIMO, reconhecida num relatório de 3 de Abril de 1974... ou o ruir dos mitos!

cadernos do terceiro mundo

E AINDA:
• A humanidade diz **não à guerra**: «Europeus querem o direito de dizer não». «O ressurgimento do pacifismo». «O sindroma do Vietname»

acaba de sair o número de Novembro

GRUPO CENA DO PORTO na COMUNA

«A MESA - PALAVRAS DE MULHERES»

De 10 a 13 de Dez.º
ÀS 21.45 H
DOMINGO ÀS 18 H

SUBS. SEC

ADÓQUE teatro **INFANTIL**
TEL. 874476
«TEATRINHO»

O ESPECTÁCULO INFANTIL PARA TODAS AS IDADES

SÁBADO, 12 E DOMINGO, 13

LOTAÇÃO ESGOTADAS

UM MUSICAL INFANTIL COM UMA GRANDE PINTAROLA!

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE COVILHÃ

ANÚNCIO

Proc. 1153/80 — Sec. 2.ª

FAZ SABER que pelo juízo desta Comarca e 2.ª secção pendem uns autos de EXECUÇÃO SUMÁRIA que a exequente, A «DECORMALHA» — Artesanato de Malhas de Decorações, Ld.ª, move contra a executada, AUGUSTO DUARTE, Ld.ª, sociedade por quotas de Responsabilidade Ld.ª, com última sede conhecida na Rua da Madalena, 132 1.º LISBOA, correm éditos, de TRINTA DIAS, contados da publicação deste anúncio, citando aquela executada, para no prazo de CINCO DIAS, decorridos os éditos, pagar à exequente a quantia de 65 730$20, quantia titulada por letras e encargos vendidos, deduzir oposição ou nomear bens à penhora que garantam aquela quantia e Custas, findo o que tal prazo, se considera devolvido à exequente o direito da nomeação de bens à penhora.

Covilhã, 4 de Novembro de 1981

O JUIZ DE DIREITO
António Fernando da Silva Grandão

O ESCRITURÁRIO
José Fernandes

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA COVILHÃ

ANÚNCIO

Na acção ordinária que João António Fael dos Santos Luís e outros, movem contra «Supermercado Amork Lda.» com sede na Rua José Ramalho 13, Covilhã, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da 2.ª publicação deste anúncio, citando a Ré na pessoa dos seus sócios José Pessoa e Costa e esposa Maria Joana Dulce Real Pessoa e Costa que residiram nesta cidade e em Lisboa, na Urbanização da Portela 59-9.º Dt.º, para no prazo de VINTE DIAS, decorridos os éditos, contestarem a referida acção, na qual os AA. alegam ser legítimos donos da cave direita e esquerda do prédio de propriedade horizontal na Rua José Ramalho o Cabeça Alta, inscrito na matriz sob o art. 1004, e pedem a condenação da ré a reconhecer a propriedade e a restituição aos AA. daquelas fracções livres e desocupadas, assim como no pagamento de indemnização e custas da acção, conforme consta do duplicado da petição que poderá ser solicitada nesta Secretaria.

Covilhã, 20 de Novembro de 1981

O JUIZ DE DIREITO
António José P. Condesso
O ESCRIVÃO
J. Serrasqueiro

ADÓQUE teatro
TEL. 87 44 76
8.º E ÚLTIMO MÊS
PAGA AS FAVAS

UMA REVISTA PARA SER VISTA E REVISTA!!!

HORÁRIO

SEXTA, 11, 21.30

SÁBADO, 12, 20.30 e 22.45

SEXTA, 18, 21.30

SÁBADO, 19, 20.30 e 22.45

ATENÇÃO AOS ESPECTÁCULOS DE NATAL E DE FIM DE ANO DIA DE NATAL: ÀS 17 E 21.30 FIM DE ANO: ÀS 20.30 E 22.45

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

SEXTA 11 - SAB. 12 - 21,30
DOMINGO 13 - 16 HORAS

Les Femmes Savantes de Molière
la pastorale comique

PELA COMPANHIA **JEAN-LOUIS MARTIN-BARBAZ**
DIRECÇÃO DE **MARTIN-BARBAZ**
CENÁRIOS E FIGURINOS DE **PIERRE-YVES LEPRINCE**

"... A FELIZ DESCOBERTA DE UMA OBRA-PRIMA INESGOTÁVEL"

PREÇOS DE 150$00 (3.º BALCÃO) A 300$00 (PLATEIA)
ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À SEGUNDA-FEIRA

A HISTÓRIA DE UM HOMEM QUE TEVE QUE DECIDIR ENTRE A FAMA E O AMOR!

JULIO IGLÉSIAS
"ESQUECI-ME DE VIVER"
UM FESTIVAL DE BELAS CANÇÕES QUE NÃO ESQUECEM!

EM 2.ª SEMANA COM LOTAÇÕES ESGOTADAS

ODEON

RN
VIAGENS E TURISMO

VIAGENS DE NATAL
Natal Medieval em Torre de Nevões
— 24 a 26 ..... 6 750$00
Almoço Mistério (Dia de Natal) ..... 1 600$00

VIAGENS DE FIM DE ANO
Fim do ano no Hotel Tivoli-Sintra
— 31/12 e 1/1 ..... 6 450$00
Fim do ano na Serra da Estrela
— 31/12 a 2/1 ..... 5 350$00
Fim do ano em Madrid — 31/12 a 3/1 7 250$00
Almoço Regional (dia de Ano Novo) 1 500$00

CONNOSCO QUALQUER TEMPO É TEMPO DE TURISMO

RN
Informações e Reservas:
RN VIAGENS E TURISMO — Claras Turismo
Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1098 LISBOA CODEX
TEL. 560015 — 563451/2

Romvlo o grande
RETOMA A SUA CARREIRA A PARTIR DE 15 DE DEZ.